

AUTORES LIVROS

Ano IX
Novembro de 1948

Divisor e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
P R E Ç O : — Cr\$-3.00

N.º 14
Vol. X

Notícia sobre Teresa Margarida

Teresa Margarida da Silva e Orta nasceu em S. Paulo, ignorava-se em que ano. Era filha de José Ramos da Silva, um dos homens mais ricos da colônia, e de D. Catarina de Orta. Um dos seus irmãos mais velhos, que sobre o espírito dela havia de exercer extraordinária influência, era Matias Aires, o autor das *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*.

Tinha Teresa Margarida cinco ou seis anos quando os pais a levaram para Portugal. Ela nunca mais tornaria ao Brasil. Em Lisboa, no Convento das Trinas, recebeu uma excelente educação, sendo justa supor que, como Matias Aires, era capaz de escrever em outras línguas, como o Francês ou o Latim.

A bravia independência de seu espírito se tornou manifesta, quando ela resolveu casar-se com Pedro Jansen Moller. Entretanto, então, uma tremenda oposição da família, mas a nada cedeu. Casou-se com o noivo que escolhera, recebendo o castigo de ser deserdada pelo pai.

Nessa luta de família, Matias Aires parece ter tido um espírito de compreensão e amparo para a irmã. Quando ela ficou viúva, foi morar com Matias dedicando-se à educação dos filhos dele.

Morto o escritor, Teresa tomou a administração dos bens que ele deixava, e os geriu com perícia e energia.

Desgostosa, porém, da vida que levava, deliberou ir acabar os dias em um convento. Entrou para o Mosteiro dos Ferreiros, e foi ali que compôs um poema do qual só se conhecem duas estrofes, recolhidas por Inocência no seu *Dicionário*.

Faleceu em data que também se ignora, tendo Ernesto Ennes conseguido apurar que o seu corpo se acha depositado em Agualva, ao lado de Matias Aires.

Deixou a seguinte obra:

— *Máximas de Virtude e Formosura com que Diofanes, Cimeza e Hemirena, Princesas de Tebas, vencerão os mais apertados lances da desgraça*. Oferecidas à Princesa Nossas Senhoras a Senhora D. Maria Francisca Isabel Josefa Antonia Gertrudes Rita Joana por Dorothea Engrassia Tavadreda Dalmira. — Lisboa — Na oficina de Miguel Menescal da Costa, impressor do Santo Officio — Ano MDCCLII — com todas as licenças necessárias.

— *Aventuras de Diofanes imitando o sapientissimo Fenelon na sua viagem de Teilmaco por Dorothea Engrassia Tavadreda Dalmira*. — Lisboa — Na Régia Officina Tipográfica — Ano MDCCCLXXXVII — Com licença da Real Mesa Censoria — (E — diz Ernesto Ennes — igual à edição anterior, differitudo apenas na divisão dos capitulos ou livros).

— *Aventuras de Diofanes ou Máximas de Virtude, e formo-*

sura com que Diofanes, Cimeza e Hemirena, Princesas de Tebas, vencerão os mais apertados lances da desgraça. Por Dorothea Engrassia Tavadreda Dalmira (Brazão Lusitano) — Lisboa — Na Régia Officina Tipográfica — Ano MDCCLXXXVII — Com licença da Real Mesa Censoria. (A existência dessa edição foi comunicada ao Sr. Rui Bloem pelo Sr. Basilio de Magalhães).

— *Aventuras de Diofanes imitando o sapientissimo Fenelon na sua viagem de Teilmaco por Dorothea Engrassia Tavadreda Dalmira*. Seu verdadeiro autor Alexandre de Gusmão — Lisboa — Régia Officina Tipográfica — Ano MDCCLXXX — Com licença da Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros.

— *História de Diofanes Cimeza e Hemirena, Princesas de Tebas*. História moral, escrita por uma Senhora Portuguesa — Lisboa — Tipografia Holandiana — 1818. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço. Vende-se em Casa do Editor F.B.O. de M. Mechas, no Largo do Cais do Sodré, n.º R.A.

— *Aventuras de Diofanes por Teresa Margarida da Silva e Orta* — Prefácio e estudo bibliográfico de Rui Bloem — 218 páginas — Ministério da Educação e Saúde — Instituto Nacional do Livro — Biblioteca Popular Brasileira — XVII — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1945.

TERESA MARGARIDA

Teresa Margarida tem sido considerada cronologicamente, a primeira romancista brasileira. É a opinião do Sr. Rui Bloem (*O primeiro romance brasileiro — Retificação de um erro da história literária do Brasil* — S. Paulo, 1938). É também a opinião do Sr. Tristão de Alade (*Revista do Brasil*, Maio, 1941). Terá a escritora direito a esse título? É o que não parece de todo apurado. As *Aventuras de Diofanes* são de 1752. A *História do Predestino Peregrino*, de Alexandre de Gusmão, é de 1682.

Compreende-se que os partidários da tese de ser Teresa Margarida a nossa primeira romancista não queiram levar em conta Alexandre de Gusmão pelo fato de ter ele nascido em Portugal. Compreende-se também a possibilidade de aceitar o alegado. O primeiro Gusmão viveu no Brasil muito mais tempo do que em Portugal, aqui trabalhou esmeradamente, aqui criou sua obra de religioso e de escritor. Se aceitarmos como nossos os Cardinaes, os Souzas, os Gandavos, por que motivo havemos de excluir Alexandre de Gusmão? Já, porém, que o excluíamos, resta, ainda, antes de Teresa Margarida, Nuno Marques Pereira. Este faleceu nas imediações de 1733 — quer dizer, cerca de vinte anos antes da publicação da obra de Teresa Margarida. Porque, pois, subtrair ao *Peregrino da America* um título que de pleno direito

lhe cabe? Pela simples alegação de ser o seu livro um livro de propaganda religiosa? Não parece justo o motivo. Também o *De Beata Virgine*, de Anchieta, é um poema de propaganda religiosa, e nem por isso cuidamos em subtrair-lo aos quadros de nossa literatura.

Tenhamos portanto, como assentado, que o precioso do romance nacional continua sendo Alexandre de Gusmão.

As *aventuras de Diofanes* constituem uma novela didática, como a de Fenelon, que a recitara confessa ter sido o seu modelo. Amplia-se em meditações políticas, sociais e morais, e chega até as digressões econômicas. Irmã pelo sangue de Matias Aires, ela guarda, no escrever, cartas aproximação com o autor das *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, embora não se tenha deixado imbuir como ele da desoladora convicção da inaniência de tudo, embora ainda conserve, em sua alma sensível e delicada, a esperança de que novas felicidades há de no futuro sorrir aos homens.

Resta falar de um outro as-

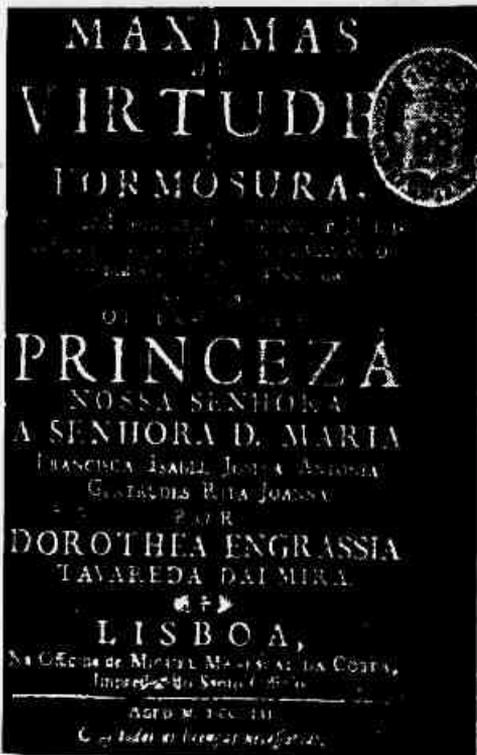
pecto de Teresa Margarida: a poetisa.

Este desapareceu por completo a ponto de ignorarem os mais minuciosos leitores de Teresa Margarida que ela fizesse versos. Inocência, porém, que com tanta paciência examinou e fixou tudo o que se prende à cultura lusitana, refere que a irmã de Matias Aires era poetisa. Tivera o erudito dicionarista ocasião de manusear e ler uma larga coleção de poemas portugueses, impressos ou inéditos, que pertencera a F. de Paula Ferreira da Costa. Entre tais produções, achou ele um manuscrito "sem caráter de autógrafo, mas que indicava ser cópia tirada por letra do fim do século passado", e que trazia o seguinte título:

— *Teresa Margarida da Silva e Orta, encerrada no mosteiro dos Ferreiros, encaminha ao céu os seus justissimos prantos no seguinte poema épico — trágico*.

Dividia-se em cinco prantos, e continha ao todo cento e nove ditavos rimadas, das quais o biógrafo conseguiu copiar as duas primeiras, uma das quais é a seguinte:

"Fortentos de valor, e mil proezas
Descreva o grego, cante o mantuano;
De seus heróis as civis empresas.
Digam outros em tempo soberano:
Ocelos reptam as finezas
Dêsse vendado deus, Amor insano;
Entusiasmo Apolo lhes inspire,
Todo o Parnaso a seu favor conspire.



Página de rosto da 1.ª edição (1752) do romance de Teresa Margarida

SUMÁRIO

Página 161:	Página 170:
— Notícia sobre Teresa Margarida.	— A Vida dos Livros — Livros recebidos.
— Prólogo das "Aventuras de Diofanes", de Teresa Margarida.	— Galeria Sotero Coome — n.º 1: Retrato de Mulher.
Páginas 162, 163 e 164:	Páginas 171, 172 e 173:
— Alguns capítulos das "Aventuras de Diofanes", de Teresa Margarida.	— O falecimento de Rodolfo Garcia.
Página 165:	— O Adeus da Academia, palavras de Pedro Calmon.
— <i>Aventuras de Diofanes</i> (Introdução à edição do Instituto Nacional do Livro). Rui Bloem.	— O Adeus da Biblioteca Nacional, de Jesus Montelo.
Páginas 166 e 167:	— Palavras de despedida da Comissão de Publicações da Academia Brasileira de Letras, de Múcio Leão.
— <i>Teresa Margarida da Silva, precursora do romance brasileiro</i> , de Alceu Amoroso Lima.	Página 175:
Páginas 168 e 169:	— Luis de Andrade.
— <i>O Centenário de Rui Barbosa: Discursos de Clemente Mariani, Aloísio de Carvalho, Pedro Calmon, Angelo Mendes de Moraes e Silvio de Noronha.</i>	— A Faculdade de Filosofia.
	— Os manuscritos de Anatole France.
	Página 176:
	— Album de Guinard — N.º 14: Igreja de Santa Ifigênia.
	— Segunda Elegia de Duto, de Rainer Maria Rilke, tradução de Lima Paranhos.

Prólogo das "Aventuras de Diofanes"

Leitor prudente, bem sei que dirás ser o melhor método não dar satisfações; mas tenho razão particular, que me obriga a dizer-te, que não culpes a confiança de que me revisto, para representar a figura dos doutos no teatro deste livro, pois nele basta que o natural instinto observe os preceitos da razão, para satisfazer ao ardente desejo que me procura infundir nos ânimos daqueles por quem devo responder, o amor da honra, o horror da culpa, a inclinação às ciências, o perdão a inimigos, a compaixão da pobreza, e a consciência nos trabalhos, porque foi só este o fim, que me obrigou a desprezar as vozes, com que o receio me advertia a própria incapacidade; e como em toda a matéria pertence aos sábios advertir imperfeições, quando reparares em erros, que desfigurem esta obra, lembre-te que é de mulher, que nas tristes sombras da ignorância suspira por advertir a algumas a gravidade de Estratônica, a constância de Zenóbia, a castidade de Hipona, a fidelidade do Polikena, e a ciência de Cornélla. Também é certo, que para pintar Majestades me faltam os pincéis de

Apelles, e não tenho a pena de Homero, mas como sou estrangeiro, tenho visto bastante para poder contemplar soberanas propriedades, assentando em que não há vapores tão elevados, que possam formar sombras na grandeza do Olimpo. Se esta empresa não produzir efeito correspondente ao meu desejo, já me tem pago o trabalho, pois a tomel, como remédio para divertir cuidados, que principia a debilitar-me o sofrimento com todo o gênero de contratempos; pelo que foi preciso que a memória contradizesse a vontade, que de melancólicas apreensões se alimentava; e seguindo cegamente o partido da confiança, chegou a entrar em aheios domínios; e assim se neste pequeno livro achares coisa, que te contente, não entendas que são adoções, pois confesso que da pequena esfera deste entendimento só nasce o inútil, e quando mais, o indifferente; e ainda que me lembro de que pelo muito que Pálaris considerou no ajustado das suas cartas, não as pode escurecer a sua maldade, pois tinham estimação em todo o Mundo, eu me não embaraço em considerá-las.

(Continua na pág. 174)

Algumas páginas das "Aventuras de Diofanes"

Protestação de Teresa Morgarida

Declaro que nesta Obra uso das palavras Deuses, Numes, Fado, etc., no sentido, em que as têm usado muitos Católicos, amente para imitar, e fingir as fábulas, e termos dos antigos Gentios, que não chegaram a conhecer o verdadeiro Deus Trino, e Uno, nem os admiráveis feitos da nossa Santa Lei, pódo que muitos souberam exercitar algumas virtudes morais; e nesta forma quero que sejam entendidos estes meus escritos, que com a mais profunda, e rendida obediência aos Decretos Pontificios sujeito humildemente à correção, e censura da Santa Madre Igreja Católica, e apostólica Romana, e seus Ministros.

AVENTURAS DE DIOFANES
Teresa Margarida

LIVRO II

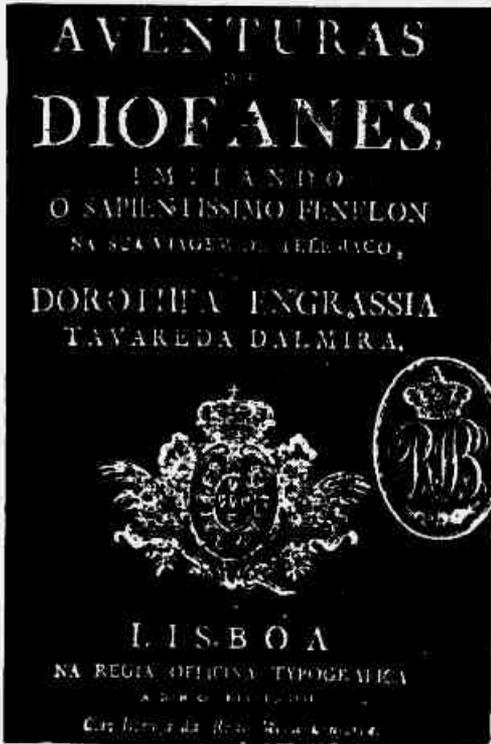
SUMÁRIO

Com o suposto nome de Belino principia a fugir Hemirena dos perigos, com que o amor ameaça a formosura, e chegou a admirar as cristalinas correntes de um rio, que resguardava um bellissimo arvoredo; na sua margem achou um velho ceço, e leproso, cuja asquerosa figura lhe occultou a Diofanes debaixo do nome de Antionor, o qual lhe conta parte de seus trabalhos; e Hemirena se retira, temendo ser conhecida.

Caminhando de noite, e descansando de dia, continuava Hemirena a sua derrota; sem que se passasse algum, em que os seus olhos não pagassem tributo ás memórias de Berandis. Já áquella tempo não chorava a infelicidade de Climentia, e Diofanes, porque se havia persuadido que descansavam em Tebas.

Ibério, sabendo da sua fuga, fôz um frenético a seu pai, descobrindo-lhe as chamas, em que ardia, para que se mandasse fazer diligências, que aos seus olhos restituíssem a Hemirena; e como o Rei lhe respondeu, que não se devia perseguir aquella discreta resolução; e que em nenhum tempo sofreria que lhe desse a mão para esposa, a que havia sido escrava de Artemisto, porque se na sua escravidão respirava a grandessa, no seu consórcio deslustraria a Majestade. Ibério, ouvindo estas últimas desenganos, deixou a Corte; e desprezando a esperança do trono, que renunciou a favor de Argensia, tão amante, como resignado aos preceitos de seu pai, determinou retirar-se para uma casa de campo a esperar all a morte, fazendo constantes sacrificios ás soberanas virtudes de Hemirena, que como Belino com o maior cuidado, e susto continuava em fugir; porque onde periga o deouro, equipocam-se as cautelas com os indícios do delicto.

Chegando a Corinto, determinou ir com menos incómodo pelos sustos, medos, e horrores que padecia, caminhando de noite. Em uma fresca tarde já cansado se recolhia em o óco de uma grande árvore, quando ouviu uma voz suave, que docemente cantava; e saindo a buscar a causa de tão suave canto, ouviu o brado sussuro de um rio, que vagaroso se espalhava pela reiva; continuou a segui-lo e por baixo de um frondoso arvoredo foi buscando os pertos daquela voz, que supposto ouvia melhor, parecendo-lhe ali sobrenatural, desconfiava de encontrar a sua origem. Assentou-se a descansar, vendo a glória da causa das maravilhas, que observava; e reparando nos líquidos cristais, dizia: Oh quanto é agradável bellissima ribeira, que com majestosos movimentos despedes as cristalinas



É. Página de título da 2ª edição da "Aventuras de Diofanes" (1771)

corrente, que prendem, e guardam este ditoso bosque! E vós, aves innocentes, fragrantes flores, e fugitivos desperdiçios, gozai do solitário sossego deste ameno bosque. Oh quem pudera trocar convosco a sorte! Aumentando os regatos, corriam de seus belos olhos inumeráveis lágrimas; quando, sendo já quase noite, tornou a ouvir aquella suavíssima voz, que principava a temer, não podendo bem distinguir se era humano; e vendo que daquella tal corpo é que saía a doce voz, foi devagar chegando para aquella parte, e observou que tinha figura de homem, e que estava da cintura para cima sem vestidura alguma; o resto do corpo se cobria com uma pele de urso; tudo, quanto tinha descoberto era vestido de chagas; a barba crespa, e encanecida lhe chegava a cobrir o peito; os olhos, que pareciam sem luz, eram cobertos de carne, a cabeça, e da mesma sorte chagada, e as mãos ensanguentadas pela violência com que coçava as feias feridas, sentindo sobre uma pedra junto a maior corrente do rio cantava enquanto descansava de coçar-se. Suspenso Belino de ver o rosto, com que aquêle em tão miserável estado se achava com o asqueroso semblante sumamente alegre, chegou a falar-lhe, e lhe disse:

Homem ditoso, que estás gozando desta amável soledade como cantas tão alegremente se te falta a vista para lograses o mimo destas sombras? Como pode em ti haver alegria, se estas atormentado dêsse mal que te consume? Que fazes aqui distante de todo o remedio para o que padeces? se aqui te deixas o engano, ou a tirania das gentes, em te servir, pois das gentes fujo. A estas palavras rindo com sossego, lhe respondeu:

Se me chamas ditoso, porque estou gozando desta amável soledade, como reparas na minha alegria? Canto, porque já não posso ver as sombras, e só me disponho para as luzes. Como deixarei de estar alegre, se está para acabar o padecer deste mal, que me consume; e quando o que se consume, acaba

estou onde a distância dos remedios é o remedio do meu mal? Não me trouxe aqui o engano porque aborreço as solidões, e é occupado nas Cortes. Não me deixou a tirania das gentes porque eu me resolvi a deixá-la. Quando muito me atormenta o rigor do que padeco, a fresca, e doce corrente me refrigera. Não quero mais cama, que a que me prepara a verde reiva, nem mais sabozosos manjares, que as ervas, para que me convidas a comer. Quando os Pastores destes bosques vêm a socorrer-me, o leite, com que me regala a sua compassiva singeleza, me parece mais sabozosa, que o suave néctar dos Deuses. Mas diga-me: Como te não fiz horror, e te atreveste a falar-me? A justa admiração lhe respondeu Belino, que me causou o achar-se uma tão nobre alegria em tão lastimoso figura, me obrigou a falar-te, para ver se os meus males podia tambem achar remedio. Eu padeco mais que tu, pois é interno o meu mal; e como o fugir das gentes é hoje o que mais me convém, consente-me na tua companhia, que a asperza da vida, que aqui fazes, mais me agrada, que os regalos, de que fujo. Se te não é asquerosa (lhe respondeu) a figura que em mim vês, repartirei contigo o maior bem na tranquillidade que logro. E como a noite já estava adelantada, se acomodou Belino para descansar, encostando a cabeça sobre as raizes de um tronco; e para a outra parte o bom velho, que quando o despertavam as dores principava a cantar louvores a Júpiter; e invocava os Semideuses dos bosques, para que não consentissem que Esculapio, filho de Apolo, fosse ali a curá-lo, pois desejava que tivesse mais exercicio a sua paciência.

Em amanhecendo, vieram uns Pastores, que vendo o velho manco, que em Belino se lhes representava, o levaram a ver a sua Aldeia, donde voltou obrigado a sinceridade, com que o trataram; e desejando saber quem era o velho enfermo, lhe disse:

Já a esta hora terás entendido que em mim se não occulta algum inimigo teu, e quizers

TERESA MARGARIDA

que me confiasses o teu nome e a causa, que para aqui te conduziu.

Chamam-me Antionor (lhe respondeu): os meus infortúnios não cabem, nem ainda em larguissimos discursos, porque têm sido muitos, e os maiores, até aqui puderam lembrar ao rigor da deventura; mas serás satisfeito com alguma parte d'elles. Antes que Anfiarau empunhasse o cetro de Corinto vivia eu entre camponeses em um agradável retiro de Aganmedes seu pai, que lhe cedeu o governo, por se achar adelantado em anos, e falto de forças, pois conhecia as que eram precisas para reger a Monarquia. Quando deixou o governo, lhe recomendou que conservasse o conveniente, e reformasse o pernicioso; e tambem lhe advertiu que me ouvisse, pois era Filósofo, e tinha noticia das melhores leis, e costumes das outras nações. Com este motivo fui levado a uma casa de campo á presença de Anfiarau, que determinou tirá-las assim a minha tranquillidade, pois a perde quem é destinado para os empregos da Corte. Eu lhe disse, logo que ele me dispôs a deixar o campo:

Permiti, Senhor, que eu continue em guardar os vossos rebanhos, e escusa-me das estimações de valido. Principaram no Mundo as guerras, por haverem muitos Deuses, muitas leis, e muitos Reis; e antes de as haverem, moravam os homens em os campos, comiam frutas, dormiam em covas, andavam descalços, e viviam do comum; eu quero só servir-vos, como ate agora, acompanhando os vossos rebanhos no campo, sustentarme das frutas alvitreas, e reparar-me dos rigores do Inverno debaixo dos ruchedos, já que o determinam os Deuses, porque guardando a melhor lei, pobre, e descalço viverel em paz, que esta sempre se altera nas inquietações da Corte. Oh quanto é melhor ouvir o que lá se passa que o viver leal porque os que não podem valer, estão esquecidos; os que muito valem, são perseguidos; os pobres não têm que comam; os ricos, porquê são não os deixam comer sem sustos; são muitos os queixosos, e poucos os contentes; fazem muitos o que querem, e pouco o que devem; enfim todos murmuram, e quase todos seguem os mesmos erros, que condemnam. Bem sei eu que os que procuram introduzir-se para validos, nem merecem ver a Majestade, pois estudam só a sonjeá-la, para fazer o partido de suas dependências; e que os Soberanos não podem com os olhos descobrir todas as luzes da verdade, porque trabalhiam em escurecê-la os que com zelo aparente tratam de seus interesses, fingindo que amam os acertos de seu Rei, quando é certo que só estimam as suas grandezas. Se estes se castigassem com o silencio eterno em todo o mal, que falam (visto se habilitarem para traidores os que mentem ao seu Rei, concurrendo para que seja injusto ou em faltar a justiça, ou em exceder a clemência), não soffreria enganosa a Majestade, nem os vasaes descreditos; que ainda que se não desculdam as luzes do Sol em mostrar o que teve oculo a noite, são tão atrevidas as nuvens, que se opõem á verdade, que de seus horribes efeitos nasce o muito que temo o vosso preceito. Entas não se rasões, por que espero dever á vossa compaixão e supplicares-me no esquecimento. Não foram admitidas as minhas escusas, e fui obrigado a fazer jornada no dia seguinte, dando mais um motivo para estímulo da desgraça. Antes que deixasse

aquêle amável sossego, chamei os rusticos, com quem vivia contente; despedi-me dos filhos, que comigo principavam a observar os movimentos dos Planetas dêsse luzido Firmamento de outros, que com mais adelantado conhecimento já iam conhecendo os decos frutos de suas applicações; e de outros, que como seus pais, applicando-se á cultura dos campos, se recolhiam fatigados só para descansar, e cantando em seu trabalho, esperavam a precursora do Sol, sem que lhes ficasse tempo para as murmurações, ou inquietações dos vizinhos, e com saudosas lágrimas lhe disse:

Ei sou obrigado, ó filho, a deixar-vos, indo viver onde uns se alimentam do mal de outros; e já que os Céus vos têm mimosos, conservando-vos felizmente neste amável sossego, aumentas para glória do meu trabalho o bom exemplo, com que vos hei dito, que os pais deveis persuadir os filhos a bem obrar: fazer que se não esqueçam do que lhes ensinei; e que uns admitem os outros em se applicarem ao que lhes pedir a inclinação; e que os outros continuam seus trabalhos, temam o ócio, e todos exercitem as virtudes. Rogal aos Deuses que me não neguem as luzes, com que se amam os inimigos; que possa defender os amigos, amparar a pobreza, e tolerar os contratempos.

Logo que cheguei á Corte, fui a presença de Anfiarau, que com muitas honras me recebeu; e perguntando-me donde era, lhe respondi: Não poderel dizer-vos se sou da grande Tebas, nem da Licadnia, nem da famosa Atenas, como respondeu um grande Tebano; e como ao Secreoute Arquitas vos respondeu, que não sou de Tebas, como Teal forte, nem de Atenas, como Agestau, nem de Licadnia, como Platão, nem de Lacedemônia como Licurgo; nasci em o Mundo, e sou natural de todo o Mundo. Como Anfiarau conheceu que repugnancia em dizer a minha pátria, não fez maior insistência para o saber.

Toda aquella tarde passámos em conversação delicadissima pela gostosa matéria, que se tratou; e quando foram horas, me conduziram a um aposento em palacio, onde acheli tudo com a polidez, que pedio o lugar, e fui servido com especiais distincções. No dia seguintes tornei á presença de Anfiarau, e se continuaram os discursos do que já se havia praticado no antecedente. Quizersa dever-te (lhe disse Belino) que ao menos tocasse a matéria, em que se fundam esses discursos, pois me aguram foram de gosto, e delicadeza. Discorremos (lhe respondeu) nas nimas ditosas, que nos Elísios hem-aventurosos gozamos felizmente a paz que não interrompe o receio de perdê-la. Nos espiritos desgraçados, que em continuas penas se banham no triste rio do esquecimento. Na glória que adquirem nas heroicidades, quando se lhes não opde a vaidade, que se deslustra. Na suave Poesia, e sua origem. Nas felicidades do século dourado, e admiráveis efeitos da razão.

Passados os primeiros dias, já não queria só divertir-se, mas que em a nossa conversação tambem se tratasse da utilidade pública; e que havendo-lhe satisfeito a curiosas perguntas queria lhe dissesse em que consistia o melhor governo, e obrigações do Soberano. Ao que respondeu conforme os Céus me inspiraram. E logo me ordenou que observasse, como iam os costumes dos vasaes, se se guardava a melhor ordem para o bem público; e se se administrava verdadeira justiça. Eu lhe

Algumas páginas das "Aventuras de Diofanes"

pedi que me comutasse aquêl trabalho em outro, ainda que mais cansado fosse; e não foi possível que os meus rogos o conseguissem: e como saber mandar e mais difeiti, que saber obedecer, sujeitando-me a tão pesados encargos, lhe roguei que ouvisse a todos, e crezze a poucos; e que estes fossem introduzidos mais pelo recomeço, que pela confiança, porque assim se evitaria que nos comerciantes dos emaranhos servisse de estudo o seu agrado; e não haveria quem se atrevesse a ofuscar a glória, e candor de suas ações; o apreendimento as gentes, qual era a verdadeira felicidade do melhor Príncipe.

Cantavam aquêles povos deus primidos, florescendo as artes e o bem publico; mas ainda assim crezi infinitos inimigos, ou porque a inveja não sofre alheios louvores, ou porque dos benefícios se gera a ingratitude, pois nasce com os homens, como caráter, que recebem de seu nome, sendo nêles gênio antigo entregar as dividas ao esquecimento. Dentro em palácio me acometeram alguns, de quem me defendi com honra; e quando caí ferido, se retiraram, talvez pensando que me deixavam morto. Foi visitado de Anfiarau, que com ansia quis saber, se eu havia conhecido os que se atreveram aquêl insulto, o que de mim não conseguí, lembrando-me os padrões de imortal glória, que o Etrusco vincou á posteridade, quando perdoo a Múcio, que o buscava para lhe tirar a vida. Em o largo tempo de minha doença concurriam as gentes, sentindo mais que eu as próprias feridas; e dizendo uns no seu pranto que renasceriam as antigas maldades; outros que se enfraqueciam as virtudes, e a justiça; e outros que seriam reduzidos ás antigas opressões. Neste tempo o tiveram os malvotos para cultivarem o Real agrado; e com o falso zelo com que os vassallos indignos traçam o engano de seu Rei, fingiram ter grande parte no sentimento do que me haviam feito; em um dia lhe traziam á memória os perigos, a que eu me havia exposto; em outro lhe pediam como obrigados da amizade, que eu merecia que acudisse com algum reparo para os inimigos, pois estes nasciam do bem, que eu o havia servido; e discorrendo sobre a providência, que a isso se havia de dar, dizia cada um daquêles o seu parecer, e vinham todos a concordar, que Anfiarau desse a entender, que aquêl tempo da minha ausência me havia apartado de seu coração, e me não admittisse na sua presença, para se mitigar o ardor da inveja, do ódio, e do ciúme.

Acabada a cura das minhas feridas, me achei coberto de lepra, porque os Deuses benignos, que não se esqueciam de amparar os meus desejos, me faziam mimos com repetidas experiências da minha constância; e na esperança de que, conhecendo a minha dedicação, me permitissem algum descanso, mandei pedir a Anfiarau, que me concedesse licença, para ir respirar para uma pequena casa de campo, que verias nessa Aldeia, a qual deixei, tanto que pude emminhar para este solitário retiro; e ainda aqui não se me dispensam as inquietações da Corte, pois há poucos dias, que fui consultado para negocio, em que a minha infelicidade fazia novo esforço, para combater o meu sossego; e é tal a força da minha desgraça, que podendo do todo ausentar-me, tendo o tão dito consentimento de Anfiarau, e deplorável estado, em que me vê, não permite fazer maior caminho, valendo assim da companhia destes innocentes Pastores. Não repito algumas cir-

cunstâncias, que na mesma ocasião foram dignas de reparo, porque o mesmo falar me fatiga, que nem um pequeno desafogo consente o fado aos perseguidos. Pois sabe que os meus infortúnios (lhe disse Belino) me obrigavam a acompanhar-te neste ameno bosque, tendo por certo que estarías livre dos que vêm ferido do contágio, que há nas Cortes; e como com horror lenho ouvido o veneno, que occultam os corações, que ainda lhe não deixam, eu me resolvi a continuar a minha triste peregrinação cheio de exemplos, que seguir, e documentos para publicar. Como sou quase insensível para os alivios (lhe respondeu Antionor), não te persuado a que me acompanhes, mas sim que te retires dos que podem inficionar-te com seus vícios, e o teu ânimo é tão sincero, como se me representa nas tuas palavras. Oh! quanto (lhe disse Belino) é perseguida a virtude, e peregrina a verdade que occultam os Soberanos, pois vejo resplandecer em ti o espirito gentil, que se despreza! Não te admires do que ouves (lhe respondeu), repara no que vêes, para que te não enganem a gentileza, e estimações, pois são sujeitas ás misérias que padeço. Val, ó ditoso, e gentil mannebo que estás em estado de buscar um lugar, que te contente, e descanse. Roga aos Céus que me assistam; que infundam em Anfiarau os acertos, o conhecimento da lição, a pureza da justiça, o aumento das virtudes, e a ciência, e o resguardar o respeito do trono, sem perseguir a innocente; e juntamente lhe inspirem o amar sempre os vassallos, para ser dêles amado. Adeus, ó feliz Antionor, (lhe disse Belino) que como praça cheia do melhor socorro, não temas o sítio, nem as forças dos inimigos de fora. Os teus rogos mais depressa hão-de chegar aos Deuses; e lhes pede que animem o meu desalento, que encaminhem os meus passos, e que antes me entreguem á mais cruel morte, que deixe a honra de reger as minhas ações.

Com esta admirável despedida tornou Belino triste, e affito a continuar o seu caminho, e trabalhos, sem mais esperança, ou companhia que a razão, e o deôto, que o encaminhavam a temer justamente os homens e seus venenosos enganos.

FIM DO SEGUNDO LIVRO

(Aventuras de Diofanes)

Fim de romance

Chegando felicemente a Delos, eram esperados com iguaes demonstrações de prazer; a marinha não só se guarneceu logo de soldados, mas de magníficos carros de triunfo, onde suavemente se cantava, e de bem ordenadas danças, que se acompanhavam de figuras ricamente vestidas: em se fazendo o desembarque luzidissimo, foram assim acompanhados aquêles Príncipes, formando as vozes dos clarins, dos mais instrumentos, e dos vivas uma tão celeste melodia, que representava o Céu na terra; em iguaes distâncias estavam arcos bem formados, onde parecia que agradavelmente as Musas se exercitavam, e de alguns, que guarneciam os vassallos, em cujos corações havia Arnesto depositado os mais seguros tesouros, se lançava dinheiro ao povo. Foram ao Templo de Apolo, que com admirável grandeza, e pompa se achava adornado, e illuminado, e por não fazer enfadonha a Marração daquêles cultos, e obsequios, se deixam á melhor consideração.

Depois de jurarem os Príncipes, e grandes, que jamais naquella Ilha se consentiria que houvessem escravos, porque seriam restituídos á inteira liberdade os que, como cativos, all

chegassem, se encaminharam para o Palácio, e as festas se repetiram todas as que se haviam feito graças, e festejos, tinham saído a acompanhar os Príncipes, e sair em Tebas, e pelo mesmo tempo todas as referidas mercês. Passado aquêl mês, destinado ás Aránetas a visitar os hospitais, que ficavam ricos, pois deu o Príncipe generoso exemplo á piedade. Concluindo esta louvável diligência, foi vêr os arsenais, onde reprehendeu severamente os descuidos, e despertou os negligentes, para que se melhorassem. Quis vêr as suas Tropas; e fazendo-as exercitar na sua presença, acrescentou os Militares, e despendeu com elles tanto, que mais parecia pai liberal, que senhor esquivo; pois conhecia com larga experiência, que a grandesa dos exércitos faz inclinável o respeito das Majestades, a glória dos Soberanos, e a opulência dos vassallos; e a estes suave o peso das armas, o agrado do seu Rei, os honrados adelantamentos, e o soldo, que os sustentava; porque suposto que não haja cousa alguma, que possa ser inteiro equivalente da vida, o super a honra, e a fidelidade, quando a fome não quebranta, nem o crédito padece.

Depois dêste louvável, e mais preciso empenho, ou desempenho de suas máximas admiráveis, ordenou que o ministério deviasse dos Militares, e ôtes do ministério na sua presença, para que fossem menos suspeitas ás averiguações da verdade; e vendo que a vara da justiça muitas vêzes se torcera com o peso dos sobornos, e que es que se aproveitaram de uma injusta autoridade haviam desprezado os ameaças da culpa, e os vaticínios da razão, ordenou que fossem logo acabos no supplicio, pois tinham sido o flagello dos pobres, o escândalo dos bons, e o terror dos povos; porque como bramam aos Céus os clamores da verdade, ainda que o castigo se desfira, sempre o perverso tem a pena dos seus delitos. Com as cabeças daquêles se guarneceram as muralhas da Cidade, sendo padrões do exemplo aquêles despojos da vida, onde existindo as geladas cinzas da culpa, falava a mudez do horror aos corações compreendidos. Os que tinham dado inteira satisfação ás suas obrigações, foram premiados com honras, e riquezas tão avultadas, que parecia querer aquêl soberano reservar para si só o prazer de reparir os tesouros, ou que aquitava exauri-los, depositando-os no amor dos seus vassallos, onde o Rei justo, e generoso tem o mais firme trono, e o Império mais seguro; e assim como contemplando em os aumentos excitava as vozes, com que o povo pedia aos Numes que lhe estenuassem o seu Príncipe, também se ouviam os vivas, quando pelo patíbulo se desocultava o Mundo daquêles, a quem a ausência do soberano dilatara os castigos, pois é a morte dos maus a vida dos bons, e a prontidão dos remédios o melhor remédio para o mal.

Tendo Arnesto concluido todas as cautelas, com que o seu vigilante cuidado causava admiração aos estranhos, e animava o exemplo dos seus, pois distribuía gloriosos prémios, e executava justos castigos, chegaram ali três navs vindas da Ilha de Náccia, que com vozes de sonoros clarins vinham publicando contentamentos. Logo fixeram aviso da chegada de facies, Embaixador que Anteo mandava a cumprimentar Arnesto, e oferecer-lhes urso, e leões em tributo dos benefícios, de que era devedor aquêl povo. No dia seguinte se deu solene embatada com grande lustre, e pompa, tornando-se a renovar os júbilos da chegada de Arnesto, porque os vassallos contentes com o seu soberano não sofram as recordações do

mal passado, sem que expressando o bem presente repetissem votos da mais pura fidelidade, e festivas demonstrações do mais vivo contentamento. Depois que as Majestades foram cumprimentadas de formalidade, Arnesto com lágrimas de saudosa consolação recebeu uma carta de Anteo, a qual era escrita da forma seguinte:

"A vós, Príncipe Arnesto, enviamos nosso contentamento, amor, e respeito, pois vós devemos a nossa felicidade, e rogamos aos Deuses consoladores que vos assistam.

Ouvindo-se aqui as notícias de vossa chegada a Tebas, se revelaram todos os vossos segredos, e que os seus soberanos acharam bem experimentada a fidelidade dos vassallos, e bem credidos os frutos de os ter governado com amor, paz, e justiça (que tudo Bireno mantinha em boa ordem), e qual fôra a vossa entrada em Delos, e a celebridade do vosso supellido consórcio. Julga qual seria a consolação, com que eu me lembrava de nossos misteriosos infortúnios, quando este povo agrado rompía em vozes expressivas do mais fiel contentamento, dizendo na presença da sacra estátua de Apolo:

Ó Deus luminoso, já vemos que eram vossos os influxos, com que amávamos a Arnesto! Já vemos que era imagem vossa a luz, com que nos atraía! Já vemos que eram suaves raios do Céu as vozes, com que nos persuadia a bom obrar! Já vemos que era influxo Divino o ardor, com que amávamos as suas virtudes! E quem, senão uma imagem vossa assistida de Júpiter, e Minerva nos faria amar a concórdia, que é origem do aumento, e desprezar a discórdia, que tudo consome? Quem nos faria estimar a brilhante espada da justiça? Quem com a capa de uma desgraça fôra argumento da mais elevada virtude? Só o que nascendo para reinar, e nos foi por vós enviado para remédio de nossas dilatadas tribulações.

Donde viria homem mortal, que sem vultures de Divindade nos fizesse tão suavemente

obedecer ás leis, amar as letras, exercitar as virtudes, buscar a sujeição, contemplar nos soberanos, sujeitar aos trabalhos, e honrar os Deuses, mais que aquêl, que concebendo os melhores pensamentos, não perdia instante de cogitar sobre o bem dêste povo que parecia respirava pelo coração de Arnesto? Ó luz eternal! Ó Deuses benignos, assisti-lhes, e defendei da contrária fortuna, para que seja sempre honra da pátria, e glória dos vassallos! — Com estas exclamações saíam do Templo, e não decansavam de cantar louvores vossos, reconhecendo as causas, de que procediam as vossas amáveis circumstâncias.

"Muito me alegro, quando me lembro que vos exercitei nas armas, e ciências, que como honrado vos servi, e como fiel vos acompanhei; e assim me honrei a fama, publicando as vossas supremas virtudes, e me suavizava o pesado encargo de governar êstes vassallos, porque vos reconhecem por senhor supremo; e já que vós me elevastes ao lugar, em que me vejo, é razão que façais felizes as minhas resoluções, pois juro aos eternos Deuses seguir sempre os vossos ditames. Bem sabeis que os varões, que admiraram as gentes, se fizeram dignos mais pelo pouco preço, que deram aos grandes lugares, que pelas vitórias, que tiveram, porque para vencer inimigos na guerra, muito concorre a fortuna; mas para desprezar a própria grandesa só a heróica magnanimidade: pelo que vos peço, senhor, que atendaís á opressão, em que vivo, ajudando-me a descer do trono, onde o deôto é continuo, e pouco o mais dilatado tempo, o trabalho é dividida, o descanso é culpa, o acerto é obrigado, o deacerto é sem deculpa, o perigo é sem limite, e é limitada a humana capacidade para o encargo, que finge doces fadigas para o possuir, sendo amarguissimas para o responder. Oh quanto é indesculpável a vaidade dos homens, pois esta os encaminha aquêl sublime esfera, onde mais se encontram precipícios do sossego, que fir-

AVENTURAS DE DIOFANES,

IMITANDO O SAPIENTISSIMO FENELON NA SUA VIAGEM DE TELEMACO,

POR DOROTHEA ENGRASSIA TAVAREDA DALMIRA, SEU VERDADEIRO AUTHOR.

ALEXANDRE DE GUSMÃO.



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. ANNO M. DCC. XC.

Presença da Real Mesa do Commissoo Geral sobre o Eramo, e Confirmação dos Livros.

10 da Imprensa Regia a Real Praça do Commercio.

Página de titulo da 3.ª edição das "Aventuras de Diofanes"

Algumas páginas das "Aventuras de Diófanes"

meza nos favores da fortuna! E quando não houvesse maior causa para fazer horror o falso prazer de reinar, basta vêr que ordinariamente os de quem mais nos fiamos são as brechas, por onde se rende a fortaleza do mais justo Monarca, os sentinelas que vigiam nos nossos descuidos, os espíritos do engano, os escudos das maus, e as armas dos indignos. E como é possível que resistamos ao fogo, que nos faz a malícia destes, se nos acham descuidados? Com a boa fé nos enganam, e com fingimentos nos prendem, considerando contra os nossos créditos leuoteiros, mentirosos, traidores, e fingidos; porque (entre outros motivos) o degenerar a Justa Veneração, que se deve às Majestades, produzir o veneno do respeito, que desfigura a verdade em chegando a presença dos soberanos que a desconheciam despida, porque se a vêm de irei, adorno.

"Onde irei, senhor, que encontro quem desconheça a grandeza, e me diga quanto sentie? Onde acharei um amigo tão nobre, que me aconselhe sem se haver aconselhado, com o próprio interesse? Onde acharei um homem tão leal, que amando só os meus acertos, suspenda o péso, que me oprime, sem que faça maior péso arrastado pelo ódio? Onde acharei um sábio prudente, que creia o muito, que amo a verdade, e que a mentira aborreço? Onde acharei um justo compassivo, que me avise de que choram os pobres, de que se lastimam os que não têm valedores, e de que se doem os quixotos? Oh mil vézes infeliz grandeza pois afugenta as luzes da verdade, e consiste em não desatar os laços do engano, em que doce mente respira! Eu não posso ver tudo; e os que melhor vejo, menos merecem; os que menos se retiram, mais me afastam de acertar, os que mais amo, melhor me enganam; os mais capazes se me ocultam; e os incapazes os conheço, quando os danos os descobrem.

"As vossas doutrinas, e o meu desvelo tem produzido aqui homens excelentes; mas inteiramente perfeitos os eu não há ou são raríssimas; porque o sábio soberbo parece que quando é mais preciso, menos convém occupá-lo; o que tem contra si o ódio do povo não sei se é mais útil entregá-lo ao esquecimento, que chamá-lo, para que sirva; o que estuda mais sobre a própria conveniência, que sobre o que convém à República, duvido se é menor a falta, que me faz, que o engano, a que me arrisco; e o que há de ser bem visto, ou há de maquina vinganças, entendo que é mais conveniente buscar meios de contentá-lo, que dar-lhe emprego. Enfim disse-me, senhor, o que entendes, que eu desejo trocar a suprema grandeza da Majestade pelo simples sossego do livre pastor, pois que os Deuses nos criaram livres, e é em todos natural o amar a liberdade, ainda que a cegueira dos homens introduziu no Mundo que era mais para apeterer a escravidão mandando, que a liberdade obedecendo. Os Príncipes até a decência os sujeita, pois não consente que estejam, ou andem sem guarda, e assim são docemente prisioneiros dos seus, tendo liberdade para a dar, mas não para a tomar. O quanto é menor o trabalho de obedecer a um, que o de mandar a muitos debaixo de preceitos de amparar, castigar, favorecer, sustentar, defender, aumentar, e dar exemplo! Mas sendo os homens em tudo inconstantes, só o não são em buscar cegamente os Impérios, e procurar aquela falsa liberdade; pois é certo que os que mandam vassallos, passam de livres a escravos de sua pesadíssima obrigação, porque só os abomináveis tiranos pretendem reinar para terem descanso entre os regalos, e põem

em esquecimento o cuidado de velarem sobre o bem de seus povos, sendo-lhes assim devedores da fiel obediência, que lhe juram, pelo interesse de que os governem, e amparem; e se aquelles ingratos incitarem os Deuses para que os castiguem e despertem as gentes, para que os aborream, eu vou à vossa presença, chamando aos Céus, para que me descansem; e pois mais desejo servir-vos, do que estimo o ser servido, atende-me, senhor, e como benigno me ajudad a entregar o cetro, porque é de péso tão excessivo que me faltam já as forças para o poder sustentar; e vos juro sobre os Altares de Minerva conservar a obrigação da mais pura nobreza em vos ser fiel, a honra illustre em dizer-vos a verdade, e os créditos de bom vassallo em me não afastar dos vossos ditames, pois que os Nomes vos assistem, e ireis felicemente a habitar com elles."

Com estas atendevidas perturbações se mostrava o grande espirito de Anteo, e se enciava de prazer o coração de Arnesto. Isides se demorou ali por tempo de dois meses, admirando o muito que floreciam os bons costumes pelo amor, e humildade, com que se obedecia ao Rei; a concordia, com que viviam os vassallos; a opulência para que concorria o commercio; e a mais forte columna de fidelidade em cada soldado contente; porém mais que tudo o admirou a inteireza, com que se administrava justiça, e a brevidade, com que se evitava as discordias; porque ouvia que se os pleitos duravam mais de um ano, se castigavam rigorosamente os Ministros, e o consentiram, e assim os Advogados, os Solicitadores, e o litigante, que era interessado na demora; e querendo instruir-se na boa ordem, com que se defendiam, soube, que quando a causa era tão grave, que no termo determinado não podia concluir-se, passavam para Tribunal superior todas as alegações, e documentos de uma, e de outra parte, e assim em tempo de

dois meses se determinavam as maiores contendas, ao que com admiração dizia:

"É possível que parece que venho achar neste pequeno distrito feita a paz entre a verdade, e a mentira, e que sendo estas inteiramente contrárias, se tratem, sem que a confusão dos recursos ponha em dúvida qual tem mais forças, e sem que por muitos princípios possa a mentira opulenta afugentar a verdade, quando é pobre? Sim, porque todo o amargo se adoça, onde um Príncipe prudente sabe amar o seu povo, e este cuida em merecê-lo. Eu tenho girado grande parte do Mundo, e visto admiráveis Monarcas, porém nenhum, que a este igual; porque os que são famosos por vencedores, se cansaram para adquirir glória; e os que são pacíficos, se desvelam por descansar; mas Arnesto soube vencer, sustentar a paz, e moderar a mais danosa guerra, que pode haver, e se permite nas Repúblicas, pela qual as despesas são continuas, a fadiga excessiva o fogo cruel, a fome certa, e quando a honra periga, ou a ambição se interessa, com desordens se acometem os contedores, sendo de toda a sorte prejuizos, ódios, e desalres os despejos daquela guerra, em que rara vez é vencido quem a pode sustentar, e sabe estudar-lhe os lances; nem jamais vi que acabasse, se a parte, que queria sternizá-la, tinha mais dinheiro para sustentar o emredo daquele jogo, que justiça para vencer a contenda (conforme succede em toda a parte), pois nem o mais Rei Ministro pode algumas vezes evitar as dilapões, negando-as aqui a vigilante prudência do Soberano para ser o primeiro, que inteiramente mereça os altares, que lhe consagram os seus vassallos, pois são os dilatados pleitos a ruína dos bens, deslute do brio, e desmaio da honra; porque se nos casos pouco importantes é conveniente não mostrar o dizeito para evitar as despesas, não o permite o brio, não só porque parece froxidão do ânimo, ou falta de meios, em que

a estinação padece, mas também porque se entende, que os que não tem constância para proseguir, não tiveram razão para negar, ou pedir, e assim pelo muito tempo degenera a carência de justiça em empenho do pundonor. A honra periga porque os homens se costumam a sofrer que publicamente os tratem de falácicos, ladrões, mentirosos, etc. e se há alguma vez, em que tudo isto se diz com termos colorados, nem assim perdem tais palavras o amargo, que sempre devem os honrados sentir nas calúnias, pois todos sabem qual é a valentia do conceito, e naquelle prolongado tempo muitos perdem a sua esperança morrendo de cansados, e outros ganhavam as horrendas cavernas do Cocito.

Assim dizia Isicles com tão viva, quanto justa admiração. Poucos dias antes que se despedisse teve das Majestades um mimo especiosissimo, e o fizeram condutor de outro, em que Arnesto enviava a Anteo um admirável vestido de armas, onde com o primor da arte estavam abertos ao buril os successos das suas peregrinações a sua egreja, a de Hemirena, Diófanes, e Oliménia, os sacrificios que celebraram em Tebas; e os carros de triunfo, que houveram em Delos, concluindo todo no fúnebre espetáculo dos justificados, para que se acabasse o escândalo, divulgando-se o horrroso defeito dos seus delitos; e também se viam as palmas, que se distribuíram pelos bem merecidos, porque quando os conduzisse a morte à mais dilatada vida, se acabassem de viver, não cessasse a Fama de os louvar. Com este vestido de armas iam também de todos os petrechos de guerra, e alguns officiaes capazes para o exercicio d'elles, e também leis tiradas das melhores, que se praticavam em toda a Grécia, proporcionadas ao país, e correctas pela prudente discreção, e experiência de Arnesto, e para a execução d'ellas quatro sábios, que eram nobres, virtuosos, e independentes, que tanto é preciso, para que tenham as leis boa execução, Arnesto satisfazendo as razões de generoso, quis que não ficassem diminutas as demonstrações de amigo, respondendo à carta particular, em que depois dos primeiros cumprimentos continuava, dizendo:

Já sabels que os mesmos infortunos, que me afastaram de Delos, procuraram que as casualidades me restituíssem à amável causa de minhas peregrinações. Logo que de vós me ausentei, ouvi venenosas noticias, que ferindo-me com a seta inflamadora, me reduziram aos delírios de uma invencível tribulação; e como aquelles a quem o Deus vendado destina à cruel espera de fingidos prazeres tem por lances do entendimento as atrações da vontade, supstrel zeloso, e afiito busquet a morte; mas tomei alento com as armas, que por desagravo de Diófanes banhei no indigno sangue dos Corintios. Encontrei Hemirena, salvando-me de um naufrágio; e occultando a formula aos cultos do rendimento, me deu vida, sem saber que eu lha havia consagrado. Tiramos a Oliménia das mãos da morte, mas sem que nos conhecessemos; porque como é o amor aquêle doce tormento da alma, que no desejo consiste, não dispensava nas cautelas o disfarce. Encontramos também Diófanes nas vilhanças de Tebas, e chegamos a ver quanto interessam os Soberanos em que os amem os vassallos, e que estes nem com lágrimas contínuas acabam de chorar a falta de um Príncipe, que com amor, e justiça os governa, pois admirei o immenso prazer dos Tebanos: vi a inexplicável alegria desta povo, e a razão, com que

na minha ausência se lamentava enfraquecido.

As vossas letras me enternecem e me admiram as vossas resoluções, que sendo filhas legítimas de um espirito puro, também é preciso atender a que se é grande a glória de adquirir, não é menor a virtude de conservar; e como preciso que eu vos aconselhe, tendo atenção ao respeito, que me confessam os que vos obedecem, e às doutrinas, que me desaes, devo primeiro lembrar-vos que as Estrelas benignas quiseram que tivesseis emprego, para que vos servísseis da sabedoria, despertando os vassallos, para que a amassem; das virtudes, para que fosseis modelo de um Príncipe justo; do entendimento, para que o tempo admire um governo perfeito; da magnanimidade, para que desaes exemplos de fortaleza; e do esforço, para que animásseis os soldados mais com ações de generoso valor, que com palavras de vaidoso capricho.

Os homens admiráveis, que têm havido no Mundo, quase todos se fizeram com os trabalhos, com os livros, e nos Reinos estranhos, porque os infortunos dispõem para compadecer, e moderar as paixões: os bons livros fazem que o entendimento abra os olhos, que o homem se veja, e que aprenda a merecer; e a ausência da pátria castiga os ânimos afeminados, ensina com a experiência, faz crescer os homens para que conheçam, e sejam conhecidos. Sócrates não consentia que os seus discipulos dissessem qual era a sua terra; e os bons insulanos Agtas não declaravam serem nacionais daquela Ilha, em quanto não fariam alguma ação admirável; assim que é mais louvável, que não torneis à pátria trabalhando, para que ela de vós se preze, que como é tão severamente nobre a lei da verdadeira amizade, não permite que vos aconselhe como quero, mas só como devo; reconheço que é maior a grandeza do encargo, que a fausta pompa de reinar; mas onde a empresa é difficil, é mais glorioso o triunfo. A verdade, a cegueira, e o engano dos homens têm feito ao Mundo as maiores guerras, não para abater, mas sim para mandar; e por este costume ao que larga o cetro bem possuido, sem que as armas o disputem, o avilham por demente, ou covarde; e se o deixa, por não cair em erros de um officio, de que depende a boa ordem de todos os outros, troca pelo descanso de prudente vassallo a glória de bom Monarca. Não pensis em deixar o governo, sim em ser grato aos Deuses, para que vos confortem; liberal em os vassallos, para que bem vos sirvam; prudente no obrar, para que vos imitem; comedido no falar, para que bem falem; e amal o bem comum, para que vos amem; pois que o varão justo não há de perturbar-se, impaciente por não ter tudo no estado, que deseja, mas sim se em alguma coisa não obrou como devia: e véds que os nossos antepassados não adquiriram em descansar a glória, que herdamos, porém servindo na guerra aos seus Príncipes; e que sendo mais nobre o mostrar o próprio merecimento, que contrar ações alheias, também é mais sublime ornar o palácio com armas ganhadas, que a casa com escudos herdados. Isto vos digo, para que vos não vençam os embarços, que pensais, pois não experimento o homem tanto dano, quando a fortuna o desampara, como quando o Animo lhe falta. Se quereis que não seja o tempo estreito, cuidai muito em reparti-lo, não tirando para vós do que toca aos vassallos; nem vos perturbe que seja dívida o nosso trabalho; porque assim como a este é obrigada a sujeição, a fidelidade, e os bens

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

BIBLIOTECA POPULAR BRASILEIRA
XVII

AVENTURAS DE DIÓFANES

POR TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA

PREFÁCIO E ESTUDO BIBLIOGRÁFICO
DE HUI BLOEM



IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1948

Página de título das "Aventuras de Diófanes" (edição do Instituto do Livro — 1945)

AVENTURAS DE DIOFANES

(Introdução à edição do Instituto do Livro, de 1945)

I — DADOS BIOGRÁFICOS

Não se conhece com segurança a data do nascimento de Teresa Margarida da Silva e Orta. Sabe-se apenas que nasceu em S. Paulo, a essa época frequentava o Bispado do Rio de Janeiro, em 1711 ou 1712. Quando contava cinco ou seis anos de idade, seu pai, José Ramos da Silva e D. Catarina de Harla, mudaram-se para Portugal, em companhia dos filhos, que nunca mais regressariam ao Brasil. Como Matias Aires, seu irmão, Teresa Margarida recebeu educação esmerada, tornando-se figura do mais alto nível nos meios intelectuais portugueses do seu tempo. Espírito independente, enfrentou a oposição da família, e sobretudo a paterna, e aos dezesseis anos casou-se com Pedro Jansen Moller, Deserdado por José Ramos da Silva, por esse motivo, Teresa Margarida afastou-se dos seus. Anuviava, porém, ao mesmo tempo, reconciliou-se com Matias Aires, em cuja companhia passou a viver até a morte deste, dedicando-se à educação dos filhos de seu irmão. Matias Aires exerceu po-

derosa influência sobre o espírito de Teresa Margarida, a ponto de se verificar mesmo alguma semelhança entre o título do romance por ela publicado e o do principal livro de seu irmão, publicado ambos, aliás, no mesmo ano de 1752. Enquanto o livro que imortalizaria Matias Aires se chama *Reflexões sobre a verdade dos homens*, a primeira edição do livro de Teresa Margarida trazia o título seguinte: *Máximas de virtude e formosura*. Educada, na sua juventude, no Convento das Trindades, Teresa Margarida, depois da morte de Matias Aires administrou com energia rara os bens dos filhos deste, mas os contrastes da vida atribulada levaram-na, na velhice, novamente para a tranquilidade e o isolamento da vida religiosa. Os seus últimos anos de vida, Teresa Margarida passou-os no Mosteiro dos Ferreiros, onde escreveu um poema de que hoje somente se conhecem duas estavas, recolhidas por Inocêncio no *Dicionário Bibliográfico Português*. O título desse poema, dividido em cinco "prantos", e contendo cento e noventa estavas, era

o seguinte: "Teresa Margarida da Silva e Orta, encarcerada no Mosteiro de Ferreiros, encaminha ao céu os seus justíssimos prantos no seguinte poema épico-trágico". O Sr. Ernesto Ennes, a quem se deve o interesse atual pela obra de Teresa Margarida, informa, nas notas biográficas, com que resenhou essa admirável figura da literatura luso-brasileira, não haver conseguido apurar a data do seu falecimento. O último documento por ela assinado existente no Arquivo Histórico Colonial, é datado de 1787. O Sr. Ernesto Ennes conseguiu, porém, apurar que o corpo de Teresa Margarida se acha depositado em Aguaiava, ao lado do de Matias Aires, no colégio dos seus maiores.

II — O LIVRO

O romance de Teresa Margarida *Aventuras de Diofanes*, parecer ter sido o único livro por ela publicado. Além dele, tem-se notícia apenas do seu poema mencionado por Inocêncio. As *Aventuras de Diofanes*, entretanto, devem ter alcançado, na época, certa repercussão,

embora o nome da autora tivesse ficado, durante dois séculos, escondido por detrás de um pseudônimo. Esse romance leve, com efeito, quatro edições, pelo menos, o que, para a sua época é notável, sobretudo quando se considera que, para esse êxito, em nada concorreu o prestígio do nome de Teresa Margarida, descendente de um dos homens de maior fortuna em Portugal e irmão de Matias Aires. O cuidado com que se ocultou por detrás do pseudônimo de Dorothea Engrassia Tavadra Dalmira foi tão zeloso quanto conservado durante a sua vida que a autoria do livro chegou, em 1790, quando Teresa Margarida ainda vivia, ao muito pouco tempo depois de sua morte, a ser publicamente atribuída a Alexandre Gusmão, embora Barbosa Machado, seu contemporâneo, tivesse levantado a ponta do véu desse mistério, ao atribuir a Teresa Margarida, em 1759, a autoria do livro.

Das *Aventuras de Diofanes*, conhecem-se as seguintes edições:

- 1) "Máximas / de / Virtude / e / Formosura / com que Diofanes, Clymenea, e Hemirena, Príncipe de Thebas, vencerão os mais apertados lances da desgraça. / Oferecidas a / Princesa / Nossa Senhora / A Senhora D. Maria / Francisca Isabel Josefa Antonia Getrude Rita Joanna / por / Dorothea Engrassia / Tavadra Dalmira / Lisboa / Na Regia Officina Typografica. / Anno MDCCCLXXVII / Com licença da Real Mesa Censoria. (Essa edição, conforme Ernesto Ennes, é essencialmente igual à de 1752, diferindo apenas na di-

visão dos capítulos ou livros, que nela são elevados de cinco para seis).

2) "Aventuras / de / Diofanes, / imitando / o sapientíssimo Fenelon / na sua Viagem de Telemaco, / por / Dorothea Engrassia / Tavadra Dalmira. / Seu verdadeiro author / Alexandre de Gusmão. / Lisboa / Na Regia Officina Typografica. / Anno MDCCXC / Com licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros."

3) "História / de / Diofanes, Clymenea, e / Hemirena Príncipes de Thebas. / Historia moral / escrita por huma / Senhora Portuguesa. / Lisboa / Na Typografia Rollandiana. / 1818 Com licença da Mesa do Desembargador do Faço. / Vendese em Casa do Editor F. B. O. de M. Mechas, no Largo do Cães do Sodré, N.º R. A."

Cumprime registrar, em relação à edição de 1774, uma observação que me foi enviada pelo eminente historiador Basílio de Magalhães, em carta de 31 de março de 1939, logo após a publicação do trabalho que tive ocasião de escrever, reivindicando para "Aventuras de Diofanes" o título de primeiro romance brasileiro: "Na palestra de ontem, dei-me de fazer referência à segunda edição da obra de D. Teresa Margarida da Silva d'Orta, Ernesto Ennes e V. diacim que na mesma vez citando o nome de Fenelon. Entretanto, o exemplar que possuo tem o frontispício seguinte:

"Aventuras / de / Diofanes, / ou / Máximas / de / Virtude, e formosura / com que Diofanes, Clymenea, e Hemirena, / Príncipes de Thebas, / vencerão os mais apertados lances da desgraça. / Por / Dorothea Engrassia / Tavadra Dalmira / (Brazão lusitano) / Lisboa / Na Regia Officina Typografica / Anno MDCCCLXXVII / Com licença da Real Mesa Censoria".

(Continua na página seguinte)

dos povos, também não somos devedores mais, que do que permitte a nossa possibilidade, e forças.

Se o Príncipe não se descuida, o seu descanso é virtude, e não é culpa; e basta que trabalhe por acertar, e vencer as paixões próprias, para que as gentes loucheiam, que quando as gentes desacerta, os Deuses o determinam para castigar os vasaes.

Não julguem que só para os Soberanos não tenham limite os perigos, pois é o seu distrito o Mundo, onde todo o racional deve temê-los, mas é certo que é limitada a humana capacidade, para que um se encarregue de responder por muitos; porém os Nomes inspiram as virtudes animam, e os bons ajudam. Estes, se queires conhecê-los, observa profundamente os homens como falam, se têm nobre lisa no que tratam, se usam verdade, se acompanham com os melhores; e não são orgulhosos, porque rara vez deixará de ser bom aquêlle, em que repleandecerem estas virtudes.

Nem vos aflijam os enganos, a que somos arriscados; porque se é gênio antigo dos homens o irem sempre contornando para bem lograr os seus intentos, também a ingenuidade das virtudes sabe penetrar fingimentos, e conhecer a condescendência dos lisongeiros; e como sabeis que há este gênero de guerra, mais vezes ao haiveis de concluir, que lhes vencer-vos; porém é certo que todos erram e não há algum, que não tenha defeitos, por mais sábio e entendido que seja. Assim como não há senhor tão poderoso, que não possa ser vencido, nem sábio, que não ignore muito, nem benquistas, que não tenha inimigos; pois que todos podem menos do que desejam, têm menos amigos do que entendem, e sabem menos do que prestem.

Também é certo que o respeito é um inimigo doméstico de que a Majestade precisa. Ainda quando é oposto aos seus acertos. Não giramos o Mundo, e sabemos o que nos ensinam a plebe, com quem conversamos; vivemos entre os bons, e os maus; observamos os que tinham mais, ou menos nobreza; assistimos com os pobres; e choramos com os perseguidos; e quando agora chegamos a reinar, sabemos o que ignoramos os que como nós obram na face

do Mundo. Ah que se pudessem despir por algum tempo a Real grandeza, e a presentanea majestade, veriam os Soberanos provida a identidade da razão! Nós padecemos fomes, frios, susos, desprezos, injustiças, e imensos perigos; leto conduz muito para servirmos melhor os nossos officios, que os que entendem que é fantasia o pranto dos que padecem que todos os homens do Mundo só nasceram para os servirem; que não há mais, que o que podem alcançar com a vista; e assim o haverem trabalhos, desempares, pobreza, e injustiças, não lhes faz no ânimo impressão, pois alguma vez o ouviram tão longe, que apenas lhes chegaram amortecidos ecos de alguns dos que aspiram aflitos; e tudo bem ponderado, não tendes tanto que temer nos cuidados, como eu razão para desajar-vos no trono.

Bem sabeis que os sábios soberbos, quando eram mais precisos, maltratavam as gentes, e desfrutavam mais que o Rei a autoridade Real, sem que jamais fossem castigados os seus maus procedimentos; porque os que rodeiam aos Soberanos, o calam por politica, quando não por interesse, ou medo; ou também, porque se há algum que despreze o temor pânico, para dizer o que sabe, ou o Rei se desagrada, ou os acrivos o arruinam; e de toda a sorte melhor serve quem menos presume; se se desvela por acerta, tem bondade nobre; e mais teme os remorsos internos, que os ameaças da morte.

Os que são mal vistos do povo, também sabeis que fazem ser o Rei suspeito nos erros, que lhe condenam, e que são a causa de que desmaie o zelo, o fervor, com que os vasaes se empenham nas empresas, quando têm fé nos que dão o conselho; e assim se malogram os bons arbitrios, porque são postos em prática por mãos do ódio; porém estas, e outras muitas circumstancias são menos ponderáveis, que outros danos, que podem resultar de servir-se o Príncipe (em cousas de alta ponderação) com homens, que são odiosos ao público, pois não os occupar não é mais que delixar de aproveitar-se de alguns homens capazes, e de attendê-los algumas vezes têm procedido successos lamentáveis.

Os que estudavam mais a própria conveniência, que em servirem, como honrados, sempre vimos que vendiam tão caro

o fruto de seus estudos, que nunca entendiam serem pagos, ainda quando mais recebiam; estes em toda a parte roubam sem susto, e são como os que no tempo das dissensões procuram agradar a ambos os partidos, que nem a um, nem a outro servem.

Os que deixando de ser bem vistos maquiavam perturbados, lembro-vos que para eles eram, reprovados os remedios brandos, e suaves; porque como é duvidoso o seu efeito, em casos graves, sempre obram melhor os que são ásperos, e fortes, pois não se deve encorajar ao tempo o que toca à violência. Se assim recordardes o que vimos pelo Mundo, conhecereis os homens, servireis-vos dos melhores, e vivereis com eles gostoso, tendo cuidado em evitar os danos, antes que sejais obrigado a castigá-los, e obrando como quizerdes que tivessem convosco obrado os Soberanos; advertindo sempre que não honrar a quem o merece, negar o que com razão se pede, e não premiar a quem com desvelo serve, muitos vimos que o sofriam, porém nenhum, que o deixasse entregar ao alheio; pelo que é também preciso ver a quem daís, para que o tenha merecido; o que daís, por não dar pouco; e quando daís, por não ser tarde; porque ainda que toda a sorte se acelta, poucas vezes se agradece.

Cuidai em que os vossos exercitos andem bem disciplinados, e os soldados contentes, porque estes são as melhores muralhas das Cidades; fazem a grandeza do Rei, conservam-lhe o respeito, defendem-lhe os domínios, resguardam-lhe os povos, segurar-lhe a coroa, castigam-lhe inimigos, e estão prontos para dar por elle a vida; e quando se admira o bem formado corpo de um exercito poderoso, não só se contempla como respira o seu Soberano, mas parece que o respeito chega a ver com asombro o grande espirito da Majestade.

Também deves pensar na educação dos filhos dos vasaes, pois pelo que servem, mais o são da República, e da vossa esperança, que dos seus próprios pais.

Vós não procurastes reinar, oprimir, sujeitar, e preferir a todos, como ordinariamente desejam os homens, que tomam aquêlle valioso empenho da soberbia, com que destroem a sua felicidade; e suposto que para bem obrar não careceis dos

meus ditames, como as paixões costumam escurecer os mais claros entendimentos, vos torno a lembrar que os Deuses vos escolheram, para que fosseis amparo dos bons, terror dos maus, alento de virtudes, e pais dos vossos vasaes, pelo que vos rogo que os animais como Príncipe virtuoso, pois eu vos respondo como verdadeiro amigo vos aconselho com expressões de legitimo afeto, vos animo com leis de boa razão, e justiça, com armas, e honras, que vos descansem, e com memorias de meus trabalhos, para que vejaís que se as fadigas fazem o descanso, também este entre nós faz guerra às virtudes, que em vós sempre aumentem os Deuses consoladores.

Assim terminou Ernesto a sua admirável resposta, em que se ostentavam gloriosas as doutrinas de Anteo, para quem se reservaram estes sazonados frutos.

Isaieles determinando a sua partida para Nacia, se despediu das Majestades, e juntamente os Officiaes de guerra, e os Jurisconsultos, que deviam embarcar. Ernesto com suaves expressões, e discretos ditames os enriqueceu de admiráveis máximas, que nos vasaes radicaram amor, e nos estrangeiros veneração.

Embarcando Isaieles, se repetiram festivas demonstrações, e muitos vivas aquêles Soberanos até que entre o estrondo das salvas, e as sonoras vozes dos clarins, perderam de vista a

Delos, levando a noticia do êxito, e paz, com que ficavam gozando o verdadeiro afeto dos súditos, e os descansos, para que haviam concorrido as fadigas, conhecendo todos, que sempre é vencedora a verdade, e que a formosura triunfa, quando é constante a virtude.

(Fim das *Aventuras de Diofanes*).

"ESTRANGEIROS NO BRASIL"

(Autoria do Dr. Martins Alonso Diretor da Divisão da Polícia Marítima e Aérea e membro do Conselho de Imigração e Colonização)

UM LIVRO QUE CONTEM TODA A LEGISLAÇÃO REFERENTE AOS ESTRANGEIROS EM SUAS DIVERSAS ATIVIDADES NOS PAIS

Entrada, permanência, exercício dos profissões, leis de naturalização, extradição, expulsão, resoluções dos órgãos executivos, leis de colonização, transportes aéreos, etc.

Livrarias: José Olímpio, Otton e Freitas Bastos. Pedidos também às Officinas Gráficas do JORNAL DO BRASIL — Avenida da Rio Branco, 118 — Rio de Janeiro

PREÇO CR\$ 80,00

Teresa Margarida da Silva e Horta, precursora do romance brasileiro

Fênelon inspirou, diretamente o primeiro romance luso-brasileiro. Foi, de fato, nas *Aventuras de Telémaco*, publicadas em 1698, e que iam ter em França e depois em toda a Europa uma repercussão tão formidável que Faydit pôde escrever uma *Télémacomanie*. — foi nesse romance-poema didático que a primeira romancista brasileira foi diretamente inspirada para escrever as suas *Aventuras de Diófanos*. Diófanos foi o Telemaco luso-brasileiro. E Teresa Margarida da Silva e Horta, o seu Fênelon. Nascida em São Paulo, em 1712 com menos de cinco anos de idade, em 1718, partiu para a Europa, em companhia de uma irmãzinha menor, que ia ser freira, seu irmão, de sete anos mais que ela, Matias Aires. E seus pais José Ramos da Silva e Catarina Orta.

Essa pequena família representava um dos fenômenos sociais mais expressivos do Brasil de então. O pai, que viera para a Bahia como criado de servir (sic), em 1695, já era — quando se casou com D. Catarina Orta, da mais alta nobreza paulista — o homem mais rico de São Paulo, o maior proprietário de prédios da capital bandeirante e de terras auríferas e diamantinas nas Minas Gerais! Enriquecera fabulosamente como fornecedor dos "bandeirantes!

Matriculada em Portugal, no Convento das Trinas, ao passo que Matias Aires ia para o Colégio de Santo Antônio da Companhia de Jesus — teve Teresa Margarida uma educação das mais requintadas, tanto em luxo social como em cultura intelectual. Não duvidou que haja algo de autobiográfico no retrato de Beraniza, que encontramos em seu romance: "Beraniza era

sumamente agradável, tinha excessiva graça, desgarre, e afabilidade para as gentes, e tão abalmente ligava a estas amáveis qualidades o Anímo varonil, e os Reais pensamentos, que nos negócios políticos daquele Reino, e dos estrangeiros, não se determinava cousa alguma, sem que o seu parecer alcançasse os acertos; porém tanto se entregava à dominante paixão dos estudos, que em gostosa conversação dos bons Livros, e astro-

ALCEU AMOROSO LIMA

Sob esse pastoralismo inocente, porém, palpitante uma grande preocupação revolucionária, como foi tão frequente na época.

Matias Aires e Teresa Margarida, os dois irmãos nascidos no Brasil, não eram apenas filhos do homem mais poderoso de Portugal abaixo de D. João V. e de Alexandre de Gusmão. José Ramos da Silva foi, de fato, por mais de vinte anos — e Matias Aires sucedeu-lhe no cargo — provedor da Casa da Moeda, em Lisboa. E esse cargo, que colocava todas as Casas de Fundição de Portugal e Brasil sob a sua direção, fazia passar pelas mãos do seu ocupante *tudo o ouro do Brasil*, que então revolucionava a vida da velha Metrópole e de toda a Europa! Não eram apenas filhos do proprietário da Quinta de Aguayla, a mais linda de Portugal, e de um dos palácios mais luxuosos de Lisboa, que aliás Matias Aires julgou ainda inferior ao nível de seu cargo. E comprou outro, que pertenceu depois ao próprio Pombal!

Os dois irmãos eram apenas duas expressões excepcionais da cultura portuguesa do tempo. Ele, o maior filósofo luso-brasileiro do século XVIII. Ela, a maior romancista.

Ambos iam marcar nitidamente seu povo de uma fase a outra. Iam ser ambos dos mais típicos representantes, no seu gênero, do movimento da "Aufklärung" que se espelhava por toda a Europa. Tanto as medições filosóficas de Matias Aires, como as páginas literárias de sua irmã Teresa Margarida, tinham um substrato essencialmente didático e político. Eram a expressão de um novo estado de espírito, de uma concepção da vida que ia marcar na história, a figura do século XVIII. E na história de Portugal, a transição entre a fase D. João V e a fase D. José I.

A morte de D. João V, como se sabe, mudou radicalmente a vida e o ambiente de Portugal. Era a entrada do racionalismo, do modernismo, do espírito revolucionário, das influências francesas, do antijesuitismo, que marcava o fim do "antigo regime" e o início do liberalismo. Era a irrupção de um novo espírito. E esse novo espírito — antes de Rousseau, mas inspirado em idéias que depois o solitário de Genebra ia erigir no evangelho da revolução — vinha encontrar na filosofia de Matias Aires e no romance de Teresa Margarida a sua expressão mais adequada.

Seria muito interessante fazer o confronto entre os livros dos dois irmãos. Nem sempre foram amigos. Teresa Margarida foi uma menina esquecida. Casou-se aos 16 anos com um flamengo que só tinha olhos nos milhões do velho Ramos da Silva. E' dos mais pitorescos e episódios por este contato em seu testamento e que bem mostra a voracidade do gênero, a levandade da filha e os costumes da época. Eis o trecho do testamento do velho plutocrata paulista em que refere o pitoresco incidente: "depois de ter feito aquele dote à minha filha Dona Teresa e ter com ela repartido aquilo que tinha, fui tratar de fazer a vindima na minha Quinta da Querujeira no termo da Vila de Alenquer e como quando vou à Quinta, costume levar bastante dinheiro; assim para as despesas da dita Quinta como para compra de Fazendas, que naquela vizinhança se costumam oferecer; sabendo muito bem deste costume o dito Senhor meu genitor e minha filha, porque em outra ocasião me tinham ali tirado cinco mil cruzados, busca-

Terão saído, em 1777, duas edições diferentes das "Aventuras de Diófanos"? Infelizmente, foi problema que não pude apurar.

III — A AUTORIA DO ROMANCE

Os pesquisadores das literaturas portuguesas e brasileiras dividiam-se, até recentemente, em vários grupos, relativamente à autoria das *Aventuras de Diófanos*. No trabalho que tive oportunidade de escrever a respeito do assunto, assim procurei resumir essas opiniões:

Alguns escritores, como Sacramento Blake, limitam-se a registrar a dúvida, sem procurar resolvê-la: "De minha parte, a mencionamos aqui a dúvida sobre a autoria do livro, atribuída por uns a Teresa Margarida e por outros a Alexandre de Gusmão" com estas observações, nada afirmo; dou só notícias dos fatos." Outros, como Barbosa Machado e Farinha, aquênto na *Biblioteca Lusitana* e este no "Sumário", nem sequer mencionam a dúvida; afirmam simplesmente, e de modo categórico, que o pseudônimo Dorothea Engrassia Tavares Dalmina, é o que apareceu o livro, é de Dona Theresa Margarida da Silva e Horta. Há ainda os que, como Inácio, se inclinam, sem muita convicção, pela autoria da irmã de Matias Aires. O autor do *Dicionário Bibliográfico Português*, realmente, embora não convencido de que o pseudônimo fosse um anagrama de Alexandre de Gusmão, como o afirmava o editor de 1780, preferiu não opinar: "Não sabemos, pois como decidir-me entre asserções tão encontradas, e tão positivas ao mesmo tempo, quais são as de Barbosa Machado e do anônimo editor, fique o pleito indeciso, até que haja meio de solver as dificuldades."

Há os que, como o Sr. Basílio de Magalhães, examinam o problema com certa duplicidade, negando a autoria de Gusmão. E há os que defendem a autoria de Alexandre de Gusmão, como Teófilo Braga e, embora sem muita convicção, como Arthur Motta, que, traçando a biografia do irmão do Padre Voador, não examinou com bastante exatidão o assunto.

Devo acrescentar que, publicado o meu trabalho, o Sr. Basílio de Magalhães, numa alta demonstração de probidade literária, se apresentou a justificar a sua atitude, em conferência realizada na Faculdade de Filosofia da Universidade de S. Paulo, em 30 de março de 1939. Antes, porém, em carta que me dirigiu em 28 de janeiro do mesmo ano, já me adiantara: "Tenho uma das primeiras edições das *Aventuras de Diófanos*, "romance moral", imitado das *Aventuras de Telemaco* do Padre Fênelon, e de uma sensaboria pasmosa,

Conveni-me de que essa obra não é de Alexandre de Gusmão e sim de D. Teresa Margarida da Silva e Horta. Ignorava eu, entretanto, que essa escritora fosse irmã de Matias Aires. Eu a supunha portuguesa nata. Daí a "certa duplicidade" com que tratei do caso. Se eu soubesse, então, que a autora das *Aventuras de Diófanos* era irmã do autor da *Valdade dos Homens*, o seu opúsculo chegaria tarde".

Os documentos divulgados pelo Sr. Ernesto Ennes, na biografia de Teresa Margarida, e as pesquisas que se seguiram puderam deixar fora de dúvida que foi ela e não Alexandre de Gusmão a autora das *Aventuras de Diófanos*. O pseudônimo sob o qual se ocultou, Dorothea Engrassia Tavares Dalmina, é um anagrama perfeito do seu nome.

IV — FONTES PARA ESTUDO

A respeito de Teresa Margarida, além das referências ao seu nome, que encontram em Barbosa Machado (*Biblioteca Lusitana*), Inácio (*Dicionário Bibliográfico Português*) e Souza Farinha (*Sumário da Biblioteca Lusitana*), podem consultar-se:

ERNESTO ENNES — *Um escritora portuguesa do século XVIII*, in-"Bazar, Lisboa, 5, 12 e 19 de agosto de 1938, reproduzido Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, vol. XXXV, dezembro de 1938; *Um paulista insipiente — Dr. Matias Aires Ramos da Silva de Eça* (Contribuição para o estudo crítico de sua obra), publicação da Academia Portuguesa de História, Lisboa, MCMXXII.

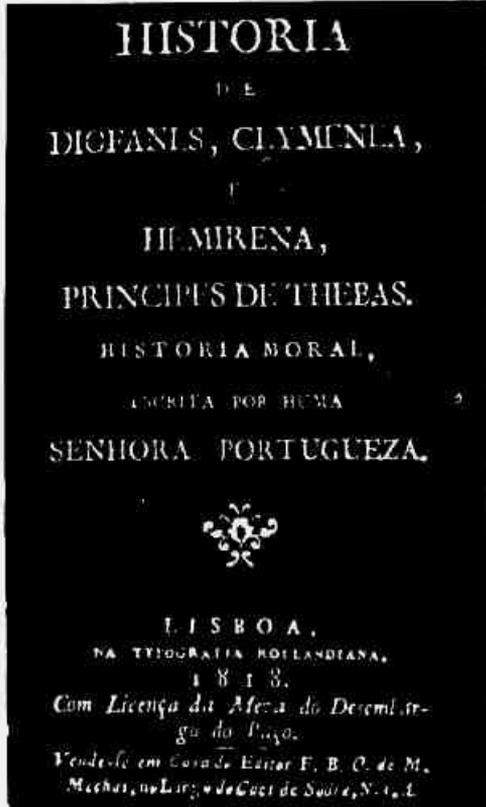
RUY BLOEM — *O primeiro romance brasileiro* (*Retiñhções de um erro da história literária do Brasil*), in-"Revista do Arquivo Municipal", vol. LI, S. Paulo, outubro de 1938.

TRISTÃO DE ATHAYDE — *Romances e romancistas*, in-"O Jornal", Rio, 26 de março de 1939; *Teresa Margarida da Silva e Horta, precursora do romance brasileiro*, in-"Revista do Brasil", n.º 35, Rio, maio de 1941.

BASÍLIO DE MAGALHÃES — *Cursos interessantes da literatura brasileira*, conferência realizada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, cf. resumo publicado in-"Estado de São Paulo", 31 de março de 1939.

V — SIGNIFICAÇÃO DA OBRA

O livro de Teresa Margarida tem uma grande significação na história literária do Brasil, pois vem a ser o primeiro romance escrito por um brasileiro. Embora nele a sua autora revele inteligência e cultura excepcionais para a época, sobretudo ao se conscientizar a orientação dada à educação feminina a esse tempo, não se



Página de título das "Aventuras de Diófanos" 14ª edição

nômicas observações passava incessantemente os dias, e muitas noites... (*Aventuras de Diófanos*, pág. 199).

Essa triplíce paixão que ali refere, como típica de sua personalidade — a política, as letras e as ciências — é o que encontramos em sua vida, em seu livro e em sua correspondência.

Esta última — descoberta pelos esforços do grande crítico português Ernesto Ennes, a quem devemos hoje o que se conhece sobre essa curiosa e esquisita figura do nosso passado literário — veio revelar, por exemplo, alguma coisa de ab-

espalhada por toda a Europa, em mais de 20.000 (sic) exemplares, o que era imenso para a época. E, além do tudo, serviu de base à composição do *Uruguay* do nosso Basílio da Gama! Pois bem, da correspondência trocada entre Teresa Margarida e Furtado de Mendonça, se veio a saber que o autor do terrível panfleto político-antijesuíta era... uma autora, o nosso suavíssima romancista do pastoralismo arcaico! Teresa Margarida entra, de chofre, para a nossa história literária, ligada aos seus acontecimentos mais rumorosos.

pode negar que, nos dias de hoje a leitura das *Aventuras de Diófanos* é árida. Mas esse livro, quando de sua publicação, alcançou em Portugal invegável êxito. Não parece, porém que tenha exercido qualquer influência direta sobre a literatura brasileira, na qual somente um século mais tarde surge o romance.

Mas é por isso mesmo que o livro de Teresa Margarida assume um significado singular em nossa literatura. Precursor do romance nacional, surgiu quase cem anos antes dos romances de Teixeira e Sousa e de Macedo, como os quais se costumava até agora marcar o aparecimento do gênero na literatura brasileira. Penso que agora, para uma classificação exata, a história do romance brasileiro pode ser dividido em duas fases: na primeira, em 1783, aparecem as *Aventuras de Diófanos* como uma tentativa isolada do romance, sem con-

tinuações; na segunda, *A Moreninha*, de Macedo, em 1844, retoma a tentativa de Teresa Margarida e da verdadeiramente início ao romance como um dos capítulos da literatura brasileira.

Por uma coincidência feliz esta edição das *Aventuras de Diófanos* é publicada pelo Instituto Nacional do Livro exatamente no ano em que se comemora o primeiro centenário da *A Moreninha*. O precursor do romance brasileiro, assim volta a luz no instante em que o verdadeiro iniciador do gênero completa um século, durante o qual não perdeu o prestígio adquirido desde o primeiro momento. *A Moreninha* viveu cem anos de popularidade. As *Aventuras de Diófanos* ficaram esquecidas durante dois séculos. É justo, pois, que aqui se unam os dois livros, nesta referência ligeira, pelo que ambos significam na história literária do Brasil.

Teresa Margarida da Silva e Horta, precursora do romance brasileiro

ram agora o meio, que iam de Romaria (sic) ao Senhor da Pedra, e vindo da Romaria estiveram na dita Quinta e o dito Senhor meu genro [Pedro Jansen Moler] e sua mulher saltaram em um baú no qual eu tinha quatro mil cruzados em um saco e coisa de cem moedas... e tudo me levaram (sic) sem me deixarem um tostão, de sorte que me fêz logo preciso mandar dizer a meu filho Matias, lo nosso Matias Aires, que a esse tempo se achava em Lisboa e não tinha ido naquele ano à dita Quinta, que me mandasse algum dinheiro" (cf. Ernesto B. Ennes — "Uma escritora brasileira do século XVIII", *Journal do Comércio* 12-8-38).

Não é de admirar que, em face de tais costumes, tivesse Matias Aires rompido com a irmã, enquanto viveu o cunhado. Por morte deste, em 1783, reconheciam-se os irmãos e passaram até a viver na mesma casa, à rua S. Francisco de Borja. Tudo leva a crer que Matias Aires teve grande influência sobre Teresa Margarida, mesmo durante o período em que as laudas do cunhado o afastaram da irmã. Ele tivera uma vida de alta formação cultural, em França. Viveu alguns anos em Bayoune, na corte do infante D. Manuel, irmão de D. João V, que ali vivia uma grande vida e foi um dos "euro-peus" mais curiosos do século XVIII, ainda não estudado. Em Paris graduou-se nos dois direitos, civil e canônico, estudou hebraico com o famoso poliglota Phourmond, o homem que sabia vinte línguas orientais, fora as ocidentais... e fez estudos profundos em matemática, física e química, com Godin e Grosse, dois dos mais famosos naturalistas da época.

Esse culto à Ciência foi trazido a Portugal por Matias Aires e por ele comunicado à sua irmã. Completamente embebedado de cartesianismo, e mais do que isso, penetrado pelo naturalismo científico que o século XVII legara ao século XVIII, Matias Aires ia ser em Portugal o patriarca do cientificismo. Eis como se exprime, em uma de suas meditações de misantropo sábio: "hoje as Filosofias lódas se compõem de Matemáticas; de sorte que já não ha silogismo, que conlta, se não é fundado em alguma demonstração Geométrica; na Física não se está pelo que se diz, não pelo que se vê... Um lambique, um Eolípilo (?), uma máquina Pneumática, e a mistura de vários corpos, explicam mais em uma hora, do que um professor de Filosofia em muito tempo... (Reflexões sobre a vaidade dos homens, ed fac-simililar, págs. 266-267).

O gosto de Teresa Margarida pelas ciências naturais, pelas matemáticas e pela astronomia, tão raro em geral nas mulheres, é, não só o reflexo do espírito do seu tempo, pois mulheres cultas do século XVIII o revelaram, mas ainda da influência de Matias Aires. Assim também suas preocupações políticas.

No autorretrato que nos deixou e que acima transcrevi, há menção de sua grande influência política. Foi ela uma das conselheiras secretas de D. João I. Eis o quadro desolador de Portugal ao tempo do seu romance, dirigindo-se ao rei, sempre sob a firma simbólica que Fênelon usou para falar ao Duque de Borgonha, como ela para falar a infanta Maria, a futura rainha D. Maria I: "Sabed, Senhor, que o vosso Reino, que há pouco mais de três anos, que governa, lo livro foi publicado em 1782 e D. João V morreu em 1750) se acha reduzido a um estado miserável; não há nele caminho algum, que seguro seja; não há lugar privilegiado, nem quem queira culti-

var os campos; o comércio está arruinado, porque se lhe quebrantam os privilégios, e não há verdade; os que admittio vosso agrado servem-se da vossa autoridade, arruinando os créditos, e corrompendo as vossas Leis, acudí ás balanças da justiça, fazei mercês aos naturais, mandei que não saia para fora a vossa moeda, aliviei os tributos, e não dei crédito ás vizes da vileza ignorante (Aventuras de Diófanes, página 141).

O livro de Teresa Margarida, como o de Fênelon, é um romance didático, que tem uma finalidade nitidamente política. Sua autora se deixa longamente arrastar pelo idealismo político, de que se atherborou nas páginas do *Telemoco* e de que Matias Aires lhe trouxera também de França amplas informações. Fala ao rei e aos ministros com coragem extraordinária. Traça-lhes normas de justiça, dá-lhes lições de sabedoria na arte de governar, que não são apenas de seu tempo, mas de todos os tempos.

Os fragmentos sobre a justiça, as leis, os magistrados, são, como se sabe, dos mais subteis de Matias Aires, que era, como se viu, doutor *utroque juris*. Um dos preconceitos inveterados contra os quais ele investiu foi o que fazia dos magistrados a encarnação viva da Truculência: "Revista-se embora o soberbo Magistrado de um semblante rugoso, implacável, adverso, e truculento; faça-se irrisível (sic) totalmente, aspero, severo, e desabrido; mostre um aspecto sombrio, terrível, taciturno, e intratável; fale de um ar, e tom de soberania; tenha sempre o pensamento destruído, como que a tem todo occupado em Upliano, e Bartolo... nada disso pertence à natureza do Magistrado, à natureza da vaidade sim (Matias Aires, *op cit*, págs. 318-319).

Ao contrário, é muito diversa a figura do verdadeiro juiz: "Não é assim o Magistrado, ou o Julgador prudente; este é severo sem injúria, nem dureza; inflexível sem arrogância, reto sem aspereza, nem malevolência; modesto sem desprezo, constante sem obstinação; incontestável sem furor, e douto sem ser interpretador, subtilizador, ou legislador (?)... no seu conceito não valem mais, nem o pobre por humilde, nem o grande por poderoso; distingue as pretensões dos homens, pelo que elas são, e não por de quem são; não atende à qualidade dos ropas, mas à qualidade de das cousas... O Julgador benigno não recusa, que se saiba a sua vida, que se diga, a que se escreva; o seu panegirico não depende da verdade, do encarecimento, ou da lisonja, não; ele mesmo é o seu elogio" (págs. 330-333).

Conceitos análogos aos contidos nessa admirável apologia do magistrado, vamos encontrar nas páginas do romance pastoril e didático da irmã de Matias Aires, mostrando nesse passo, com em muitos outros que pudéramos alinhar, a similitude de espírito entre os dois. Assim se exprime, a certa altura, a nossa primeira romancista, nos seus conselhos sobre a arte de governar: "...mandai guardar inviolavelmente as vossas Leis sobre os pleitos civis, e nos criminaes que se moderem; porque as severas, rigorosas se fizeram mais para terror, que para se executarem

sempre, pois que os justos Deuses mais nos remuneram serviços, que castigam delittos... so se dêem os cargos da justiça a homens doutos, e de conhecida prudência; porque os que principiam a exercitar as letras, só têm a sciência nos lábios, e antes que acertem, perturbam a República; porque sabendo o que dizem os livros, e não o que ensinam a experiência, serão bons para advogar, porém não para julgar. Os Juizes, de quem se deve fiar a República, devem ser retos no que sentenciam, compassivos no que mandam, honestos no viver, sofredos nas injúrias, e comedidos nas palavras" (Teresa Margarida, *op cit*, págs. 142-3).

E' mister, aliás, como bem advierte o sr. Ernesto Ennes, não esquecer que há, no estado de espírito dos dois livros, ao par de afinidades evidentes que ainda não foram até hoje bem facultadas, certa diferenciação profunda. Matias Aires era um pessimista. Teresa Margarida, contrário, inclinava-se como mulher a uma concepção otimista da existência. Ele, não acredita nem na sabedoria dos homens. Ela, proclama a benevolência das "maximas de virtude e formosura".

A meu ver, entretanto, o que aproxima os dois livros é muito mais profundo do que o que os distingue. Escreverem ambos num estilo semelhante, sentencioso, e subtil, a goeto do culteranismo da época, Matias Aires é mais requintado, sem dúvida, mais variado. Teresa Margarida não deixa, por vezes, de ter páginas de muito brilho.

Outro confronto a fazer seria entre ambos e Fênelon, cuja inflexibilidade, como se sabe, foi direta e confessada sobre o romance pedagógico de Teresa Margarida. Eis, entre outros muitos trechos que poderia apontar, um que é bem típico daquele idealismo econômico precursor do liberalismo e do capitalismo, com que Fênelon marcava o início da reação contra o corporativismo medieval, que ainda então prendia o comércio e a industria nos laços de preconceitos que a Revolução iria suprimir totalmente. Era a fase em que o liberalismo econômico, vindo da Inglaterra, começava a conquistar a Europa e o mundo: "Surout n'entreprenez jamais de gêner le commerce pour le tourner selon vos vues. Il faut que le prince ne s'en mêle point, de peur de le gêner et qu'il en laisse tout le profit à ses sujets qui en ont la peine... Le commerce est comme certaines sources; si vous voulez détourner leur cours, vous les faites tarir (Aventuras de Telemoco -- Liv. III). E mais adiante faz a apologia das artes, dos officios, da industria e da proteção aos operários que as praticam: "Quand on récompense bien ceux qui excellent dans les arts, on est sur d'avoir bientôt des hommes qui les méritent, a leur dernière perfection... Ici on trait avec honneur tous ceux qui réussissent dans les arts et dans les sciences utiles à la navigation... on ne méprise point un bon charpenier au contraire, il est bien payé et bien traité. Les bons rameurs même ont des récompenses sôres et proportionnées à leurs services; on les nourrit bien; on a soin deux quand ils sont malades; en leur absence on a soin de leurs femmes et de leurs enfants; s'ils périssent dans un naufrage, on dédommage leurs

familles; on renvoie chez eux qui ont servi un certain temps (bp *cit*, III, pág. 68).

Fênelon foi o precursor da legislação social, das Casas de Pensões e Aposentadorias, das leis de acidentes de trabalho... E sua fiel inspiração, a nossa ardente patriota, Teresa Margarida, vem também a ser, para nós, a precursora de tudo isso, como se vê das páginas do seu romance social: "Também conseguireis facilmente haverem muitos peritos nas artes, e em todos os empregos mecânicos, fazendo-lhes maiores conveniências, que os mais Principes; e os que ou morrerem em vosso serviço, ou chegarem a um certo número de anos, vão a descansar com bastante, de que mantenham suas famílias, (sic) e com aumentos à proporção de suas occupações; e determinando prêmios, e regalias para os que chegarem a um certo auge de perfeição em seus officios, todos se hão de esmerar para os merecerem, e desde o berço ensinar os filhos a seguir em os passos, em que vão alcançar a sua felicidade..." (Aventuras de Diófanes, pág. 147).

Teresa Margarida poderá pôs ser inscrita como a iniciadora da legislação social, ao menos teoricamente, em Portugal e Brasil... E o liberalismo econômico de Fênelon também encontra guarida em suas páginas: "dae inteira liberdade no comércio com favoráveis direitos, e prêmios a quem o aumente, de sorte que os vassallos sejam ricos, e os estrangeiros contentes; ... favorecei as fábricas, e premiai as que as intentarem, animando-as, para que não desmaiem, e para terem efeito os

melhores inventos, e a estes defende-os da inveja; mandai criar outras, em que os olhos, e aleijados trabalhem nos lugares, onde forem postos, que assim se faz em alguns Reinos, onde florecem as artes, vivem melhor os pobres, e não se experimentam tantos efeitos da ociosidade..." (ib., pág. 148).

E' flagrante a atualidade de tudo o que escreve a "matriarca" dos nossos romancistas... Não foi ela apenas a primeira romancista brasileira ou pelo menos nascida no Brasil. Seu romance é um documento capital para nossas letras, como expressão do espírito do século XVIII, como iniciador de uma nova fase do pensamento em Portugal e no Brasil (os poetas da Inconfidência estão cheios de conceitos bebidos, ou em Teresa Margarida, ou em fontes identicas às em que ela se desaltou), como precursora do romance social entre nós e das idéias "socialis", e enfim como elemento interessante de estudo de literatura comparada, pela sua inspiração direta na onda de *telemocomania* que no século XVIII invadiu a Europa e foi um movimento preparador do encycopédismo.

Por tudo isso se impõe uma rendição, pela Academia Brasileira, na coleção dos seus classicos brasileiros, do romance dessa remota e interessante sima paulista, que foi uma das mulheres mais inteligentes, mais cultas e mais influentes do seu tempo, e hoje, a partir dos estudos do benemérito Ernesto Ennes, está de novo na ordem do dia. *Revista do Brasil* — Maio — 1949.)

Algumas fontes sobre Tereza Margarida

- Aleeu Amoroso Lima — *Romances e romancistas*. "O Jornal"; Rio, 26 de março de 1938;
- Teresa Margarida da Silva e Horta, precursora do romance brasileiro. "Revista do Brasil", n.º 35, Maio de 1941.
- Barbosa Machado — *Biblioteca Lusitana*, t. IV
- Basilio de Magalhães — *Casos interessante da Literatura brasileira*. Conferência realizada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. São o resumo no "Estado de São Paulo" de 31 de março de 1939
- Ernesto Ennes — *Uma escritora portuguesa do século XVIII*, in "Bazar", Lisboa 5, 12 e 19 de agosto de 1938. Foi reproduzido a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Vol. XXXV (dezembro de 1938); vem também no *Mensário do Jornal do Comércio*, t. II, vol. III, pág. 282.

— *Um paulista insigne. Dr. Matias Aires Ramos da Silva de Eos* (Contribuição para o estudo crítico da sua obra) Publicação da Academia Portuguesa de História, Lisboa MCMXXI.

— Inocêncio da Silva — *Dicionário Bibliográfico Portuguez*, t. 7, pág. 317; t. 10, pág. 257.

— Rui Bieem — *O primeiro romance brasileiro. (Retificação de um erro da história literária do Brasil)*. In *Revista do Arquivo Municipal*, de S. Paulo, vol. LI (outubro de 1938). Foi feita uma separata.

Este trabalho foi premiado no 3.º Congresso de História do Departamento Municipal de Cultura de S. Paulo. Vem reproduzido na edição das *Escrituras de Professores*, dada pelo Instituto do Livro em 1945.

— Introdução à edição das *Aventuras de Diófanes*, dada pelo Instituto do Livro em 1945. — Sousa Farinha — *Sumário da Biblioteca Lusitana*.

AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEAO

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro	Cr\$ 45,00
FASCICULOS AVULSOS:	
Dos volumes da 1.ª fase (I a VIII)	Cr\$ 50,00
Do volume IX	Cr\$ 5,00
Do volume X	Cr\$ 4,00
Brochura do volume IX	Cr\$ 100,00

NUMEROS ATRAZADOS

— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar — Telefone 22-9981, ramal 9. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO — BRASIL

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA NACIONAL

Fac-Simile da assinatura autografa de Teresa Margarida

O centenário de Ruy Barbosa

Tudo o país comemorou, com grande entusiasmo e carinho, a passagem da data centenária de Ruy Barbosa, efemeridade que se registrou a 5 de corrente.

Das homenagens então prestadas ao grande brasileiro destacou-se com resplendor incomparável: a transladação dos seus restos mortais, que repousavam no cemitério de S. João Batista, nesta capital, e que hoje descansam no Panteão Bahiano.

A remoção da preciosa reliquia ocorreu no dia 3. Naquela manhã foi rosada pelo Cardeal Câmara Missa na Casa Ruy Barbosa, depois do que, composto pelas mais representativas figuras da cultura brasileira, o cortejo se pôz a caminho para o Casarão do Pôrto. Em todo o percurso — a rua de S. Clemente, a Praia de Botafogo, a Praia do Flamengo, a Avenida Rio Branco — uma multidão, fremente de amor e admiração ao campeão da Democracia e da Liberdade, contemplava o majestoso espetáculo cívico. Cinco orações foram então pronunciadas: a do Ministro da Educação, Dr. Clemente Mariani que falou no momento em que o corpo deixava a Casa Ruy Barbosa; a do Senador Aloysio de Carvalho que saudou as reliquias de Ruy da escadaria do Senado; e a do acadêmico Pedro Calmon, reitor da Universidade do Brasil, que o saudou da escadaria da Biblioteca Nacional; a do Prefeito Anacleto Mendes de Moraes; a do Ministro da Marinha, Sílvio de Noronha. Chegando ao Casarão do Pôrto, na carreta que os conduzia, foram os despojos de Ruy Barbosa entregues à Marinha Nacional, que os fez transportar para bordo do torpedeiro Maria e Barros, no qual foram levados para Salvador.

Damos a seguir os cinco discursos com os quais o Rio de Janeiro se despediu das reliquias de Ruy Barbosa.

DISCURSO DO MINISTRO CLEMENTE MARIANI

Exmo. Sr. Presidente: Para dar cumprimento à vontade da Nação, manifestada pelas suas representantes na Assembleia Nacional Constituinte e formulada em disposição expressa da nossa magna Carta, determinei V. Ex.ª as providências necessárias para que, em comunhão afetiva e solidária o Governo, as classes, as Instituições, o povo, promovessem a glorificação solene de Ruy Barbosa em "consagração, dia o texto constitucional. — dos seus serviços à Pátria, a Liberdade e à Justiça".

Alegria litúrgica com que se complementa a série de atos nesse sentido é a romaria que, neste instante, tem início, romaria em meio à qual o Brasil acompanhará, para a asagração da imortalidade, o corpo do apóstolo, na sua comovente viagem à terra natal, onde permanecerá como uma lâmpada votiva nessa sobre as gerações que passam. Não há luto, não há funebre, não há tristeza nesta cerimônia.

Não estamos renovando exequias, nem o som que vem do alto é o dos sinos em dobras da fúnebre.

Não é a morte que nos reúne. Não celebramos um trecho do passado morto.

Não nos perde a fronte no desconosco de quem perde.

Estamos, diante de Ruy, em atitude de exaltação e de identidade viva.

A sua glorificação é um ato de festa e de alegria, um sacramento que reflete sensação de vida e de força e não ausência e distância.

Nós o sentimos, imamente a atual, na própria atmosfera do Brasil de hoje, em que se re-

flete a luz da sua pregação e do seu evangelho; nas instituições, nas leis, na prática do regime nos costumes políticos, onde se assinala uma conquista de aperfeiçoamento na liberdade de cada um e no Direito de todos, nos princípios que hoje preservamos, nos ideais que nos animam na fé que nos imama, no culto das virtudes que exaltamos, nos triunfos do progresso moral que registramos, em cada vitória individual ou coletiva sobre o erro e a mentira, o arbitrio e a violência a inércia e o conformismo.

Nada mais o limita ou circunscrive.

Agora é a voz, que a distância não apaga, heio que o tempo não encerra, exemplo, que já não depende das circunstâncias.

Missionário e martir de nossa formação liberal, continua a ser, na ressonância de suas predicas, o oráculo do regime, o profeta da reforma, o mestre do patriotismo e da moralidade pública e privada, o conselheiro dos moços, o flagelo dos débeis e viciosos, o inextinguível das gerações, o modelo dos cidadãos, o preceptor admirável que ensinou com a "doutrina e o exemplo, mais ainda com o exemplo do que com a doutrina, o culto da legalidade, as normas e o uso da resistência constitucional, o desprezo e o horror da opressão, o valor e a eficiência da justiça, o amor e o exercício da liberdade".

A glorificação consagra, apenas, o que já era imperativo de sua sobrevivência poderosa e tutelar, isto é, a forma pela qual um homem se fez contemporâneo do seu povo, em todas as épocas e tempos, o poder de, por obra valiosa, se libertar da própria lei da morte.

É um anjo de vitória e as pétalas que, sobre ele, atiram molhos do Brasil, da América e da Europa, até onde chegou a irradiação do seu espírito, são acenos de confiança e de respeito ao paladino que prossegue. É desta Casa que haveria, mesmo, de sair a romaria da sua glorificação.

Seria esta, estou certo, a vontade daquela que foi a senhora suprema deste lar, e que, ao lado dele, nos páramos mais altos, nos dá a sua aprovação.

Esta Casa, onde hoje, se reúne, com a presença de V. Ex.ª, e das altas autoridades da Nação, seus filhos, netos, amigos e discípulos, os que o compreenderam e amaram, na sua realidade humana, na grandeza do seu exemplo, na beleza do seu evangelho, os que mais sentiram, a palpitação da sua nobre alma e o poder da sua inteligência cômica; esta Casa, que o Brasil votou eternamente ao seu culto e onde prossegue sem cessar a mineração erudita dos estudos, nas inexauríveis profundezas de sua obra, apenas afiorada em sua superfície pela pesquisa e pela análise; aqui onde tudo permanece intacto como se houvesse parado quando ele se foi, onde todo o recorda e revive; até onde a calumnia, "entidade amorfa e tremenda que se não tem aras e porque as dispensa" — o perseguia com a pertinácia de suas misérias. Esta Casa, onde está a sua biblioteca "lenta e estratificada de vinte e cinco anos de amor as letras", seus livros, seus companheiros de suas madrugadas; esta Casa em cujos jardins vicejam as suas roseiras com que dividiu os excessos do ternura do seu coração; esta Casa que tantas alegrias deu à amada esposa àquela em quem já em noiva, éde antevia "a mais virtuosa, a mais meiga, a mais amada esposa àquela em quem "esquecia todas as atribulações de minha existência tão breve quanto maguada"; D. Maria

Augusta, sombra trêne e amiga sobre a fronte ardente do apóstolo, aquela que, havendo sido "a ancora do seu caráter", "a alma de sua alma, a flor sempre viva da bondade de Deus no seu lar", fora sempre também, pela "slimpata corajosa e eficaz", "em todas as causas do coração, da liberdade e da justiça", "alento ou inspiração em todas as boas ações de sua vida".

Aqui, onde mais vivamente se foi "acendendo a fé em seu coração à medida que se apagava a confiança nos homens" não lhe faltou também a bênção de Deus, sem a qual não podia conceber o homem e muito menos a possibilidade atual ou vindoura de uma nação civilizada e atea". Ela não poderia faltar a quem envelheceu "na persuasão do velho Plutarco, imaginando menos a custo uma fortaleza sem alicerces que um povo sem Deus", convencido de que, "do ponto de vista da humana razão", "Deus é a necessidade das necessidades, Deus é a chave inevitável do Universo, Deus é a incognita dos grandes problemas insolúveis, Deus é a harmonia entre as desarmônias da criação". Porque, "de tudo quanto tenho visto no mundo, afirmo, o resumo se alcança nestas palavras: Não há justiça onde não haja Deus".

Poi aqui que Ruy escreveu os artigos da "Imprensa", que preparou os "habes-corpus" para os floriantistas, seus adversários de ontem, a ação a favor dos professores da Politécnica, que firmou a teoria da posse dos direitos pessoais, que elaborou a República, os trabalhos para o Código Civil, foi aqui que partiu para Haia de onde voltou sob o olhar admirado do mundo e as bênções das pequenas nações por ele defendidas, daqui saiu para a campanha civilista levando na voz e no coração, segmentos da educação democrática e de deliberação, mais que ambições de vitória pessoal.

Aqui viveu as horas da grande guerra.

Daqui partiu para Buenos Aires, para firmar novo conceito de neutralidade; daqui de novo se pos em caminho para a seara de 1919. Aqui recebeu o secretário de Estado Americano, o presidente de Portugal. Aqui, portanto, deve começar o roteiro através do qual volta à sua origem.

Sairá daqui, nos traços da nação agradecida, para o centro da nossa própria história de povo livre onde permanecerá como uma seara ardente, a iluminar as tabuas da nossa formação liberal.

Tudo que lhe foi negado, por circunstâncias de nossa realidade política e que, por isso mesmo, justificou sua pregação e seu sacrifício é agora restituído, por entre o coro da remissão nacional.

Recebe, por isso, as honras de chefe de Estado, cujas funções tantas vezes exerceu, longe dos postos, no exercício de sua magistratura e de sua ascendência na vida nacional e que jamais lhe foi permitido assumir.

Aguardam-no lá fora para se guir-lo até o mar, a mocidade do ginecista e das Academias unidas das forças armadas, delegações enfim.

Os moços, a quem ele jamais recusou a palavra amiga e o conselho sábio; os moços dos quais disse que "entretê-se com eles sobrecedia em gozo a todos os momentos de vão orgulho e multa embriaguez que a tribuna possa ter dado"; os moços, a quem ensinou entre tantas verdades, que só há uma glória verdadeiramente digna desse nome: a de ser bom; e essa não conhece a soberba nem a fatuidade, "pelos quais

veiu a vida inteira, com extremos de pal, pregando-lhes o valor do trabalho como mister para regenerar o homem, transformar os povos, criar os moços"; e sentido do "Ideal, a parte mais grave da realidade humana, tudo que alheia o homem da própria individualidade, o eava, o multiplica, o agiganta por uma contemplação pura, uma resolução heroica ou uma aspiração sublime".

Estará ele de novo com os moços, entre os quais "ainda arde, em toda a sua energia, o centro do calor a que se aquece a essência da alma". Eles se sentirão felizes e orgulhosos acompanhando "o padrinho, o velho, o abençoado carregado nas longas lições do tempo, mestre de humildade, arrependimento e desconfiança, nulo como se proclamava, entre os grandes da inteligência, grande entre os experimentados na fraqueza humana".

O Brasil escolheu a Bahia para esculpido de sua jóia mais rara.

No veludo do seu carinho, em permanecerá o mais puro e belo testemunho do quanto pode o amor, de um ser humano pelas grandes causas da humanidade e como a vida de um deles pode constituir a maior força de exemplo, de inspiração, e de fé para um povo.

Ruy cumpriu a sentença de Goethe: "Devemos somente exprimir pensamentos superiores, que tragam bem ao mundo".

Ele teve esse dom supremo, e através as estradas abertas, pelas claridades do seu generoso coração e sua virtuosa inteligência, que o Brasil procura o seu destino.

Sigam-lo, pois".

DISCURSO DO SENADOR ALOYSIO DE CARVALHO FILHO

— "Senhores,

Neste cortejo que ao longo da Avenida Rio Branco vai confiar à gloriosa Marinha de Guerra os despojos de Ruy Barbosa, para que os entregue, na Bahia de Todos os Santos, à cidade do Salvador, cabe a palavra do Parlamento Brasileiro por uma das suas Câmaras, aquela exatamente no exercício de cujo mandato o excelso cidadão construiu o regime republicano; e dos cimos de cuja tribuna propugnou a seguir, sem cessar, as garantias democráticas.

Há 29 anos essa voz, humilde para com os fracos, ativa, intrepida, quantas vezes arrogante em face dos poderosos, essa voz incomparável parou de soar e o coração de inspirar-lhe as grandes causas e o corpo minucioso em que a eloquência era força imobilizou-se no nada.

Não deveria ter sido assim. Não deveria ser, nem ontem, nem hoje, nem nunca! Mas que importa! o verbo como expressão humana, sem ressonância dos seus clamores, das suas apostrofes, dos seus apelos, vence o próprio silêncio e passa a impregnar da sua essência a atmosfera que respiramos, incluindo-nos o instante do dever cívico, incluindo-nos os caminhos do ideal político, como estas vozes eternas que os povos escutam e entendem nos momentos de perigo, vindas não se sabe de onde.

Élv o que o povo no dia de hoje reclama e impõe ao seu governo e a todos nós — o direito de acompanhá-lo, na glorificação dessa romaria.

É o povo, em nome do qual as Instituições existem e que reflete a própria pátria, que o reclama, a "pátria que não é um sistema nem um monopólio nem uma forma de governo. É o céu, o solo, o povo, a tradição,

a consciência, o lar, o berço, os filhos, e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua, da liberdade".

Ao longe, anossa no alvoreço do encontro tão grato ao seu orgulho maternal, a Bahia, a "fada benfazeja", estende o "regazo" de suas encostas arredondadas e meigas, "a suavidade daquelas colinas, onde a terra se parece fundir com o céu, num sorriso de eterna primavera"; a mãe Bahia, a "almi Bahia, mãe da inteligência, da generosidade e do entusiasmo" com as suas "dozes plagas onde disse ele, "a minha mãe me embalou a primeira vez e meus filhos me velarão talvez o último sono", e onde ele viu "pendurar-se no céu e estremecer para ele o ninho numeroso de eterna poesia, debruçado entre as ondas e os astros"; a terra natal, em que o homem se habituou a ver, por milagre do coração "o prolongamento, a revivescência, a reprodução", e onde, num momento dramático, proclamaria que "se fez o meu coração, a minha alma, a minha cultura tudo aquilo de que se forma o espírito de um homem público e com que ele se prepara para as lutas do seu futuro".

Não é difícil prever a emoção desse encontro: como nos versos de Heredia, o sol, depois de iluminar o dia completa o seu ciclo no seio da terra criadora. A força que o engrandeceu e o elevou retorna a sua origem.

Em vida, ele teve a antevista do que será a apoteose que ill o elevará.

"Vimos", narra numa de suas peregrinações cívicas à Bahia, "vimos" de toda parte afluir ao nosso encontro as populações urbanas ou campestres, vimos-las encher as estações, criar a beira das estradas até os aítios onde não passavam os comboios e, nas cidades ou povoados, juntar-se à multidão em tremendas vagas humanas. Vimos correr ao nosso encontro, não só as turbas, senão também as famílias, as matronas, as moças, em verdadeiras demonstrações femininas e, com elas, a população infantil em comovetíssimas solenidades; numa palavra: não só o comum do povo, mas a sociedade toda, as dignidades sociais, o sacerdotio, os párocos, os magistrados, os homens de letras, os intelectuais de todas as categorias, a mocidade das escolas, os operários, nunca unanimidade inaudita. E tudo isto em lugares onde, até hoje, só as procissões e os fogos de artifício eram capazes de reunir multidões.

"Vimos alternarem-se todos os hábitos consagrados, fechar o comércio, fecharem-se os estabelecimentos industriais, enquanto as Igrejas abriam e al gumas como expressão ainda mais vívida das suas bênções abriavam das portas ao passarem, as imagens de seus padroeiros".

É tal como naquela hora ele não se enganara: de novo se repetirá a cena que ele pdeu assistir em vida: "Onde quer que se anuncia nossa presença, uma corrente elétrica levanta as populações, conlham-se as ruas de multidões, nunca, absolutamente nunca, até então vistas e, nas paragens mais diversas, nas regiões mais alongadas uma das outras, nos centros de evolução social entre si mal opostos, a Bahia inteira da Capital ao Recôncavo, do Recôncavo aos sertões, é uma só gente, um só povo, uma só aglomeração humana, o mesmo instrumento arrebatado pela mesma vibração como se o sópo de um vento do céu varrendo todas essas extensões, estremesse numa emoção única do Estado inteiro".

O centenário de Ruy Barbosa

Com os moços, a quem recomendo "a oração pelos atos, que se empareilha com a oração pelo culto", estudantes a quem recomendo o exemplo das estrelas da manhã, dizendo-se ele próprio "estudante que pouco mais sabia que estudar".

Com os moços em cuja juventude nutriu a sua própria força de viver: "Eu amo a mocidade, na plenitude de sua pureza, como o firmamento na plenitude de seu azul".

Com os moços, que jamais se rezaram:

"Eu tive ao meu lado essa mocidade. Ela não seguiu partidos, nem militava em facções; amava no universo a ciência, no homem a bem, na pátria o direito. Só se inflamava pela verdade, pela liberdade, pela humanidade".

A guarda de honra lhe seria dada por pelotões das forças armadas, de que foi ele patrono em tantas horas de crise nacional, o "pincelista eloquente dos seus austeros deveres e dos seus sublimes desejos, o mais profundo e constante estudioso, dentre os civis, dos assuntos militares".

Ele mesmo as intitulava "guardiãs das instituições contra a desordem e contra a tirania", "baluarte das nossas liberdades organizadas, contra as conspirações que as ameaçavam". "Formam em torno do direito popular a trincheira impenetrável de heroísmo; força unida de estabilidade e de reorganização que resta ao povo, na dissolução e anarquia geral que nos arrastava".

A sua homenagem será prestada ao jovem estudante, que já em 68, por três noites consecutivas, falara em São Paulo aos batalhões que voltavam da guerra. Ao estadista que jamais havendo cessado esse patrocínio, em 1921 era recebido no Club Militar, a convite do Marechal Hermes.

Depois a Marinha o recolherá para a viagem sobre o mar, aquela mesma viagem que tantas vezes ele fez em modestos vapores, animado ou abatido para acudir a Bahia ou apelar para ela, viagem diferente daquela primeira em que se transportou para o Rio a "ver se Deus lhe concedia o direito de ser profeta em algum ponto da terra".

Uniram-no à Marinha vinculos profundos e sinceros. Um dos seus filhos escolheu a carreira naval e seus "brados de atalaia" não cessaram de pugnar pelo seu fortalecimento, pela defesa dos direitos de seus altos ou humildes servidores, seja nos tribunais, seja na pregação.

E nos braços de uma Marinha atenta e nos seus conselhos animada daquele espírito que ele procurou imprimir a todas as grandes instituições brasileiras, que ele chegará à Bahia.

"O mar é uma escola de resistência. As suas margens os invertébrados e os amorfos rodam nas ondas e somem-se no lodo, enquanto os organismos poderosos endurecem as tempestades, levantam-se ertos nas rochas e criam ao ambiente puro das vagas incensas, a medula dos imortais".

"Uma nação que se despreocupasse das suas instituições e dos seus foros, da sua soberania e honra, pode ter, e é de crer que tivesse, bandos em armas: Exército, Armada não se concebe que tivesse".

O ruído que já se percebe nas ruas, anuncia que está à sua espera, o povo, aquele "povo soberano", cujo vulto imenso começou a assomar, em 1909, no horizonte infinito de nosso futuro. "povo de quem foi o "Sincero amigo", "Honro-me" disse, "do não ser senão povo: nasci nele"; povo, a quem sempre se dirigiu com coragem até mesmo das "verdades desagradáveis", pois

santo, — afirmou, — no mais alto grau essa coragem porque tenho no povo, no mais elevado grau, a verdadeira dedicação".

Povo, que o compreendeu sempre, no seu vulto raro e nobre, que o amou, na sua inteireza moral e nos rigores de sua imparcialidade, que o aplaudiu nos combates, nas praças, nas ruas, que soube entender o seu evangelho tão vivamente quanto os eruditos e as elites; povo, em cujo seio ele viveu, sem explorar suas emoções e impulsos e sem trair os seus interesses.

"Reclamai e vos escutarão, exigi e teréis, ordenai e seréis obedecidos, sabei querer e tudo vos cederá".

Esse, cujo esculpto vamos conduzir nos nossos braços para o seu lugar, assim como as nações fortes acompanham no Panteon das suas glórias os seus heróis, esse somente pregou aos homens a verdade, amda que a verdade lhe pudesse custar o exílio, o ostracismo, a cobiça de uns, a incompreensão de muitos. Mas que lhe importava a ele o sofrimento se, acima das contingências da terra, está o dever supremo da verdade, o dever do jornalista, do tribuno, do advogado, do parlamentar, do doutrinador político que tudo isso ele foi e em tudo o maior, senão alguns aspectos parciais, sem dúvida no conjunto dos predicados e, sobretudo na consciência, na dignidade, na bravura.

Lembramos só o campo do abolicionismo, o propagandista da eleição direta, o defensor da liberdade religiosa, o arauto da federação das províncias, o construtor da República, o autor da Constituição de 1891, o evangelista da República nas propagandas políticas, o representante do Brasil em Haia, sustentando, com antecipação de tantos anos, o princípio da igualdade soberana das nações, e, na oração em Buenos Aires, antecipando, também, o princípio da neutralidade armada e vigilante em face do crime da guerra; o revisionista da Constituição, que recusou a candidatura à Presidência por não adiar a revisão tal como no Império havia rejeitado a pasta de ministro pela federação; finalmente o revolucionário de idéias e de princípios, inimigo, contudo, da violência e do arbítrio.

Que mais necessitamos para lhe medirmos a grandeza — uma grandeza, entretanto, imensurável!

Se muitos em vida lhe não fomos fiéis, que sejamos, depois de ele morto, fiéis, dessa fidelidade que ele proclamava como a primeira das virtudes de um Povo, aquela que assegura às nações a sua identidade moral, que forma a sua perpetuidade e estabelece, através das gerações sucessivas, o elo da solidariedade nacional.

Vamos conduzir para o seu lugar a mais preciosa das nossas relíquias — o corpo de Ruy Barbosa, o corpo minúsculo em que brilhou e de que se alteia, como uma bênção dos Céus sobre os nossos destinos, como uma labareda de fogo sobre os nossos dezaertos, a chama mais viva que num peito humano já se acendeu dos ideais mais altos da nossa Pátria.

A consagração nacional do seu centenário é um ato público de fidelidade ao seu pensamento, ao seu sentimento, à sua ação.

Na derradeira das suas campanhas presidenciais, dissera ele que os povos não grandes quando acreditam nos seus destinos, e apelava então: "Não deixem expirar os sons que enchem esta terra bendita". Eis, aqui, não deixemos expirar nunca os sons dessa voz que enche os espaços do Brasil".

(*Journal do Brasil* 4-11-49).

ORAÇÃO DO SR. PEDRO CALMON

"Senhores:

Na pompa desse espetáculo, em que as notas tristes do funeral se transmudam no esplendor da apoteose, palpita, sincero e livre, o coração do povo.

E' ele que está presente à transladação dos sagrados despojos do Mestre; que lhe toma ao ombro herálcio a urna preciosa; que o retira da obscuridade pacífica do cemitério, que o conduz respeitosamente ao sol desta manhã insequível, mostrando-o de novo à cidade fiel, cuja moldura de granito e esmeralda, de tranquilas águas e altos érros, foi tantas vezes o quadro inamovível de sua glorificação; e val confiá-lo à marinha de guerra, para que o entregue a 5 de novembro — quando a pátria celebrará o primeiro centenário do seu nascimento — à terra natal cobiosa do filho amado.

Há, por isso mesmo, na beleza dessas homenagens e sentido prodigioso da resurreição. Um quase-milagre de sobrevivência em que se desglata a algidez da morte, em que se removem as pedras do jazigo, em que se arrebatá a sombra do passado o segredo da vida, em que se rouba ao mistério do nada a divina luz dos espíritos imortais e reencende-se nos altares da nacionalidade o culto do herói, demastadamente poderoso para permanecer no óvido macio dos mortos memoráveis, suficientemente lembrado para voltar, em forma de compromisso, relíquia e símbolo, ao estrondo das ruas, ao amor das multidões, à compreensão do país nos pórticos do Forum na Bahia, erigido sob a invocação do seu nome.

Atent-se na particularidade de vinte e cinco anos terem decorrido sobre os últimos éros de sua palavra; de se haver transformado o mundo depois disto e já irem escasseando nas fileiras devotadas pelo tempo, os veteranos das lutas que sustentou, pelo direito do povo, contra todas as espécies de tirania. Observe-se que morreu numa época perturbada pela transição dos ciclos sociais, a fronte alumada pelo crepusculo de uma civilização que se esvanecia na noite que advinhara, com o mesmo senso profético com que lhe denunciara a renovação ao incandescer-se no horizonte a madrugada das instituições mais razoáveis, da justiça mais humana, da liberdade mais equilibrada, da inteligência mais esclarecida, do trabalho mais protegido, da vida mais útil, da democracia mais digna, virtuosas e verdadeiras. E apesar de tudo, nem a sua voz perdeu a atualidade da lição, nem o seu pensamento se desligou dos problemas nacionais, nem se isolou o seu evangelho político nas antologias da literatura prescrita e arquivada ou a sua moral, o seu conselho e o seu ensinamento deixaram de orientar no Brasil os homens de boa fé, os discípulos que o não traíram, os continuadores que lhe cumpriram ou apregoam o testamento cívico, a sucessão das gerações impregnadas de sua influência. Quer isto significar que era ilusório o seu eclipse, como era aparente a sua morte. Que entre o seu sacerdócio intransigente e a alma, o sangue, a vitalidade, a continuação da pátria, não havia a zona frígida em cujos desertos a impiedade do destino esteriliza, alveja aplina, destrói, consome e aniquila (todas as formas da existência, absorvendo, com matéria que já viveu a miséria, a desvalia, a vaidade e a humilhação das pobres grandes destes mundo. Porém, que não pode o fim das paixões e das coisas

senhar com a perece substância do gênio, corporea e vibrante na obra essia; que não pode a glacial serenidade da morte lutar com ele o assombroso poder do Verbo; que não pode a sua natureza humana consider-se com ele na trégua infindável desse repouso a cuja suportável frieza o foi buscar a posteridade, exatamente para que as suas cinzas veneráveis sejam a base real dos novos tribunais.

Povo do Rio de Janeiro! Nos seus extremos maternos a Bahia não vos pediu os restos mortais de Ruy Barbosa para os sepultar com impoñencia numa festa de vistoso patriotismo. Quiz reavê-los para os elevar à altitude de um monumento na esplendida representação da ara sagrada, posta votivamente entre as colunas helénicas do templo do Direito, na casa em que a justiça dos pretórios se perfuma do humanismo que éle doutrinou, embecendo-se de sua exalta magistratura com do alento heróico de que necessita, para realizar a plenitude do seu ministério. Ali, no aconchego da afeição mais zelosa, estará recolhido nobremente à sombra clássica de um capitulo que só tem de romano ou pagão o estílo dos Césares; porque se erque na colina santificada por quatro séculos de tradição, sobre os velhos estelas da mangedoura onde o Brasil nasceu, na mais religiosa das terras da pátria centro histórico de sua formação e primeira escola das suas letras cívicas, onde as linhas austeras do velho presépio se harmonizam com a dopura da paisagem para comporem a "terna poesia" do "verde ninho murmuroso". Mas não estará distante das forças espirituais que tantas vezes agitou e dirigiu na sua cruzada interminável; nem longe das comoesões públicas em que se renovam e refazem, nos movimentos profundos da opinião, as diretivas da cultura, os rumos do governo, os traços da evolução republicana; ou acentuadas de suas aspirações de progresso, de liberdade, de ordem e de paz cristã. Porque nessa formidável recuperação de sua glória, o que recuperará moralmente a nação é a consciência de que éle existiu, de que éle pregou a seus concidadãos a sã doutrina de que éle, por eles, foi superior ao medo, à iniquidade, à opressão, às variedades espécies do despotismo, à sua própria fragilidade física, como advogado inextinguível das instituições legais, dos regimes sob a sua tutela, da judicatura que lhes tinha a defesa do povo amparado por essa rija garantia, da pátria honrada pelo culto dessa legitimidade.

Bendigamos a Deus, que nolo deu, e permite que, entre tantas transformações, não se haja transformado a alma popular identificada com a sua fé na incorruptibilidade da justiça e no Império da lei. Levantemos as mãos para o céu, que não se extinguiram os écos do seu apostolado. E repetindo os versículos da seu credo de tau-maturo das gerações, saldemos o seu retorno — nas galas desta solene jornada, como a consagração dos tempos novos aos ideais de sua vida. Porque é preciso que não perca a humanidade a confiança na inteligência e na razão. Que não abandone a República o sentimento da equidade e do dever. Que não renunciem as multidões à erença nos indestrutíveis valores do espírito. Que não cesse na terra a veneração do heroísmo cívico. Que se não interrompa na história a paixão das sublimes dedicações. Que não pareça no torvelimho dos acontecimentos a supremacia do talento. Que não desmaie na fúria das tempestades a luz do

gênio, que não é o fogo-fátuo da planície nem o santelmo dos cemitérios senão a claridade solar que varre na amplitude e treva mesquinha e espalha pelos iluminados espaços as fulgurações da aurora.

Brasileiros, com orgulho, respeito e ternura vamos transitar pelos itinerários dos seus antigos triunfos a imagem do excelso tribuno! Enganar-se-ão os que julgarem que apenas é um fêretro que passa: porque é a imortalidade da Palavra que, entre a eloquência e a verdade, entre as solidões do passado e as brumas do futuro, descreve de novo a parábola da catequese. Desliam pelo roteiro dessa viagem póstuma, os reflexos persistentes da sua oração, as ressonâncias cristalinas do seu pensamento, a maviosa arte de seu discurso, impeto irresistível de suas convicções a pureza literária da sua prosa a impecável sabedoria do seu ensino, na majestade soberana da sua linguagem. Não é o orador sumido no silêncio final: é Ruy Barbosa — orador cantante no despertar do dia maior, como se adejassem sobre o seu esculpto as abelhas de ouro da primavera dos povos, todos os clamores da hora presente, todas as bênções do reconhecimento nacional, todas quantes notas da polifonia vernácula, todos os écos desse pátrio idioma que com éle viverá os séculos dos séculos!"

ORAÇÃO DO PREFEITO ANGELO MENDES DE MORAIS

"A cidade do Rio de Janeiro, mais uma vez, ornamenta-se para prestar uma homenagem a Ruy Barbosa. Agora porém, neste século de glória de Ruy, pela segunda vez, engalana-se, em ato de profundo pesar e de dor — a primeira, quando em 1923 recebeu desolada a notícia da irreparável perda que o Brasil viera de sofrer ao tombar a "aguia de Haia"; a segunda, hoje, depois de guardá-lo durante vinte e seis anos, em terra cariosa, o vê apartar-se rumo a Bahia, sua terra natal, berço também do Brasil.

E' portanto, imbuída de sentimento semelhante ao de 1923 que a população do Distrito Federal assiste, compungida, a partida do corpo de Ruy para a sua nova e definitiva morada. E' justo que se reparta, também, a Bahia, a suprema honra de guardar em seu seio os restos mortais daquele que constituiu e hoje ainda o é, na imortalidade, o símbolo nacional da cultura, da Oratória, do Direito e da Justiça, porquanto, neste terreno, brasileiro algum o superou e nem illustrou tanto com os seus trabalhos as bibliotecas dos eruditos, dos juristas e dos parlamentares como Ruy Barbosa — essa figura impressionante pelo extraordinário vigor de seu talento pela assombroso saber, pela magia sobrenatural de seu espírito, pelo inquebrantável patriotismo e pela intrepidez e audácia com que se batia pelas liberdades individuais e pela democracia. Parece-me, ainda como velho carioso que sou, vê-lo de sobressaca, caminho do "Journal do Comércio", em cuja sacada fria, falava ao público, pequenino, franzino equilibrado no corpo frágil; aquela cabeça, que a todos nós parecia materialmente muito maior do que realmente o era, tal a imaginação de sua grandeza...

Julgaram assim os cariocas que a Capital da República, o retro da Pátria, pudesse guardar para sempre, em sua terra, tão grande preciosidade nacional — o cérebro mais privilegiado de todas as gerações que o Brasil produziu: e, se não

A VIDA DOS LIVROS

Livros recebidos

Bandeira Manoel — *Literatura Hispano-Americana* — Irmãos Pongetti, Editores — Rio de Janeiro, 1949 — 223 páginas

Bandeira, Manuel — *Antologia dos Poetas Brasileiros da fase romântica* —

Revisão crítica, em consulta com o autor, por Aurélio Buarque de Hollanda — 3.ª edição — Ministério da Educação e Saúde — Instituto Nacional do Livro — Biblioteca Popular Brasileira, XXVII — Departamento de Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1949 — 380 páginas.

Bandeira, Manuel — *Oração de Paraty* — proferida em 1945 na cerimônia de colação de grau dos bacharéis da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil — Pongetti — Rio, 1946 — 11 páginas.

Barbosa Lima Sobrinho, Alexandre José — *Mensagem apresentada pelo Excmo. Sr. Governador... à Assembléa Legislativa do Estado de Pernambuco* — em 15 de março de 1949 — Imprensa Oficial 1949 — 225 páginas.

Barbosa, Rui — *Obras Completas vol. XVI 1889 — Tomo VII — Queda do Império — Diário de Notícias* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 340 páginas.

Barbosa, Rui — *Obras Completas vol. XVI 1889 — Tomo VIII — Queda do Império — Diário de Notícias* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1949 — 262 páginas.

Benedetti, Lúcia — *Noturno sem Leto* — Romance — Capa de Luís Jardim — Livra-

ria José Olímpio Editora — 1948 — 203 páginas.

Berger, Leopoldo — *Manual Prático do Encadernador* — 2.ª edição revista e aumentada pelo autor. — Prefácio do Dr. Rodrigo Otávio, da Academia Brasileira de Letras — Apêndice: Conselhos aos bibliófilos — Um esboço sobre a história da encadernação — Vocabulário de termos técnicos — Ilustrações — Bibliografia — Referências. — Livraria Agir Editora 1946 — 135 páginas.

Berlinck, E. L. — *Fatores Adversos na Formação Brasileira* — Explicação dos males atuais — São Paulo, 1948 — 308 páginas.

Besouchet, Lúcia — *Rio Branco e as relações entre o Brasil e a República Argentina* — Comissão Preparatória do Centenário do Barão do Rio Branco — IV, Monografias — Ministério das Relações Exteriores. — Imprensa Nacional, 1949 — 84 páginas.

Bianco, Luís Carrero — *Por que?* — Crônica por Dom Luís Carrero Bianco, publicado em a Revista "Mundo Hispanico" — Rio de Janeiro, 1948 — 11 páginas.

Boletim do IBECC — Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Publicações — Ano II — Novembro de 1948 — n.º 2 — Imprensa Nacional — 191 páginas.

Borges, João Carlos Cavalcanti — *Padrão G* — contos — Capa de Lúcia — Rio de Janeiro — Livraria Agir Editora 1946 — 134 páginas.

Brasil Açucareiro — Órgão Oficial do Instituto do Açúcar e do Alcool — ano XVII — vol. XXXIII — fevereiro 1949 — n.º 2.

Brasil Açucareiro — Órgão Oficial do Instituto do Açúcar e do Alcool — Ano XVII — vol. XXXIII — Março, 1949 — n.º 3.

Brasil Açucareiro — Órgão Oficial do Instituto do Açúcar e do Alcool — Ano XVII, volume XXXIII — Abril — 1949, n.º 4.

Brasil Açucareiro — Órgão Oficial do Instituto do Açúcar e do Alcool Ano XVII, volume XXXIII — Maio — 1949, n.º 5.

Barbosa, Rui — *Oração aos moços* — Prefácio e notas explicativas do Sr. Carlos Henrique da Rocha Lima — In-16 de 206 p.p., com 12 fotografias. — Edição nacional promovida pela Comissão Organizadora do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula, em comemoração do Centenário de Ruy Barbosa — Casa de Ruy Barbosa — Rio de Janeiro 1949

Brasil, Batista — *Música Interior* (1906-1912) — Movimento editorial Panorama — Belo Horizonte — Minas Gerais — 1949 — 118 páginas.

Castelo, José Aderaldo — *Biografia Literária de Araripe Júnior* — O homem e a época — In-16, de 22 p.p. — Separata da "Revista do Instituto do Ceará" — Editora "Instituto do Ceará" Limitada — Fortaleza — 1949.

Calmon, Pedro — *da Academia Brasileira — História da Literatura Brasileira* — 2.ª edição — Coleção Documentos Brasileiros dirigida por Otávio Tar-

quinio de Sousa, n.º 62 — Livraria José Olímpio Editora 1949 — 251 páginas.

Cardim, Emanoel — *No Minha Seara* — Rio de Janeiro 1949 — 274 páginas.

Chaves, Hélio — *do P. E. N. Clube — Mosaicos* — acontos — Irmãos Pongetti Editores, 1949 — 47 páginas.

CLA — 8-8 — Maio-Junho de 1949 — 71 páginas.

Cordeiro, Maria Luiza — *Quando morre o outono* — romance — Editora Globo, 1949 — 264 páginas.

Costa, de Araújo — *Páginas Arduas (Crônicas)* — Mucatió — Alagoas, 1949 — 215 páginas.

Couto, Aníbal de Melo — *Jardim das Confidências* — Peça em 3 atos — Of. Gráf. "Homero" — Barra do Piraí 1948 — 34 páginas.

Cronos — Revista Bimestral de Cultura — Ano I, Maio-Junho de 1949 — n.º 4.

(Continua na pág. 173)

O centenário de Ruy Barbosa

fosse o sacrilégio traduzindo, talvez, o desejo de todos os cartucéis, eu diria, neste momento: levem o corpo de Ruy mas deixem aqui, não o seu coração, mas sim, esse cérebro único, a fim de ser colocado em escrinio precioso, como um sol, como a luz da ciência e do saber, sob a cúpula do Senado Federal, em cuja tribuna desde a Constituição Republicana de 1891, deu ele as maiores e as mais belas lições de direito e onde produziu os seus mais admiráveis discursos.

A cidade do Rio de Janeiro, teria, assim, o direito de reivindicar a posse de Ruy Barbosa porque aqui viveu ele as fases mais gloriosas e mais prolongadas de sua vida: estreou em 1873, na tribuna do foro carioca, como advogado; iniciou, em 1873, em memorável conferência, a campanha abolicionista tornando-se, ao lado de Nabuco e de Patrocínio, uma de suas principais figuras, afirmando este, que Deus acendera um vulcão na cabeça de Ruy; foi, também, aqui que recusara, por convicções políticas e ideais republicanas, fazer parte, com 39 anos, do Ministério de Ouro Preto, permanecendo nas colunas do "Diário de Notícias" onde produziu uma das mais notáveis campanhas jornalísticas de que se tem memória, pugnando pela implantação da República, então proclamada, seis dias depois de seu celebre artigo "Plano contra a Pátria que, no dizer de Benjamin Constant, provocara a queda da Monarquia. Foi aqui, a seguir o ministro dileto de Deodoro.

A cidade o estimulou sempre com os seus aplausos e o mais vivo interesse, em todos os aspectos mais empolgantes de sua vida ímpar — assistiu à memorável campanha civilista para em 1921 dois anos antes de sua morte testemunhar o seu gesto magnífico, no Clube Militar, harmonizando-se com o marechal Hermes, seu adversário na luta eleitoral pela presidência; assistiu, eletrizado, a população carioca a inextinguível e destemida defesa de todos aqueles que se julgaram injustiçados e recorriam ao seu amparo decisivo. Via, segura do êxito, a sua partida para Haia, onde proclamou, com inextinguível coragem, a igualdade de todas as nações, e elevava a cada oração sua, o nome do Brasil, até então desconhecido nos meios culturais europeus, tornando assim a nossa pátria respeitada e integrada no Conselho das Nações civilizadas, no mesmo pé de igualdade dos maiores do mundo. Soube, então, a cidade prestar-lhe a maior consagração po-

pular que até então prestara a qualquer homem público, exceto, somente, pelas galas com que o recebeu de volta de Buenos Aires e de seu jubileu cívico. Ali pregou, com brilhantismo, o novo conceito de seu trabalho ativo afirmando:

"Desde que a violência pisou nos pés arrogantemente o código escrito, cruzar os braços é servi-la. Os tribunais, a opção pública, e a consciência não são neutras entre a lei e o crime".

Deutrina, essa, que mais tarde vem orientar a política norte-americana, no sentido de intervir contra as potências totalitárias, levando-as à derrota. Depois, tributou-lhe o povo desta capital uma extraordinária consagração que durou uma semana a fio: a de seu jubileu cívico em 1918, levando-o do Monroe ao antigo Teatro São Pedro, em seus braços, como um legítimo ídolo, em manifestação ali que o próprio Ruy classificou, ali mesmo, de "espetáculo divino" e exclamou:

"Toda a minha vida vacilada, em comparação deste único momento, onde se medepara a beat aventura de vos poder trazer, como síntese extrema de quase quatorze lustros de experiência do homem e das coisas, este inabalável testemunho de que só em Deus reside a nascente de toda a glória e de toda a força de todo o bem e de toda a beleza, de toda a verdade e de toda a ciência, e toda a justiça e de toda a grandeza".

Era, em verdade, um fato inédito na Capital da República, irmanados, governo e povo glorificaram Ruy Barbosa e o construíram ao pórtico da imortalidade. Aquel, portanto, assistiu Ruy a sua própria glorificação. Caxias o estadista do Império, também não nasceu no Rio, e, no entanto, os restos mortais do incólito marechal repousam hoje no Panteon; Napoleão nasceu na Córsega e o seu corpo está em Paris; San Martín não nasceu em Buenos Aires e nem Bolívar em Caracas e nem Lincoln em Washington. Nada, portanto, mais justo do que termos também, na Capital os restos mortais do "estadista da República".

Parte Ruy; e, definitivamente. Val a matéria, mas o seu espírito permanecerá, não somente no Rio, mas em todos os recantos do Brasil e no coração de todos os brasileiros. Em sua terra natal — berço da nacionalidade — estará o seu corpo; mas Ruy estará sempre aqui, no eco daquelas palavras que cantaram em

(Continua na pág. 175)

GALERIA SOTERO COSME



N.º 1 — Retrato de mulher

SOTERO COSME

Sotero Cosme é um dos mais brilhantes espíritos do Brasil atual. Diplomata, habitado à vida de Paris e de Nova York, ele tem um espírito de profunda e encantadora seiva artística. Ainda há pouco, realizou nas salas do Ministério da Educação uma exposição de seus quadros. E nessa bela e opulenta amostra, que abrange toda uma existência de inquietude e inextinguível pesquisa, podíamos bem apreciar o quanto existe de finura, de poesia, de valor pictorial e motivo, nas criações do pintor Sotero Cosme.

E, pois, com desvanecimento que anunciamos que a partir do número de hoje, vamos dar aos leitores a Galeria de Sotero Cosme a exemplo do que já fizemos com Alberto Guignard, outro ilustre artista, glória do Brasil dos nossos dias.

O falecimento de Rodolfo Garcia

A inteligência brasileira sofreu no dia 14 do corrente, um rude golpe, com o falecimento de Rodolfo Garcia. Era um homem de incomparável mérito, e que tinha o segredo de envolver o seu talento peregrino, os seus conhecimentos profundos e rústicos, no véu encantador de uma modestia extrema.

Erudito e honesto, sabendo bem tudo aquilo de que tratava, e só tratando daquilo que muito bem sabia, o morto pertencia a uma aristocracia rara, digna de todo o apreço e de toda a veneration. Seus irmãos espirituais e seus mestres ditos, chamavam-se Varnhagen e Oliveira Lima, Alfredo de Carvalho e Capistrano de Abreu. Sobre tudo com Capistrano de Abreu teve ele laços de aproximação íntima e profunda. Foram ambos apaixonados da história, e conheceram a fundo tudo o que se referia ao nosso período colonial. Foram ambos desencantados dos resultados das obras de criação segurdas e continuadas e dispersaram seu espirito em trabalhos fragmentários, as mais das vezes em simples notas elucidativas apostas a obras alheias. Foram ainda, os dois, entusiastas dos assuntos da etnografia, da linguística brasileira, e enquanto Capistrano se esforçou no sentido de reconstituir a gramática e o vocabulário de tribos indígenas, Rodolfo Garcia deu uma de suas melhores contribuições no levantar os largos tesouros dos brasileiros.

Acrescente-se que havia entre eles uma grande diferença: Capistrano era uma alma alegre que amava as rubezas da verdade sem subterfúgios, enquanto que Rodolfo Garcia era um coração feito de todas as amenidades, um puro favo de cordura e gentileza.

Afetivo e suave, acolhedor para todos — assim mostrou-se ele em todos os momentos da sua existência. Era assim na Academia Brasileira de Letras, onde, pelas suas qualidades de mansuetude, de discreção, de afabilidade, se fez amado de todos os companheiros. Era assim na Biblioteca Nacional, ao tempo em que a dirigia. Ali, na mais importante casa dos livros brasileiros, teve Rodolfo Garcia uma pequena mas expressiva Academia (como a si mesmo se batizava o grupo que com ele toda a tarde se reunia). Desse grupo faziam parte Afrânio Peixoto, Rodrigo Otávio e Tasso Fragoso, Rocha Pombo e Primitivo Mearim, Eugênio de Castro e Roberto Simonsen, tantos e tantos escritores eminentes, muitos dos quais se partiram antes daquele que, com tanto carinho, em o presidente nato daqueles encantadoras tertúlias.

Vivendo toda uma longa vida de mais de 76 anos unicamente dedicada aos seus trabalhos de erudito, de pesquisador, de historiografo, Rodolfo Garcia legou ao seu País um nome e maravilhoso exemplo.

Sua lição ficará e será para todo o sempre apontada, pois, é simbolizará, de ora por diante, a bela e generosa família dos espíritos desinteressados — todos aqueles que, desprezidos dos bens materiais, souberam construir a sua vida no sentido da valorização do espirito, do enriquecimento permanente do coração e da alma.

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Rodolfo Augusto de Amorim Garcia nasceu no Ceará Mirim, Rio Grande do Norte, em 25 de maio de 1873. Era filho do Dr. Augusto Carlos de Amorim Garcia e de D. Maria Augusta de Amorim Garcia. Estudou nas Escolas Militares do Ceará e do Rio de Janeiro, indo depois cursar a Faculdade

de Direito do Recife. Formou-se ali em 1898, tendo exercido, de 1893 a 1912, o jornalismo e o professorado daquela cidade.

Transferindo sua residência para o Rio de Janeiro, trabalhou lucidamente nos ramos dos conhecimentos históricos e bibliográficos.

Foi funcionário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; foi um dos técnicos que compuseram a Comissão do dicionário da Academia Brasileira de Letras, em 1927, comissão essa que, inicialmente, teve como presidente Carlos de Laet, e como um dos seus membros João Ribeiro; diretor do Museu Histórico Nacional (1930 a 1932). Nesse último ano, foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional, cargo em que se aposentou em 1946. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; aos Institutos Arqueológicos ou Históricos de Pernambuco, Ceará e Alagoas; à Sociedade Capistrano de Abreu; à Academia Portuguesa de História; ao Instituto Histórico do Uruguai; à Comissão Permanente do Livro do Mérito. Desde 1934 fez parte da Academia Brasileira de Letras, tendo sido o sucessor de Rocha Pombo.

Foi colaborador de *Autores e Livros*, tendo ali publicado, sob o pseudônimo de *Filobiblion*, uma série de interessantes artigos — *Achaços*.

A OBRA DE RODOLFO GARCIA

O eminente acadêmico deixou a seguinte obra:

- 1 — *Dicionário de Brasilismos* (Peculiaridades pernambucanas). — Rio de Janeiro, 1915.
- 2 — *Nomes de cueva em língua tupi*, 2ª edição, Rio, 1929 (Separata do *Boletim do Museu Nacional*, vol. V n.º 3).
- 3 — *O Rio de Janeiro em 1823, conforme a descrição de Otto Kotschue*, in revista do Instituto Histórico, tomo LXXX (1916).
- 4 — *O diário do Padre Samuel Fritz*, *ibidem*, tomo LXXXI.
- 5 — *Petição do Simão Estácio da Silveira* (Ms. do Museu Britânico). Introdução, *ibidem*, tomo LXXXIII.
- 6 — *A capitania de Pernambuco no governo de José César de Menezes (1774-1781)* *ibidem*, tomo LXXXIV.
- 7 — *O estabelecimento de Marzagão do Grão-Pará* (Ms. do Arquivo Público do Pará) Introdução, *ibidem*, tomo LXXXIV.
- 8 — *Bibliografia Geográfica Brasileira*, *ibidem*, tomo LXXXV.
- 9 — *Três mapas quincentistas* (Notícia bibliográfica) *ibidem*, tomo LXXXVII.
- 10 — *Nomes geográficos peculiares ao Brasil*, in *Revista de Língua Portuguesa*, vol. III.
- 11 — *Etnografia indígena*, capítulo X da *Introdução Geral do Dicionário do Instituto Histórico*.
- 12 — *História das explorações científicas*, cap. XXV da mesma publicação, 2ª ed., da Companhia Melhoramentos de S. Paulo.
- 13 — *Glossário das palavras e frases da língua tupi, contidas na História de la Mission des Peres Capucins en l'île de Maragnan*, par le R. P. Claude d'Abbeville, Paris, 1822. Ed. de 100 exemplares, 2ª ed., Rio 1926. (Premiado pela Academia Brasileira).
- 14 — *Ensaio bio-bibliográfico sobre Francisco Adolfo de Varnhagen Visconde de Porto Seguro* — Publ. no *Jornal do Brasil* de 29 de julho de 1928, 80.º aniversário de seu falecimento,

e reproduzido em apenso ao tomo 2.º da *História Geral do Brasil*, 3.ª ed.

15 — *Tratados da terra e da gente do Brasil*, do Padre Fernando Cardim. Introdução e notas Rio, 1927.

16 — *Cartas do Brasil*, do Padre Manuel da Nóbrega. Notas. Publicação da Academia Brasileira, Rio 1929.

17 — *Diálogos das grandezas do Brasil* — Notas. Publicação da Academia Brasileira, Rio, 1930.

18 — *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador — 3.ª ed. revista por Capistrano de Abreu e R. G., S. Paulo, sem data.

19 — *Primeira visita do Santo Officio às partes do Brasil*. Denunciações de Pernambuco (1593-96). Introdução e notas, Rio-S. Paulo 1920.

20 — *História Geral do Brasil*, do Visconde de Fôrto Seguro, 3.ª ed. Notas e comentários, cinco vols. Companhia Melhoramentos S. Paulo, sem data.

21 — *P. A. de Varnhagen — Florilegio da Poesia Brasileira ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles*. Tudo precedido de um Ensaio sobre as letras no Brasil — 3 tomos, 2ª ed. — Publicação da Academia Brasileira de Letras, coleção Afrânio Peixoto — Rio — 1946. — Notas de Rodolfo Garcia.

22 — *As Orfãs* — monografia

23 — *Alexandre Rodrigues Ferreira*. *idem*.

24 — *Majoridade de D. Pedro II* — *idem*.

25 — *Nomes Geográficos peculiares ao Brasil*. — Revista de Língua Portuguesa, n.º 3 (Janeiro de 1924).

26 — *Discurso de parâmetro de Capistrano de Abreu* — Brasil Açucareiro, vol. XIX.

Contam-se mais os seguintes trabalhos seus:

"Os Judeus no Brasil colonial" in *Os judeus na História do Brasil*, Rio, 1936.

"História do Colégio da Capitania de Pernambuco" (notas) in *Anais da Biblioteca Nacional* volume XLIX.

"O Santo Officio da Bahia em 1618" (introdução), *ibidem*.

"Documentos sobre o Tratado de 1750", introdução e notas, *ibidem*, vols. LII e LIII.

"Cartas familiares de Luis Joaquin dos Santos Marrocos" introdução e notas, *ibidem*, vol. LVI.

"Maria Graham no Brasil", introdução e notas, *ibidem*, vol. LX.

"Narrativa de viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833-1835)" introdução e notas, *ibidem*, vol. LXII, 1942.

"História da República Jesuitica do Paraguai", pelo Cônego João Pedro Gay, 2ª edição. Notícia bio-bibliográfica e notas, 1942. "Catecismo da Doutrina Cristã na Língua Brasileira da Nação Kiriri", do Padre Luis Vincêncio Mamiani (Edição fac-similar), introdução, 1942.

"Exotismos franceses originários da língua tupi", Rio, 1943.

TRABALHOS INTERROMPIDOS

Trabalhador infatigável, Rodolfo Garcia não comoreceu, até pode-se dizer, seu último momento. Deixa pronta para os prelos a nova edição da "História do Brasil" de Varnhagen, e em adiantado estado a edição que vinha preparando, da "História do Brasil, de R. Southey.

A "CAUSA-MORTIS"

Rodolfo Garcia incumbiu a um colapso cardíaco que o surpreendeu às 8 horas do dia 14. Vinha doente havia mais de um ano. Operara-se, inicialmente, de uma catarata e dessa operação convaleceu ainda quando lhe sobreviu um enfarto do coração. Desde então sua saúde não deixou de inspirar cuidados, até que ocorreu o desenlace.

A CASA EM QUE SE DEU O ÓBITO

Verificou-se o óbito de Rodolfo Garcia na rua República do Peru n.º 368, em Copacabana.

A FAMÍLIA DE RODOLFO GARCIA

O saudoso escritor deixa viúva D. Ester de Oliveira de Amorim Garcia e quatro filhos, o Dr. Fernando Garcia, advogado, o Dr. Marcelo Garcia, médico e as Sras. Maria Madalena Garcia Dias, casada com o Sr. Antônio Caetano Dias, a Srta. Beatriz de Amorim Garcia. Deixa também tres netos.

RODOLFO GARCIA NA ACADEMIA

Rodolfo Garcia pertencia à Academia Brasileira de Letras desde 1934. Ocupava ali a cadeira n.º 39, que tem como patrono Francisco Adolfo de Varnhagen e que foi criada por Oliveira Lima. A Oliveira Lima, sucedera Alberto de Faria e a este Rocha Pombo, que não chegou a tomar posse de seu faustel. Na Academia era ele um dos mais esforçados trabalhadores, já na Comissão de Publicações, de que sempre fizera parte, já na Biblioteca, da qual era diretor.

AÇUCAR DIAMANTE

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de Melhoramentos em Pernambuco

ESCRITORIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257

RECIFE

INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO
PERNAMBUCO

O falecimento de Rodolfo Garcia

AS HOMENAGENS DA ACADEMIA

Logo que teve notícia do falecimento de Rodolfo Garcia, o Dr. Peregrino Júnior, secretário geral da Instituição, no exercício da presidência, em virtude da ausência do presidente Gustavo Barroso, prestou ao morto todas as homenagens que lhe eram devidas pela Casa de Machado de Assis. Assim determinou o enterro de Rodolfo Garcia fosse feito a expensas da Academia e fez remover o corpo para a sede da Instituição. Ali ficou o corpo de Rodolfo Garcia em câmara ardente, velado pelas pessoas de sua família, pelos seus amigos, pelos seus colegas acadêmicos.

Foi organizada a seguinte tabela de acadêmicos para o velório: das 14 às 16 horas — Atilio de Paiva e Antônio Amargalho; das 16 às 18: Viriato Corrêa e Luis Edmundo; das 18 às 20 horas — Peregrino Júnior e Rodrigo Otávio Filho; das 20 às 22 — Anibal Freire e Adelmar Tavares; das 22 às 24 — A. Carneiro Leão e Alceu Amoroso Lima; das 24 às 2 — Múcio Leão e Celso Vieira; das 2 às 4 — Clementina Fraza e João Neves da Fontoura; das 4 às 6 — José Carlos de Macedo Soares e Olegário Mariano; das 6 às 8 — Manuel Bandeira e Pedro Calmon.

O ENTERRO

O enterro de Rodolfo Garcia foi efetuado no dia 15, às 9 horas, no cemitério de São João Batista, saindo o corpo da sede da Academia.

O "ADEUS" DA ACADEMIA

Por ocasião da saída do corpo da sede da Academia, pronunciou o "adeus" da Instituição o Sr. Peregrino Júnior, presidente em exercício da Casa de Machado de Assis.

Em essa oração:

"A partida de Rodolfo Garcia para a grande viagem sem retorno, não nos priva apenas da convivência de um incomparável companheiro: priva-nos, em verdade, da companhia de um mestre e de um amigo.

Na solidão e no silêncio, que dá, como notava o velho Machado, azas robustas para os surtos do espírito, ele viveu toda a sua vida e realizou toda a sua obra.

Discreto e manso, o seu convívio era suave e repousante, sem ser jamais impessoal, monótono ou triste.

Rodolfo Garcia possuía aquele divino horror à vulgaridade, ao lugar comum e à declamação que foi notado em Eduardo Prado. E ao lado dessas belas virtudes de lucidez, equilíbrio e discrição, era singularmente dotado de um raro *humour*, o que lhe marcava do sutil malícia a deliciosa fala de erudito e sabedor.

Numa dóce modestia natural, a vida recolhida e calada correu-lhe, entre os livros e os amigos. E entre os amigos e os livros, no labor paciente da pesquisa histórica e linguística, como no comércio intelectual de quantos o procuravam, ele esteve sempre, invariavelmente, a serviço das letras e do Brasil. Garcia foi, acima de tudo, um extraordinário modelo de fidelidade. Soube ser até o fim fiel a si mesmo, guardando rigorosa fidelidade aos seus próprios ideais. A fidelidade marcou-lhe, como ritmo inalterável, todos os compassos da vida: fiel que sempre foi à família, aos amigos, à cultura e à Pátria. Isso explica a comovedor constância com que ele amou tudo que amou: Varnhagen, Capistrano, Afrânio, a Biblioteca Nacional, a Academia, a História.

Rodolfo Garcia de resto amava a História porque sabia que esta, melhor que as leis e os homens, nos restitue todos os

dias e a imagem pura da Pátria, que é a imagem do Passado, a contemplação do Passado, trazendo até nós o exemplo dos nossos maiores enche-nos a alma de resistências salutaríssimas, ajudando-nos a perdoar os erros do Presente e a antever, na distância, de olhos confiantes e tranquilos, os horlantes felizes do Futuro.

A grande lição da vida e da obra de Rodolfo Garcia, foi o culto da terra e da gente do Brasil.

Pesquisando e interpretando os segredos de nossa formação, ele conheceu fundamente as nossas raízes históricas, e pôde tratar, ver e mostrar o Brasil tal e qual ele fora no Passado, tal e qual ele é fora no Presente, havia de ser no futuro. E armado das lentes penetrantes dessa austera sabedoria, Rodolfo Garcia — para citar uma frase cara a Oliveira Lima — nos ensinou o Brasil. Ensinou-o na sua História e nas suas tradições, na sua fala primitiva e na evolução de sua cultura, o que equivalia a mostrar-lhe em toda a grandeza de seu resolutivo esforço, que foi a preservação da descoberta, a defesa da conquista, a penetração e o domínio da terra, a construção paciente e atrevida da civilização, o milagre da unidade e da definição, em suma, de uma consciência nacional.

Tudo isso se vê, se sente e se aprende na sua obra — nessa obra ilustre, realizada com mão a um tempo tão esguiva e tão discreta, mas tão segura, tão generosa e tão clara nas suas intenções e em suas consequências.

De suave convívio deste admirável companheiro de quem hoje nos despedimos, guardaremos, para edificação de nosso espírito, a lembrança de três exemplos inesquecíveis; o exemplo da bondade, o exemplo da modestia e o exemplo da sabedoria.

Foi Rodolfo Garcia, com efeito, na serena cordialidade da

convivência acadêmica, um modelo acabado e preclaro de bondade, modestia e sabedoria, o que tornou tão dóce e estimado o seu comércio público e privado. Todos aqueles que o frequentaram com assiduidade, quer na chamada "academia" Rodolfo Garcia que era o seu gabinete da Biblioteca Nacional, quer nestas salas serenas e calmas da Casa de Machado de Assis, se há de recordar oriamente da sua atitude discreta e grave, da sua doçura tocada de ironia complacente, desses dons angulares que lhe conformavam o austero perfil de intelectual e homem de bem — senhor de nobres virtudes e fines dons. Mas a modestia e a bondade — Deus louvado! — não diluiram nem apagaram não o brilho solar da sabedoria, porque Rodolfo Garcia, embora procurando omitir-se, arreio e recolhido, sabia tão profundamente tudo o que sabia, que não conseguia esconder jamais o grande sabedor de tantas coisas que morava atrás daquela bondade e daquela modestia.

Ao vê-lo partir da casa que ele tanto amou e serviu, venho trazer-lhe o adeus da Academia, depondo-lhe sobre a memória ilustre uma saudade, que é a derradeira homenagem, comovida e sincera, dos seus companheiros, que todos foram seus discípulos e seus amigos."

NO CEMITÉRIO

No cemitério de S. João Batista, na ocasião em que o esquife ia descer ao túmulo falaram os Srs. José Montelo, diretor da Biblioteca Nacional e Pedro Calmon, reitor da Universidade do Brasil. Deste último orador, que expressou os sentimentos do Instituto Histórico, não nos é possível dar aqui a removiada oração, pois esta foi improvisada. O discurso do Sr. José Montelo é o seguinte:

"Senhores: A Biblioteca Nacional rende a Rodolfo Garcia a última homenagem diante de seu corpo. Ontem, reunida na totalidade de seus funcionários — do mais graduado ao mais humilde — minha repartição acompanhou, ao chegar à Academia Brasileira o esquife que vamos entregar à terra, para que se cumpra desígnios de Deus. Na fachada da Casa que ele honra com a dignidade de sua vida e polimorfismo de sua cultura, há, neste instante, uma bandeira da Pátria em funeral. Com este homem desapareceu o derradeiro discípulo de Capistrano de Abreu — discípulo a quem o Mestre queria, e nós ratificamos, como a mais bela de suas obras.

"Queréis saber o que é uma alma?" indagava Santo Agostinho, para responder: "olhai para um corpo sem alma". Rodolfo Garcia foi bem o erudito, de tipo europeu, na sua vocação de escolista dos textos fundamentais da História do Brasil.

Podendo fazer obra de criação — a que o destacavam os primeiros exercícios de sua inteligência — preferiu às notas e as ratificações que, colocadas à base das páginas têm o valor daqueles pedestais maciços, felizes para a eternidade, e sobre os quais a veneração humana ergue a estátua de seus heróis.

Cristo advertiu-nos, em uma de suas parábolas, que há um prêmio certo aos humildes de vocação. Rodolfo Garcia serve de exemplo a parábolas dos Evangelhos. De nada adiantou o cuidado com que, em meio século de operosidade, tentou esconder na dissimulação dos textos do tipo miúdo as referências de sua cultura. O escritor brilhava, virtuosamente luzindo na língua escurrita que lhe saltava da pena. Bastava erguê-la do papel, como a de S. Francisco de Sales, na observação de Sainte Beuve, para que o período estivesse perfeito,

em todas as galas da vernaculidade.

Embora dissimulado, o saber de Rodolfo Garcia fora marcado com a vocação dos astrôs — era um perito de luz na escuridão.

Por isso foi visto e por isso também glorificado.

Mas o homem, em toda a sua grandeza, era mais de seus amigos do que de seus livros. O rio opulento dava água às represas, que eram os limites de suas anotações eruditas — mas só se experimentava a força da caudal colando a linha no recesso de sua fonte.

Quem quer que se aproxime de Rodolfo Garcia era colhido como o viajor na montanha do pobre apenas com a diferença de que o hospedeiro tinha tesouros para dar.

Em volta da sua pessoa, durante treze anos de direção da Biblioteca Nacional, reuniu-se uma assembléia de homens superiores, como Afonso Taunay, Afrânio Peixoto, Alberto Rangel, Tasso Fragoso, Afonso Pena Júnior, Rodrigo Otávio Filho, Peregrino Júnior, Embaixador Macedo Soares, Sousa Duca, Múcio Leão, Viriato Corrêa, Otávio Tarquínio de Sousa, Aurélio Porto, Levi Carneiro, Padre Serafim Leite, Brax do Amaral, Pedro Calmon, Leonídio Ribeiro, Luis Edmundo, Eugênio de Castro, J. B. Magalhães, Miguel Odório de Almeida, Ministro Gomes Carneiro, Luis Viana Filho, — e eram eles que mais sentiam, na opulência de suas riquezas, o espírito que Deus ontem arrebatou. Com a sua ausência, evidenciavam-se todas as dimensões de sua presença, que agora se acolhe na nossa saudade, para viver e para brilhar, com aquela mesma discrição com que ele, na sua humildade, pensando que escondia a luz na pequenez das pedras, trabalhou o diamante de cintilação imortal.

Meu Mestre. Duas homenagens recebeste da Biblioteca Nacional — e ambas pela minha palavra. Deus escreve direito nas suas linhas tortas: por isso o menos hábil, para que à vontade fosse nas circunstâncias que fosse escolhido para falar. E esta a segunda homenagem que eu te rendo em nome da tua Casa. Quando a idade e a frieza dos homens dela te afastaram, eu te assegurei, em voz bem alta, que tu continuarias na Biblioteca Nacional enquanto me coubesse, na Casa de Ramis Galvão, uma parcela de mando.

Tua mesa de trabalho não saiu jamais da Casa que se glorificou com teu nome: ficaste a um lado, na sala que a rebedia de meu temperamento oculto traçar e manter para ti — com teus livros, teus papéis e teus amigos. Não houve, assim, por incuria dos homens, solução de continuidade nos círculos afetivos e culturais que da Juventude à velhice te uniram a Biblioteca Nacional. Quiseste que eu fosse continuador de teu programa — e eu removi montanhas, para que se cumprisse o mandamento da tua bondade. Nada do que te prometi, deixei de realizar. Tivesse ontem toda a Biblioteca Nacional diante de teu corpo e hoje chora no seu mastro a bandeira da Pátria em funeral. A bordo do teu túmulo, neste diálogo com a eternidade que se resolve em monólogo por força da fragilidade da minha condição — venho reafirmar-te que na tua Casa continhas presente, com teus livros, a memória do teu saber, a lição do teu exemplo e a inscrição dourada de teu nome que eu fiz colocar à entrada do salão principal da Biblioteca — e intencionalmente a coloquei bem no alto a fim de que as cabeças humanas sempre se ergam para ver a tua glória."

COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇUCAR DE PRODUÇÃO DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO DO PAIS E DO EXTERIOR

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 218 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00
 " integralizado Cr\$ 4.877.200,00
 Fundo de Reserva.... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escritório no Rio de Janeiro: — Rua da Candelária n.º 9 — s/301

Em São Paulo: — Rua Alvares Penteado n.º 180 — s/509

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Castano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leôncio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enoch Maranhão.

O falecimento de Rodolfo Garcia

(Palavras pronunciadas na Academia Brasileira de Letras em 17 do corrente)

Quero trazer a Rodolfo Garcia, sr. Presidente, a palavra de saudade da Comissão de Publicações, que ele tanto amou, para a qual ele tanto trabalhou.

Achavam-se de tal forma integrados, o nosso querido colega e aquela comissão, que pronunciar o nome dele era como que evocar, desde logo, o prestígio, e a longa, a longuíssima fôlha de serviços, que à cultura brasileira tem prestado aquele recanto de nossa casa. Companheiro ali de Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia deu à nossa Comissão os recursos inapreciáveis de sua erudição sem igual naquela paciência muita vez divinatória, com que sabia examinar os textos mais difíceis, aquele infatigável intuito que o levava a procurar o documento exato no lugar exato. Não procurava resumir os trabalhos que ele ali realizava, porque para isso careceria de um tempo muito mais repousado e largo do que o que me permite a ocasião de hoje.

Mas lembrarei, como síntese e símbolo de todos, aquele último esforço, o último grande empenhamento a que Rodolfo Garcia se entregou na Comissão de Publicações, para o maior esplendor de nossa casa. Retiro-me à reedição de *Flortlegio da Poesia Brasileira*, de Varnhagem.

Era uma louca de nossa bibliografia, uma extraordinária obra que desde muitos anos se achava totalmente esgotada. Era difícil encontrar alguém que ousasse tocar no monumento, em primeiro lugar porque uma obra como aquela nunca poderia representar uma realização econômica, em um país como o nosso, em que os leitores se acham em geral tão desligados da cultura verdadeiramente desinteressada; e, em segundo lugar, porque o *Flortlegio da Poesia Brasileira* estava a exigir um editor que fosse ao mesmo tempo um crítico e um erudito. Realmente, mestre Varnhagem deu a sua obra em meados do século passado, preparando-a fora do nosso País, em cidades ilustres sem dúvida, mas nas quais os recursos relativos às informações biográficas e bibliográficas dos poetas brasileiros eram muito poucos, quando não de todo inexistentes. Só se compreendia uma nova edição da encantadora antologia, se fosse possível enriquecê-la, com o acrescentar-lhe acres dos poetas ali perpetuados nas informações indispensáveis. E onde o escritor que tivesse desejo de enfrentar um trabalho desse? Onde o crítico arguto, o pesquisador capaz de se deter sobre infarrabos hostis, para encontrar de cada um daqueles autores escolhidos por Varnhagem os dados imprescindíveis? Não era fácil encontrar esse homem. As pesquisas desse gênero são por demais sem brilho, por demais ser ártico, por demais sem encanto. E' preciso possuir um extremo sentimento de renúncia, uma desambição suprema do próprio nome, para que um escritor se resigna a tal espécie humilde e ingloria de trabalho. A Academia o sabe muito bem, ela que foi fundada ao tempo em que ainda vivia aquele inaneável beneditino do nossas letras que se chamou Sacramento Blake, ela que entretanto jamais teve um simples alvo de pensamento de trazer o infatigável pesquisado, para os nossos quadros iniciais...

Mas Rodolfo Garcia possuía esse sentimento de renúncia, possuía essa desambição, que eu chamarei heroica, de sua própria glória. E foi com esses recursos que se achou capacitado a retomar o trabalho de Varnhagem. Sabéis o que resultou

daqueles longos, infinitas meses, em que ele se debruçou sobre o *Flortlegio*, na reconstrução dos textos, no levantamento das noções da vida e da obra de cada autor, na descoberta de muitas biografias que haviam passado desconhecidas a Varnhagem. Ergueu, assim, um novo monumento da cultura brasileira, um dos autênticos títulos que honram a Academia.

Tudo ali, nessa monumental reedição, inclusive a revisão tipográfica, é trabalho de Rodolfo Garcia. E eu me pergunto, meus senhores, dado o tipo minúsculo, dada a composição em caracteres miúdos, que ali foi empregada, eu me pergunto a mim mesmo se não terá aquele caráter contribuído para a enfermidade dos olhos que por aquele tempo afetou o nosso querido colega, enfermidade essa que, como se sabe, marcou o início da decadência física de Rodolfo Garcia.

O amor extremo que Rodolfo Garcia dedicou à nossa Comissão de Publicações, era uma das muitas formas da fome e da sede de saber que havia naquele raro espírito. Ele não guardava seus conhecimentos para si só, sabia também distribuí-los pelos outros. Dessa generosidade com que compartilhava pelos outros tudo e que aprendia foi incessante prova o período em que lhe coube dirigir a Biblioteca Nacional. Ali tornou-se ele o centro de um curiosíssimo movimento intelectual, e tal era o afiluzo de grandes nomes que dia a dia se achavam no seu gabinete, pedindo o seu auxílio para uma pesquisa erudita, ou apenas levados pelo prazer de vê-lo e de ouvi-lo, que aquele grupo acabou por se batizar a si mesmo como a Academia Rodolfo Garcia. Dessa amena e encantadora sociedade sem estatutos faziam parte eminentes escritores, que antecederam Rodolfo Garcia no túmulo, como Afrânio Peixoto, Alberto Rangel, Tasso Fragoso, Arthur Neiva, Souza Doca, Aurelio Pôrto, Eugênio de Castro, Rocha Pombo, Primitivo Moacir. Dela faziam parte também vários dos brasileiros ilustres que temos a honra de contar entre os nossos colegas — os Srs. Afonso de Taunay e Afonso Pena Júnior, Barbosa Lima Sobrinho e Levi Carneiro, Macedo Soares e Miguel Osório de Almeida, Pedro Calmon e Peregrino Júnior, Luito Edmundo e Serafim Leite, Rodrigo Otávio Filho e Viriato Corrêa. Cada um deles lembrará o afeto com que a todos sabia receber o presidente nato daquelas amáveis tertúlias, e lembrará também a finura da fôlha, a malícia sem maladeia, com que muitas vezes o austero espírito daquele austero historiador punha um tom de graça e um sorriso naquelas reuniões.

O atual diretor da Biblioteca Nacional, discípulo fiel, amigo, desvelado do nosso querido companheiro, era um dos elementos mais prestigiosos e assíduos da Academia Rodolfo Garcia.

Como acontece conosco, com todos aqueles que aqui, na Casa de Machado de Assis, gozaram do privilégio do convívio e da amizade de Rodolfo Garcia aqueles que na Biblioteca Nacional trabalharam sob sua direção acham-se neste momento opressos, sob uma saudade sem remédio. Para atender à um imperativo de sua amizade, e um desejo de todos os seus companheiros, o Sr. José Montello tomou uma deliberação que eu tenho agora a satisfação de comunicar a Academia: vai, por um lado, organizar um *In Memoriam*, no qual ficará coligido tudo o que de mais expressivo a inteligência brasileira produziu, como estudo ou como reminiscência, em torno de Rodolfo

A VIDA DOS LIVROS

- Conde, Herminio — *La Tragedia Ocular de Machado de Assis* — Prólogo del Dr. A. Vazquez Barriere — Montevideo — Uruguai — Traducción de la Dra. Elcira Pinticart de W. — Santiago — Chile — Libreria y Editorial El Ateneo — Buenos Aires — 1947 — 144 páginas.
- *Cuadernos Dominicanos de Cultura* — Mensuario — Año VI, — número 67 — Marzo de 1949 — Vol. VI.
- *Cuadernos Dominicanos de Cultura* — Mensuario — Año VI — Número 68 — Abril de 1949 — Vol. VI.
- *CULTURA* — Revista quadrimestral publicada pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde — Diretor — José Simões Leal. Ano I, janeiro-abril de 1949 — n.º 2 — 295 páginas.
- Dantas, Olavo — do P.E.N. Clube do Brasil — Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo e do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco — *Demas do Nape do Amor* (romance) — Capa de Osvaldo Teixeira — Irmãos Pongetti, Editores — Rio de Janeiro, 1949 — 225 páginas.
- Dias, Eduardo — *A terra da Vera Cruz no era de Quinhentos* — Coleção Atlântico n.º 4 — Seção de Intercâmbio Luso-Brasileiro do S.N.I. — Lisboa, 1949 — 162 páginas.
- *DIGESTO ECONOMICO* — Sob os auspícios da Associação Comercial de São Paulo e da Federação do Comércio do Estado de São Paulo — n.º 57 — agosto de 1949, ano V — 133 páginas. n.º 58 — setembro de 1949 — ano V, 145 páginas.
- *Digesto Econômico* — número 55 — junho de 1949 — Ano V — 127 páginas.
- *Digesto Econômico* — número 56 — julho de 1949 — Ano V — 145 páginas.
- *Documentos dos Arquivos Portugueses que Importam ao Brasil* — Seção de Intercâmbio Luso-Brasileiro do S.N.I. — Número 31 — maio de 1949.
- Dornas Filho, João — *Os Ciganos em Minas Gerais* — Separata do vol. III, páginas 138 a 187 da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais", 1948 — Distribuição do Movimento Editorial Panorama — Belo Horizonte, 1949 — 70 páginas.
- Encerra: I — Influência social do Cigano; II — Vocabulário Cigano.
- Du Gard, Roger Martin — *O Drama de Jean Barois* — Tradução de Vidal de Oliveira — Coleção Nobel — Editora Globo — 1949 — 403 páginas.
- Dupré, Panny Luiza — *Féltalas no cento* (Halkais) — Editora Cúpulo Ltda. 1949 — 140 páginas.
- Elton, Elmo (do P.E.N. Clube do Brasil) — *Métnino de Engenho* — Vitória — Espírito Santo, 1949 — 14 páginas.
- *Educação Secundária no Distrito Federal* — A Rede de Ginásios Gratuitos — Rio de Janeiro, Brasil 1949 — 43 páginas.
- *Ensino da Língua Portuguesa nas Escolas Místrias* — Publicações da Secretaria da Educação — Minas Gerais — Brasil — Imprensa Oficial — Belo Horizonte, 1949 — 76 páginas.
- Etienne Filho, J. — *Dia e Noite* — Poesia — Livraria Agr Editora — Rio de Janeiro, 1947 — 102 páginas.
- *Exposição do livro inglês contemporâneo* — sob o patrocínio do Conselho Britânico no Brasil e do Instituto Nacional do Livro — Rio-São Paulo, 1947.
- Fontoura, João Neves da — *Relação entre o Estado e a Política Internacional* — Conferência realizada na Escola do Estado-Maior e Comando da Aeronáutica, no dia 11 de outubro de 1948 — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de publicações.
- Faria, Idelmis Ribeiro de — *Alma Nua* — Poemas — Editora Anchieta — S. Paulo — 78 páginas.
- *Francisco, nós cremos em três* — (Programas da PRA-2) — Ministério da Educação e Saúde — Serviço de Radiodifusão Educativa — 1944 — 203 páginas — Imprensa Nacional, 1945.
- *Freire, Aníbal da Fonseca* — *Academia Brasileira de Letras* — Discurso de recepção de... — Discurso em resposta de João Neves da Fontoura — em 10 de maio de 1949 — Rio de Janeiro, 1949 — Of. Gráficas do Jornal do Comércio — 63 páginas.
- Freyre, Gilberto — *Joaquim Nabuco* — Livraria José Olímpio Editora — 1948 — 47 páginas.
- Freyre, Gilberto — *Nação e Exército* — Conferência proferida na Escola do Estado-Maior do Exército, a convite do seu Comandante, General Triástio de Alencar Araripe, no dia 30 de novembro de 1948. E publicada com pequenos acréscimos — Livraria José Olímpio Editora, 1949 — 95 páginas.
- Freyre, Gilberto — *Guerra, paz e ciência* — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1948 — 35 páginas.
- Gonçalves, Ministro R. Mendes — *A Conferência de Petrópolis* (Palestra realizada em 26 de setembro de 1947, na Faculdade de Direito de São Paulo) — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Publicações Imprensa Nacional, 1947 — 29 páginas.
- Graça, Lúcia de Alencastro — *Espétno Escondido* — Alvorada — 82 páginas.
- Gutmarães, João — *Viajem através do Brasil* — vol. 8 — Distrito Federal — Ilustrações de Percy Lau — Edições Melhoramentos — 93 páginas.
- Gutmarães Filho, Alphonso de — *A Cidade do Sul* — Poesia — Coleção Múflia de Dirceu, n.º 1 — Movimento Editorial Panorama — Belo Horizonte, 1948 — 109 páginas.
- Gullar, Ferreira — *Um pouco acima do chão* — Poesia — Capa de Floriano — São Luís— Maranhã, 1949— 94 páginas.
- *Hino de Rio Bonito* — Letra de Renato de Lacerda; Música de Abdon Lima.
- Henrique João — *A Internacionalização de Jerusalém* — In-16, de 34 p.p., com 1 mapa — Publicação do Ministério das Relações Exteriores — Rio de Janeiro — 1949.
- Holanda, Guerra de — *O Rosto* — Poesia — Capa de Edison Regis — Edições Região — Recife, 1948 — 77 páginas.
- *Inaugurando...* — Publicação da S.N. América Terrestres, Marítimas e Acidentes — (1949).
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Estu-

Garcia; e vai por outro lado, reunir, em dois extensos volumes, toda a obra avulsa, os numerosos estudos sobre assuntos de história, de crítica, de reconstituição literária ou social, que o nosso confrade deixou dispersos em tantos lugares.

Trazendo à Academia essa comunicação, eu quero exprimir de maneira muito particular os sentimentos de aplausos, de completo apoio, e também de agradecimento, com que a Comissão de Publicações vê prestada a um dos seus vultos mais eminentes uma homenagem tão bela e tão justa.

Mucio Leão

"SÃO PAULO"
COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker
 Dr. Erasmo Teixeira de Assunção
 Dr. J. C. de Macedo Soares

A VIDA DOS LIVROS

dos de Estatística e Teórica Aplicada — Estatística Demográfica, n.º 7 — Aplicação Comparativa de diferentes critérios para as estimativas da população do Brasil no período entre os recenseamentos de 1940 e 1950 — Rio de Janeiro — Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1949 — 37 páginas.

— Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Revista Brasileira de Estatística — ano IX — julho-setembro de 1948 — n.º 35 — de páginas 300 a 371.

— Ivo Lado — Cântico — Versos — In-16, de 110 p.p., com ilustrações do Sr. Emeric Marcler — Capa ilustrada pelo mesmo artista — Livraria José Olímpio, Editora — Rio de Janeiro — 1949.

— Intercâmbio — Revista Trimestral — 1 até 3 — janeiro a março de 1949 — 7.º ano. — Intercâmbio — Revista pág. 4 até 6 — abril-junho de Trimestral — VII ano — 4 até 6 — abril-junho de 1949, 68 páginas.

— Intercâmbio — Revista Trimestral — VII ano, 7 até 9 — julho, agosto, setembro de

1949 — *Bi-centenário do nascimento de Goethe* — 102 páginas.

— Itamarati — Boletim do Serviço de Informações para o Exterior — Ministério das Relações Exteriores — Rio de Janeiro, Brasil — n.º 34 — 15 de abril de 1949 — De páginas 195 a 227.

— José Jorge — *Hóstias* — Versos — com um prefácio de Brasil dos Reis — 1949 — 45 páginas.

— Jacá (filho), Cândido — *Uma Obra Clássica Brasileira* — Tese de Concurso a uma cadeira de Português no Colégio Pedro II — fevereiro de 1949 — 100 páginas.

— *Kriterion* — Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais — n.º 7-8 — janeiro a junho 1949 — Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil — de páginas 165 a 327.

— Lacerda, Carlos de — *O Brasil e o Mundo Árabe* — Rio de Janeiro, 1948 235 páginas.

— Lacerda, Renato de — *Um poeta singular* — B. Lopes — 1949 — 159 páginas.

— Lacombe, Américo Jacobina — *Rio Branco e Rui Barbosa* — Comissão Preparatória do Centenário do Barão do Rio Branco — Monografias, III — Ministério das Relações Exteriores — Imprensa Nacional, 1948 — 132 páginas.

— Launes, José — *Candeia* 2.ª edição aumentada — São Paulo — Livraria Martins Editora — 1948 — 138 páginas.

— Lima, Brájamim — *Teatro de B. L.* — Gráfica Editora Aurora Ltda. — Rio de Janeiro — 271 páginas.

— Lopes, Cid Corrêa — *Caminhos do Infinito* — Poemas — Montevidéu, 1949 — 74 páginas.

— Lima, Alfredo Guimarães de Oliveira — *Ministro do Tribunal de Contas da União* — *Tribunal de Contas* — Relatório publicado no suplemento n.º 301 do Diário Oficial de 30 de dezembro de 1948 — Departamento de Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — Brasil, 1949 — 181 páginas.

— *L'Italia che scrive* — *Rassegna per il mondo che legge* — Anno trentaduesimo — Número 2 — Fevereiro 1949 de páginas 25 a 48.

— Loureiro, Pinarro — *Lingua Brasileira* — Conferência pronunciada no Instituto de Estudos Portugueses do Liceu Literário Português, fundação José Gomes Lopes em 8 de julho de 1946 — Edição do Liceu Literário Português — 27 páginas.

— Macedo Soares, José Carlos de — de a Academia Brasileira de Letras, de a Academia Argentina de Letras, de a Academia Uruguaya de Letras — *Cervantes en el Brasil* (Estúdio inserto em o Boletim de a Academia Argentina de Letras, Tomo XVII, n.º 61, "Homenaje a Cervantes"). — São Paulo, 1949 — 27 páginas.

— *Frei Gabriel Teófilo (Tirso de Molina)* — Conferência pronunciada pelo senhor Embaixador José Carlos de Macedo Soares na Academia Brasileira de Letras aos 2 de dezembro de 1948 — Tipografia Edanez Ltda. — São Paulo, 1949 — 36 páginas.

— Manuel Sobrinho (Da Academia Maranhense de Letras) — *Hora Humorada* (Versos) — Capa de Euclides L. dos Santos — Editora Aurora — Rio de Janeiro, 1948 — 193 páginas.

— Mariano, Olegário — *Canções de encurtar caminho* — Poemas — José Olímpio, Editora — 80 páginas.

— Martins, Mário R. — *Estudo Sistemático dos Verbos Portugueses* — 3.ª edição — Gráfica Olímpio Editora — Rio de Janeiro, 1948 — 233 páginas.

— Maurício Augusto — *O Solar d'El Rey* — Capa de Rafael Lególio — Ilustrações de Ari Duarte — Imprensa Nacional — Rio, 1949 — 107 páginas.

— Melo, Rubens Ferreira de — *A "Carretera", seus encantos e vicissitudes* — Oração de Pa-

ranino por ocasião da entrega dos diplomas a primeira turma do Curso de Direito Diplomático e Consular do Instituto de Direito Comparado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 26 de dezembro de 1948 — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1949.

— Melo, Veríssimo de — *Supersições de São João* — Pequenas Edições "Bando" — Natal, 1949.

— Mendonça, Renato de — *A Influência Africana no Português do Brasil* — Prefácio de Rodolfo Garcia, da Academia Brasileira de Letras — 3.ª edição — Livraria Figueirinhas — Pôrto, 1948 — 285 páginas.

— Mendonça, Renato de — *Pequena História do Brasil* — Lisboa, 1946 — 176 páginas.

— Menezes, Raimundo de — *Escritores na Infância* — Edição Ilustrada Livraria Martins Editora S. A. — São Paulo, 1949 — 326 páginas.

— Menezes, Raimundo de — *Amilho de Menezes, o último boêmio* — 2.ª edição refundida — Coleção Saravá, n.º 13 — Edição Saravá — São Paulo, 1949 — 244 páginas.

— Ministério das Relações Exteriores — Departamento de Administração — *Jurisdição Consular* — abril de 1949 — 16 páginas.

— Departamento de Administração — Divisão do Pessoal — *Lista de Endereços* — abril de 1948 — 36 páginas.

— Moraes de los Rios Filho, Prof. Adolfo — Presidente do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura — *Evolução do Ensino de Engenharia e da Arquitetura no Brasil* — Oração pronunciada por ocasião da Inauguração da "Faculdade de Arquitetura Mackenzie", de São Paulo, em 12 de agosto de 1947 — Separata de "Engenharia" vol. VI — Número 62 — outubro, 1947 — São Paulo — Brasil, 1947 — 5 páginas.

— Moreaux, Sílvia — *Flor da Madrugada* — Poemas — Livraria Editora Zelio Valverde S.A. — 1949 — 94 páginas.

— Nabuco, Joaquim — *Bibliografia de Joaquim Nabuco* — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Documentação — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1949 — 93 páginas.

— Napoleão, Aluísio — *Rio Branco e as relações entre o Brasil e os Estados Unidos* — Comissão Preparatória do Centenário do Barão do Rio Branco, II — Monografias — Ministério das Relações Exteriores — Imprensa Nacional, 1947 — 215 páginas.

— Nobre de Melo, A. L. — *Mundos Mágicos* — Ensaio — Livraria José Olímpio Editora — 1949 — 157 páginas.

— Nogueira, Júlio — *Aspectos característicos da nossa língua em Portugal e no Brasil* — Conferência pronunciada no Instituto de Estudos Portugueses do Liceu Literário Português, fundação José Gomes Lo-

pes — em 12 de agosto de 1946 — Edição do Liceu Literário Português, 1946 — 53 páginas.

— Noronha, Sebastião — *Sombras e Claridades* — Belo Horizonte, 1948 254 páginas.

— Olímpio, Domingos — *Luzia-Homen* — Gráfica Editora Brasileira Ltda. — São Paulo, 1949 — 239 páginas.

— Oliveira, J. Gualberto de — *Panorama Literário e Artístico da Frlândia* — São Paulo, 1949 — 203 páginas.

— Peregrino, Umberto — *A margem do problema alimentar brasileiro* (Tarefas e realizações do (SAPS) — Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) — 1949 — 135 páginas.

— Pereira Reis Júnior — *A vida de Rui Barbosa para as crianças do Brasil* — Ilustrações reproduzidas do original por Goulart. — Rio de Janeiro, 1949 — 61 páginas.

— Pereira, Altamirano Nunes — Professor do Colégio Militar — *Breves considerações a propósito da Língua Brasileira* — Edição da Academia Brasileira de Filologia — Rio de Janeiro, 1946 — 73 páginas.

— Pinto, Nilo Aparecida — *Músico da Fonte* — Poemas — Imprensa Oficial — Belo Horizonte, 1949 — 132 páginas.

— Putnam, Samuel — *Four centuries of Brazilian Literature* — *Marvelous Journey* — Alfred A. Knopf — New York, 1948 — 269 páginas.

— Pereira Filho, Genésio — *Rui Barbosa para a juventude* — Editorial Guanumbi — 1949 — 59 páginas.

— Piloto, Valdirio — da Academia Paranaense de Letras — *Projeções* — Capa de Luis Piloto — Gráfica Condor, Curitiba — 1947 — 290 páginas.

— Pimentel, Ciro — *Poemas* — Cadernos do Clube de Poetas — São Paulo, 1948 34 páginas.

— *Portugal* — Revista de Cultura — 2.ª série, Janeiro-abril de 1949 — números 19-20 — Pôrto — Portugal — 80 páginas.

— Quincey, Reynold — *Os Hormônios e a Natureza Humana* — Tradução de Joel Cavalcanti — Editora Anchieta S/A — São Paulo, 1946 — 92 páginas.

— Rache, Pedro Demóstenes — *Deus e o Amor da Pátria* — 1949 — 95 páginas. Rache, Pedro Demóstenes — *Enxadas de Papel Moeda* — 1949 — 47 páginas.

— Regina, Sônia — *O Passaro de Jade* — Capa de Alberto Lima — Rio de Janeiro, 1946 — 143 páginas.

— Reis, Antônio Simões dos — *Poetas do Brasil* (bibliografia) — 1.º volume — Bibliografia Brasileira, n.º III — Organizações Simões — Rio, 1949 — 178 páginas.

(continua na página seguinte)

Prólogo das "Aventuras de Diófanes"

(Continuação da pág. 161)

rar ser mal desempenhada a intimação dos que dão à estampa os seus escritos, pois não tenho mais tempo, que para refletir no alívio, que recebo, dispendendo em trabalhos, que aos meus excedem, quando se me representa a maior grandeza na grandeza abatida; a formatura sem indecentes adornos, adornada de virtudes; o sábio virtuoso, que entre os inimigos da verdade não se lhe apoucam as luzes, que conduzem para a glória das Majestades; o prazer dos pais, que chegam a ver bem sazoados os frutos da boa educação; o horror, com que os justos sabem ver o indigno aspecto da honra; e as mudanças do tempo, que sempre vem a dar o seu a seu dono. Para ser sofrível o meu atriamento, adverte que a morte me há-de separar dos meus, e que (só assim) ainda depois de me haver reduzido a alheios desenganos, lhes ficarei advertindo o que lhes convém; e tenho tão disposto o ânimo para sofrer os inimigos desta obra, que já espero a crítica, assim como os valorosos, que têm por maior o trabalho de fugir, que o de esperar; pois me anima o sólido prazer de que sobre as minhas ignorâncias se formam polidos edifícios com acertadas medidas para se praticarem científicas doutrinas. Acham-se as gentes tão dominadas de paixões particulares, que muitas vezes só se estimam as obras para maltratarem os seus Autores; porque não advertem, que empregar as forças do engenho, e sutileza em destruir as da razão não é vencer os esplendores da verdade. Eu não tenho mais armas, que o meu bom ânimo, e verdadeira sinceridade, e com o maior prazer sofrerei que me repreendam os sábios; mas para tolerar néscios mal intencionados, será preciso refletir, que com instrumentos grosseiros também se apuram os sofrimentos. Mais cruel foi a guerra dos Romanos com os Penos, que a dos Gregos com os Troianos, porque estes pelejaram pela injúria de Helena, e os outros sobre qual ficaria com o senhorio do Mundo; porque faz maior estrago a inimizade que nasce de paixões desordenadas, que aquelas, a que as ofensas dão causa, porque estas cura o temor de Deus com o tempo e a

vil emulação raras vezes se descuida. Um dos defeitos que alguns acabaram nesta obra, será a idéia fantástica, podendo aplicar-se o mesmo tempo à história verdadeira; ao que respondo, que me persuadiram os Espanhóis, Franceses, e Italianos, que entendem ser este método o que produz melhor efeito, e como de Grego não sei cousa alguma, e as mais línguas pouco melhor as entendo, por não mendigar notícias antigas, nem me arriscar a mentir errando, me resolvi a seguir o caminho desta idéia em que são os eventos e objetos fantásticos, mas não o essencial, que conduza para o melhor fim; pelo que não me saqueiem mais culpas, que o consentir na tentação de uma demasiada curiosidade; porque ainda que a minha debilidade, engolfando-se em tristezas, resistia a aplicações divertidas, desprezei o descaço, que me affigia, lembrando-me de ser incomparavelmente melhor sofrer o mal, que ter idéias para o fazer; e ainda que o justo, e o próprio conhecimento me persuadiam a que estes produtos do meu divertimento fossem (como outros) reduzidos a cinzas, o sentir os influxos de uma benigna Estrela, a quem sempre segurei a minha escravidão, e reverente afeto, me anima a dar ao prelo estas Aventuras de Diófanes. Não estranhes que em uma serrana coubessem soberanos pensamentos, pois sabes que em uma Aldeia nasceu Pirro, que venceu os Epirotas; em outra Cipião, que venceu os Africanos; em outra Otávio, que venceu os Germanos; e em outra Tito, que venceu os Palestinos; mas no caso que a enchente das críticas engrossou tanto que cheguem a sátiras, nem assim creias que me chegarão à notícia, porque vivo na minha choupana vizinha da Serra da Estréla, aonde não chegam novidades da Côte; mas se houver quem se resolve a maltratar-me, eu lhe respondo com Demétrio, quando lhe perguntou Lâmia, porque estava triste e não falava? Dizendo: Deixa, que eu faço bem o meu ofício, calando, como tu o teu, falando; e se a descrição degenerar, sendo ingrata às intenções desta obra, a infâmia de ser tal tera por satisfação do meu agravo.

O centenário de Ruy Barbosa

(Continuação da pág. 170)

prosa, que diziamos os adversários qual metralha, que acutilaram mais do que o aço dos fletetes, que vibraram mais do que as clarinadas em batalha e que alforçaram e construíram a República, a liberdade e a democracia.

Ruy Barbosa! — apresentando em nome do Distrito Federal as despedidas da Capital da República, cenário eleito de tua vida gloriosa, o faço com o pensamento na consecução final de teu desejo, recordando aqui as tuas próprias palavras na imortalidade à Bahia.

"Depois disto... diante disto não sei como principio..."

"Aos primeiros sorrisos lânguidos de minha terra, na curva azul da enseada, enquanto o vapor me aproximava rapidamente destas plagas, onde minha mãe me embalou primeiro e meus filhos me velarão, talvez, o último sono, vindo pendurar-se no céu e estremecer para mim o ninho onde cantou Castro Alves, verde ninho murmuroso de eterna poesia, debruçado entre as ondas e os astros,

parecia-me que a saudade amado fantasma evocado pelo coração, me estendia os braços de toda a parte no longo amplo do horizonte".

Val, Ruy Barbosa! não somente os teus filhos, mas também os teus irmãos e todo o Brasil velarão, na eternidade, no teu último sono a tua memória: e, ali, na tua amada Bahia, "na curva azul de sua enseada" e naquelas "doças plagas" o teu espírito há-de pairar sempre, sobre o Brasil, conduzindo-nos como até hoje Austerlitz inflama os franceses, pelo caminho do direito e da Justiça. Com as bandeiras de Hala, de Buenos Aires e do Rio de Janeiro iremos sempre unidos, ombro a ombro, para a implantação definitiva da Democracia no Brasil sob a égide da liberdade, conclamando os homens públicos para os exemplos "dêsse prodigioso espírito" que foi, pela "eminência de suas letras e grandezas de seu civismo, orgulho da Pátria, apóstolo da lei e ornamento da humanidade, latina".

O Rio de Janeiro compungido, entressa-te à Bahia! A tua glória permanecerá aqui, e, a imortalidade em todo o Brasil!"

A VIDA DOS LIVROS

(Continuação da página anterior)

— Revista da Academia Brasileira de Letras — Ano 47 — vol. 75 — Anais de 1948 — Janeiro a Junho — 368 páginas.

— Revista da Academia Brasileira de Letras — Ano 46, volumes 74 — Anais de 1947 — Julho a dezembro — 571 páginas.

— Revista Brasileira de Estatística — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Ano X — janeiro-março de 1949 — n.º 37 — 149 páginas.

— Revista da Associação dos Ex-Alunos do Colégio Militar — Ano I, n.º I — Rio de Janeiro (Brasil) — janeiro-março 1949 — 16 páginas.

— Revista do Serviço Público — Órgão de Interesses da Administração — Ano XI — março e abril de 1948 — vol. I — números 3 e 4.

Ricci — Angelo — Un poeta dell'esperienza — (Paulo Correa Lopes) — Porto Alegre, 1948 — Of. Gráf. da Livraria Globo S/A — 95 páginas.

— Rodrigues, José Honório — Capitalismo e Protestantismo, estado atual do problema — Instituto de Economia — órgão da Associação Comercial de São Paulo e da Federação do Comércio do Estado de São Paulo — Separata do Digesto Econômico, novembro de 1948 — 20 páginas.

— Rodrigues, José Júlio — Comentários do Prof. Dr. ... das Hezões profetizadas durante o ano letivo de 1947, na cátedra do "Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Pinheiro" do Liceu Literário Português (Fundação José Gomez Lopes) — Rio de Janeiro, 1948 — 119 páginas.

— Rodrigues, José Júlio — A Evolução, a eficiência e a grandeza do Liceu Literário Português — Artigos do Professor ... publicados na "Voz de Portugal". Notícia da homenagem prestada aos intelectuais brasileiros e portugueses. — Gráfica Olímpica — 1948 — 63 páginas.

LUIZ ANDRADE

Entre os centenários ilustres deste ano, conta-se o de Luiz de Andrade, o brilhante jornalista e homem de letras que se impôs aos meios espirituais brasileiros com o seu pseudônimo de Julio Verim. Era um liberal de tempera vibrante e destemido, e sua atuação nas grandes reformas democráticas da Abolição e da República foi digna de destaque. Sobretudo nas campanhas abolicionistas teve ele um belo e marcado papel.

Filho de Pernambuco, a provincia que desde tão cedo manifestou o amor pela liberdade, o desejo e a ambição de lutar e morrer por ela — Luiz de Andrade representou esplendidamente a alma e o coração do povo do Leão do Norte. Seu nome figuraria ao lado do de José Mariano, do de João Ramos, do de Numa Pompílio do de todos aqueles heróis gloriosos que Joaquim Nabuco immortalizou num dos capítulos de *Minha Formação* — se ele não houvesse saído tão cedo de sua terra natal, Salu, porém foi educar-se em Lisboa. Ali, diz-se de passagem gozou de prestigiosas amizades. Foi companheiro assíduo de Gonçalves Crespo, amigo íntimo de Guerra Junqueiro. Redigiu com esses dois poetas, e com outros eminentes vultos das letras e da vida lusitana, jornais e revistas de valor.

Ao regressar ao Brasil encontrou o ambiente nacional ardendo nas aspirações da Abolição. Desposou a grande causa, e o fez apostoladamente. Foi por 17 anos o companheiro de todas as horas de Angelo Agostini, na sua incomparável *Revista Ilustrada*. Foi um dos gigantes que lideraram José do Patrocínio na *Gazeta da Tarde*. Foi, igualmente, um dos redatores mais prestantes do *Diário de Notícias*, quando Rui ali fundou a campanha pela Federação das Províncias, a campanha que resultou na propagação da ideia da República.

Mas a atuação de Luiz de Andrade não se circunscreve a essas três gazetas. Jornalista desde a mocidade, fora em Portugal redator da *Lanterna Mágica*, com Bordoal Pinheiro, Guilherme Azevedo e Guerra Junqueiro. Fora ali também colaborador da *Fôlha*, a interessantíssima revista de João Penha. E em nosso país colaborou no *Diário Popular*, no *Cruzeiro*, no *Mosquito*, na *Semana*, na *Gazeta de Notícias*.

Uma fôlha de serviço jornalístico tão considerável impôs naturalmente o brilhante vulto pernambucano a outros postos, sazonou e outras atividades. Em 1890, foi ele deputado à Constituinte Republicana, eleito pelo povo de Pernambuco. Mais tarde, em 1898, foi nomeado bibliotecário do Senado.

Perto do fim de sua vida, já cansado das atividades antigas do jornalismo e da política, retirou-se, para a ilha de Paqueta, que era a menina de seus olhos. Dedicou-se, então a promover os melhoramentos indispensáveis àquela delicioso recanto de Guanabara. A ele ficou devotado Paqueta o seu serviço de abastecimento de água, o de iluminação, o de esgoto, o de telefonia, a construção do seu casa, a sua arborização, a sua delegacia de polícia.

Dispensando-se em tantas atividades, Luiz de Andrade, encontrou, entretanto, o tempo necessário para criar uma obra literária digna de apreço. Chegou a publicar três livros, deixando outros dois inéditos.

Luiz de Andrade nasceu no Recife, a 20 de novembro de 1848, e era filho de Joaquim

Santos Andrade e D. Anália Rodrigues de Andrade. Levado em criança para Portugal ali fez o curso superior de letras, estudando, também em Coimbra, matemática e filologia. A esse tempo coube-lhe redigir, com Guerra Junqueiro, Guilherme Azevedo e Bordoal Pinheiro a sua revista *Lanterna Mágica*. Também por esse tempo colaborou na *Fôlha*, de João Penha.

Voltando ao Brasil, dedicou-se ao trabalho jornalístico, tendo sido redator ou colaborador do *Diário Popular*, do *Cruzeiro*, da *Revista Ilustrada*, da *Gazeta da Tarde*, do *Diário de Notícias*, de *A Semana*.

Da *Gazeta da Tarde*, durante uma viagem que José do Patrocínio fez a Europa (1894) foi seu diretor.

Em 1890 os seus admiradores lhe deram um lugar na Constituinte Republicana, como representante de Pernambuco, em 1898, foi nomeado bibliotecário do Senado. Faleceu nesta capi-

tal em 28 de setembro de 1898, sendo inhumado no cemitério de S. Francisco Xavier.

Deixou os seguintes livros:

— *Cartolanas em prosa* (Tras prefácio de Guerra Junqueiro)

— *Considerações sobre a batalha do Açu*. É uma série de artigos acerca do grande quadro de Pedro Americo.

— *Quadros de ontem e de hoje*

— *Fisionomias Literárias de Portugal e do Brasil*. Crítica. Ficou inédito.

— *Contos transparentes*. Também ficou inédito.

— *Ensaio de Trímnia Popular*.

É uma coleção de suas melhores conferências. Ignoramos se chegou a editá-lo.

Sebastião Galvão faz menção ainda a numerosos trabalhos, conferências, discursos, relatórios, etc. — da autoria do escritor pernambucano.

(A seu respeito veja Autores e Livros, vol. IV, pág. 268).

A Faculdade de Filosofia

Os alunos da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil (os alunos e os mestres também...) se encontram positivamente alarmados, com a possibilidade de virem a perder o prédio em que hoje estudam e trabalham.

Sabe-se que a Faculdade de Filosofia se achava instalada no antigo prédio da Casa de Itália. Ocorreu essa instalação por ocasião da guerra, quando, estando o Brasil de relações cortadas com a Itália, as propriedades das cidades daquele país passaram a ser administradas pelo governo brasileiro.

Passada a guerra, porém, os bens dos nossos inimigos de ontem voltam à propriedade deles. A Itália reivindicou, assim, a posse daquele seu antigo prédio.

Haverá, no assunto, largas e sutis relações de Direito e é certo que não faltarão juristas em nossa terra que salam a campo defendendo os direitos dos italianos ao citado prédio. São esses defensores os incansáveis campeões das teorias e eles se resignariam a fazer o sacrifício de parte de sua vida em benefício de um adversário ou até de um inimigo, se com isso pudessem ostentar diante do mundo um cartaz de idealismo e de desinteresse. Procedem nisso, de resto, inteiramente em desacordo com o respeitável exemplo do rei Vitor Emmanuel III da Itália, o qual, segundo afirma Guilherme Ferrero, ao ser constituído árbitro da questão que o Brasil tinha com a Inglaterra, pronunciava-se, desde logo, sem nenhum exame, tomando o partido decidido da nossa poderosíssima adversária...

No caso atual — o da Faculdade de Filosofia — há várias circunstâncias a considerar por parte do Governo brasileiro, e em primeiro lugar existe esta: a infinita decepção, o amargo desgano, que para o espírito dos estudantes representaria a perda da casa em que já se habituaram a trabalhar, da casa que eles consideram como coisa inerente aos seus esforços e às suas realizações.

Sabemos que o Governo da República se acha empenhado — sinceramente empenhado — em que essa calamidade não venha a cair sobre um dos mais ilustres elementos da Universidade do Brasil — exatamente aquela Faculdade que, pela ele-

vação e pela amplitude dos cursos que abriga, é considerada a cupula do sistema universitário em nosso País.

Os manuscritos de Anatole France

Foram vendidos, recentemente, em Paris, pelo alto preço de 25 mil francos, uns manuscritos de Anatole France.

A esse propósito pergunta um crítico, talvez não demasiadamente amigo da memória do grande escritor: "Haverá, mesmo, manuscritos de Anatole France?"

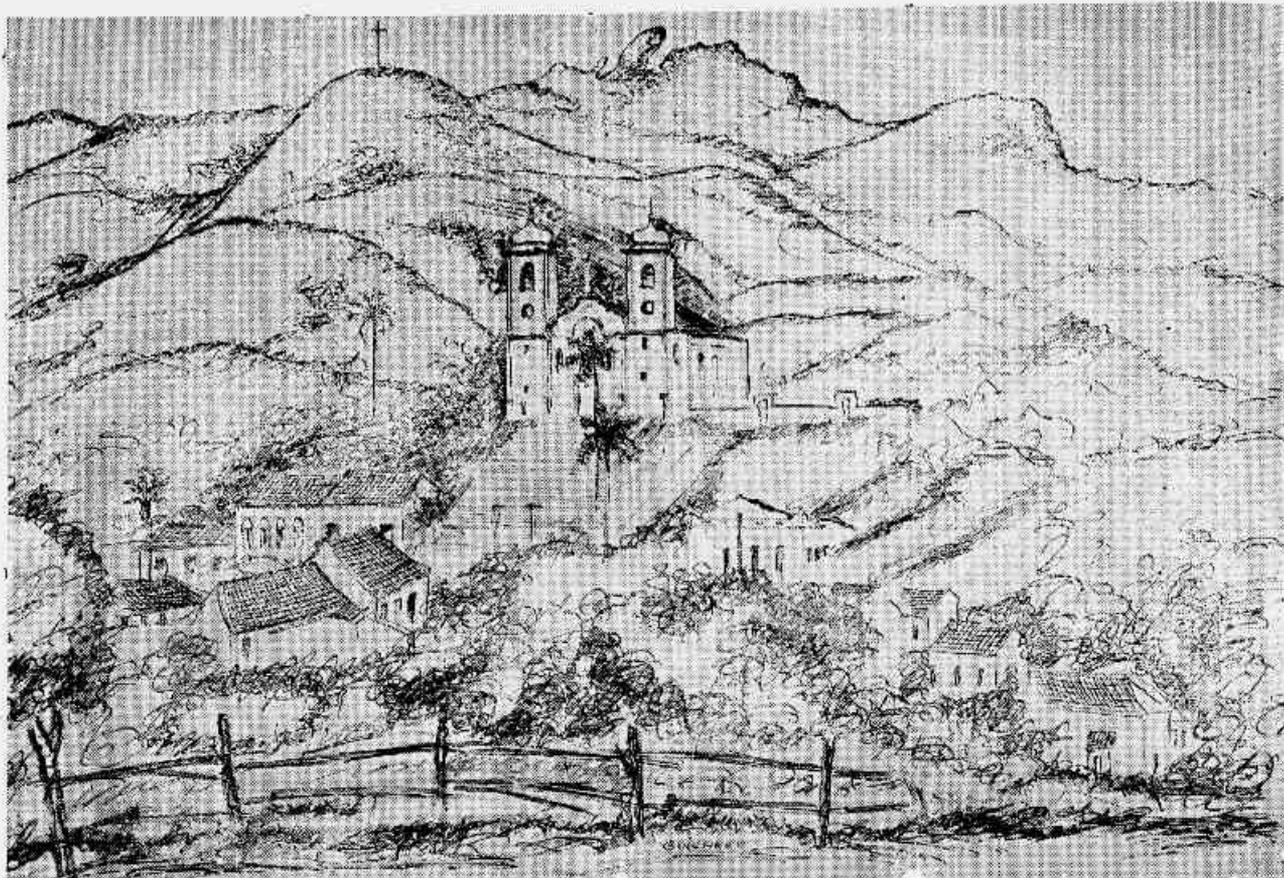
A razão da pergunta é óbvia: é que os originais do criador de Monsieur Bergaret diferem dos de qualquer outro escritor, qualquer que ele seja ou tenha sido.

São suficientemente conhecidos os métodos de trabalho do autor de *Tais*.

Anatole France precisava, para se sentir capaz de trabalhar, de encontrar-se num belo gabinete, entre objetos de arte, sentado numa comoda poltrona, diante de um montão de documentos... Tracejava, então, num papel qualquer — as costas de uma fatura ou de um "menu" de restaurante — um esboço do seu texto. Quando vários desses papéis estavam cheios com o seu letra, ele os colocava numa fôlha de papel. Mandava-os assim para a tipografia. Ia, depois, recebendo as provas: uma, duas, sete, oito, às vezes dez provas lhe passavam pelas mãos! Só ao cabo dessas incessantes emendas, dava o trabalho por terminado.

Mme. de Caillavet, a companheira, a amiga de tantos anos, era, porém, coisa dos tesouros do grande escritor. E terminada a obra-prima, obrigava o mestre a sentar-se de novo em sua mesa de trabalho e a recopiar — agora na versão definitiva — o texto incomparável. São esses os belos originais em papel de Holanda, que os amigos de Anatole France podem ver nas vitrinas da Biblioteca Trianon; alguns deles são os tais que foram agora vendidos. Muitos deles se encontram, por doação de Mme. de Caillavet, na Biblioteca Nacional da França.

E todos dão testemunho da imensa paciência, da miúda e vigilante arte de aranha, com que Anatole France soube tecer o encanto dos seus livros, feitos para vencer os séculos.



Album de Guignard — n.º 14 — Igreja de Santa Ifigênia (Ouró Preto)

AS ELEGIAS DE DUINO

RAINER MARIA RILKE

Segunda Elegia

Cada anjo é terrível. E entretanto, aí de mim,
eu vos louvo, aves quasi mortíferas da alma,
consciente ao vosso redor. Já vão longe os tempos de Tobias,
quando um dos mais esplendorosos apareceu numa simples porta
(de casa,
ligeiramente disfarçado para a viagem e já não mais terrível:
(nada mais que um jovem, para o jovem que curioso olhava
(para fora)

Se o arcanjo, o perigoso, decaesse agora, atrás das estrelas,
um passo em nossa direção: nosso próprio coração
nos mataria por seus batimentos violentos. Quem sois vós?

Precocemente afortunados, vós, os mímos da Criação,
cordilheiras máximas, coroas alvorecentes
de toda a Criação, pólen da divindade em flor,
continuidades de luz, aléas, escadarias, trenos,
espaços de realidade, símbolos de delícia, tumulos
de um sentimento impetuosamente arrebatado e súbito, indí-
vidualmente,
espelhos: que reproduzem no próprio semblante
a mesma beleza efluente.

Nós, porém, onde sentimos, nos diluímos; oh, a nossa vida
nos foge na expiração; de brasa em brasa
o nosso perfume é mais fraco. Então alguém nos dirá:
sim, tu me entras no sangue, este quarto, a primavera
enche-se de ti... De que vale isto, se ele nos pode conter,
nós desaparecemos nele e ao seu redor. E aqueles que são belos,
oh, quem os poderá reter? Ininterruptamente uma claridade
pousa em seu rosto e se apaga. Como o orvalho ante a relva tenra
o nosso ser se esvai sobre nós, como o calor
de uma iguaria fumegante. Oh, sorrir, para onde? Oh, olhar
(seguindo):

nova, cálida e fugitiva onda do coração;
aí de nós, é o que somos enfim. O espaço cósmico
onde nos dissolvemos saberá a nós? Será que os anjos
realmente só aprendem o que desce emana,
ou talvez às vezes, por descuido, existirá
juntamente um pouco da nossa natureza? Estaremos nós
esboçados em seus gestos, apenas como o vago nos rostos
das mulheres gestantes? Eles não o percebem no turbilhão
de seu retorno a si. (Como o poderiam perceber).

Os amantes, se o compreendessem, poderiam falar
prodigiosamente, no ar da noite. Pois parece que tudo

nos é oculto. Vê, as árvores permanecem, as casas
que habitamos ainda existem. Só nós
corremos adiante de tudo como um círculo de ventos.
E tudo se une para nos ignorar, talvez um pouco por
vergonha, e talvez como por infinita esperança.

A vós amantes, que vos bastais reciprocamente,
eu pergunto por nós. Vós vos atingis. Tendes as provas?
Vede o que a mim sucede: minhas mãos
chegam a compreender-se, ou o meu rosto cansado
nelas se poupa. Isso me traz uma certa
senação. Mas quem se arriscaria a existir só por isso?
Vós porém, que cresceis no êxtase um do outro,
até que ele subjugado vos suplica:
não, não mais; vós que debaixo das mãos
vos tornais mais copiosos, como anos de uva;
vós, que às vezes pereceis só porque o outro se excede!
a vós eu pergunto por nós. Eu sei
vós vos tocais tão sublimemente porque a carícia os prende,
porque o lugar, que delicados, vós encobris,
não desaparece; porque, sob o amor, vós sentis
a duração pura. Assim vós vos prometeis quasi a eternidade do
(abraça).

E entretanto, quando resistir ao susto do primeiro olhar a
ã saudade na janela, e ao primeiro passeio juntos, uma vez
no jardim: amantes, ainda o seréis então?
oh, como o bebedor escapa raramente ao ato.

Não vos surpreendia o cuidado dos gestos humanos
nas estrelas áticas? O amor e a despedida não eram
postos tão levemente sobre os ombros, como se fossem feitos
de outra substância que entre nós? Pensa nas mãos,
como elas jazem sem pressão, ainda que a força esteja nos torsos.
Estes dominados sabiam isto: até aqui somos nós,
nos é próprio o tocar-nos assim; mais fortemente
os deuses se firmam contra nós, isto porém é só dos deuses.
Oh, se nós também achássemos um humano puro, contido, estreito,
uma de nossas faixas de terra fértil
entre o rio e o pedregulho. Pois que ainda o próprio coração
nos sobrepuja sempre como a águas. E nós não o podemos mais
seguir com o olhar em quadros, que o suavizam, nem
em corpos divinos, em que ele se torna mais moderado.

Tradução de Lina Paranhos